

você nunca sabe até onde o destino  
pode te levar

# Quando Saturno voltar

LAURA CONRADO

você nunca sabe até onde o destino  
pode te levar

# Quando Saturno voltar

LAURA CONRADO

GLOBAL LIVROS



## DADOS DE COPYRIG HT

### **Sobre a obra:**

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer

usos comerciais do presente conteúdo

### **Sobre nós:**

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.site](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#)

*"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."*



# GLOBAL LIVROS

**Quando Saturno voltar**

**Laura Conrado**

**Copyright © 2015 Editora Globo S.A.**

**Copyright do texto © 2015 Laura Conrado**

O poema *Ode a uma estrela*, de Pablo Neruda, foi retirado da edição da Cosac Naify, 2009, tradução de Carlito Azevedo.

**Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta edição pode ser utilizada ou reproduzida — em qualquer meio ou forma, seja mecânico ou eletrônico, fotocópia, gravação etc. — nem apropriada ou estocada em sistema de banco de dados sem a expressa autorização da editora.**

**Editor responsável** Eugenia Ribas-Vieira

**Editor assistente** Sarah Czapski Simoni

**Editor digital** Erick Santos Cardoso

**Diagramação** Marco Souza

**Projeto gráfico original** Laboratório Secreto

**Preparação** Jane Pessoa

**Revisão** Erika Nakhata, Vanessa Carneiro Rodrigues

**Capa** Rafael Nobre | Babilonia Cultura Editorial

Texto fixado conforme as regras do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (Decreto Legislativo no 54, de 1995).

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Conrado, Laura

Quando Saturno voltar / Laura Conrado. - 1. ed. -

São Paulo : Globo Livros, 2015.

ISBN 978-85-250-6107-2

1. Rom ance infantoj uvenil brasileiro. I. Título.

15-20356 CDD: 028.5

CDU: 087.5

1a edição, 2015

Direitos de edição em língua portuguesa para o Brasil adquiridos por Editora

Globo S.A.

Av. Jaguaré, 1485 — 05346-902

São Paulo — SP — Brasil

www.globolivros.com.br

## **Table of Content**

[Capa](#)

[Ilustração](#)

[Folha de rosto](#)

[Créditos](#)

[Epígrafe](#)

[Nota da autora](#)

[Catorze anos atrás](#)

[Hoje - 1](#)

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

12

Catorze anos depois

Agradecimentos

*É preciso ter o caos em si mesmo para ser capaz de dar à luz uma estrela dançante.*

Friedrich Nietzsche

**Nota da autora**

**A primeira vez que ouvi** a expressão Retorno de Saturno foi numa entrevista de em prego. Durante aquelas dinâmicas em que as pessoas se apresentam, um candidato falou da reviravolta pela qual sua vida passara perto dos vinte e oito anos. Eu, com vinte e quatro na época, pensei que isso não aconteceria comigo. Achava que já havia enfrentado muitas mudanças e crises suficientes até então. Coincidência ou não, passei por um período de profundas transformações por

volta dos meus vinte e nove anos. Justo na época em que eu julgava ter um projeto de vida consistente e acreditava estar extremamente segura de quem eu

era e do que queria. Contudo, certo dia, as luzes se acenderam e percebi que muitas das escolhas que fiz haviam sido fundamentadas em meus medos. Depois

de tanto correr das minhas inseguranças, elas me confrontaram e, daquela vez, não fugi. À maneira com o deus conta, atravessei o meu Retorno de Saturno. (Sim,

agora, eu acredito nessa fase astrológica em que o planeta volta ao lugar onde estava quando nascemos, nos exigindo a madurecimento). Com o canto a Legião

Urbana, “e aos vinte e nove, com o retorno de Saturno, decidi começar a viver”.

Sigo, agora na casa dos trinta, cada dia mais convicta de que quero arriscar, tentar e fazer valer cada experiência que tenho, conferindo à minha existência aquele gostinho de estar vivendo – me esmoreço com alguns medos. A vida está só começando!

Alguns vão chamar de crise dos trinta. Outros apenas de crise. Alguns de Retorno de Saturno. Longe de ser um livro baseado em ocultismo, a história é permeada pela crença que quase todo ser humano tem: o amor. O que aconteceu com a Débora não aconteceu comigo, mas com partilha nela algumas dores e diversas descobertas, dentre elas a que o amor não é uma linha

reta, mas repleta de curvas, afinal, ele tem que ir se adaptando.

Espero que curtam a leitura!

Com carinho,

*Laura Conrado*

### **Catorze anos atrás**

**Per-fei-ta!** Estou absurdam ente gata neste vestido tom ara que caia. Nem sabia que eu ficava tão bem de branco. Pego na m aleta o batom da m inha m ãe e faço

o último o retoque na m aquiagem antes de colocar a tão sonhada coroa. Coisa que só as nobres princesas e as m ortais debutantes podem usar — em bora vontade nada tenha a ver com direito. Eu m esm a usaria a tiara prateada para ir à escola. Certam ente, andar coroada m e garantiria um lugar m elhor no ônibus.

— Conseguiu o que queria, Déborah! — digo ao m eu reflexo no espelho.

Ou quase consegui o que realm ente queria.

Um a m enina surge ao m eu lado e aj eita sua trança para o lado direito.

— Nossa! Com o nossos vestidos são parecidos, né? — diz a baranga, cuj a anim ação transparece no tam anho do sorriso, que ocupa o rosto inteiro.

Quanto m ais ela se exhibe no espelho, m ais m eus om bros se encolhem . O vestido dela claram ente havia sido feito por aquela tia quebra-galho em costura, com m olde retirado de revistas especializadas em copiar roupas de novelas. Tudo

bem que m eus pais não atravessam a m elhor fase financeira da vida — eles estão sim plesm ente na pior —, m as pelo m enos conseguimos os alugarm eu vestido

num a loj a decente. Em bora eu m e sinta bonita, estar com outras vinte e nove m eninas que com pletam quinze anos no m esm o m ês e ano que eu m e faz igual a

todas. O baile de debutantes coletivo era a opção de quem queria fotos num a festa com espuma ante, mas não podia pagar por um a. Eu iria dançar valsa num salão repleto de desconhecidos. Vinte pessoas em um enorme salão do Jardim Canadá, bairro de uma cidade ao lado de Belo Horizonte, são convidados meus. As outras 20 × 29 pessoas são conhecidas das outras debutantes.

— Vam os formar as filas, meninas! — berra a senhora do cerimonial, cuja voz falha denuncia dois maços de cigarro tragados por dia. — Em ordem alfabética!

Se eu me chamasse “Adéborah” ou “Zadéborah”, teria chance de receber algum destaque. Todo mundo aplaude mais a primeira, pelo im pacto da novidade, e a última, porque finalmente essa papagaiada vai acabar e todos poderão usufruir da boca-livre.

A cerimonialista repassa as instruções forçando a voz rouca.

— Barriga para dentro, peito para fora e sorriso aberto. Cam inhem até os pais de vocês. Quando a última menina entrar no salão, a valsa com ela. Quando

a primeira música acabar, encontrem rapidamente seus namorados para a dança

lenta.

*Encontrar rapidamente o namorado?*

Minha filha, eu procuro esse cara desde meu primeiro beijo! Além de celebrar meus quinze anos num baile, eu dançaria a tal música romântica de rosinho colado com meu irmão Júnior, que foi amareado de perder o videogame (sendo sutil e não mencionando os dentes) caso não aceitasse o meu.

Entre gritinhos e pulinhos, as meninas tomam seu lugar na fila. Em purrada de um lado para o outro, caminham até a janela da sala. Uma brisa alcança meu rosto, e eu me reclino no parapeito.

A falta de construções no bairro distante do agito de BH tem lá sua recompensa: o céu brilha sem concorrência com as luzes da cidade.

De repente, um risco cintilante corta o céu. No meio de zilhões de estrelas, uma cai diante dos meus olhos; não aos olhos das outras meninas. Tudo bem que

trinta com o meu aniversário, mas somente eu ganho um presente dos céus.

*Um pedido!*

— Quero encontrar um amor verdadeiro e não depender dos meus pais para pagar minha festa de casamento, garantindo assim, minha-querida-estrela-cadente-dos-meus-quinze-anos, que eu seja a única da noite a vestir essa coisa branca, longa e rodada.

Pisco o olho, acreditando no meu pacto com o céu.

— Por favor, estrelinha! — finalizo o pedido juntando as mãos.

Respiro fundo, me urcho a barriga, estufo o peito e abro um sorriso. Sou apenas mais uma de tiara no cabelo, porém sou a única com um sonho selado pelas estrelas.

**Hoje**

**1**

*Ao subir à noite*

*no terraço*

*de um arranha-céu altíssimo e aflitivo*

*pude tocar a abóbada noturna*

*Ode a uma estrela*, Pablo Neruda

Juro que bolinhas se me ovim entam sobre meu rosto. Conto, por alto, umas treze circulando a mim mulher que está na minha frente me exendo os lábios com rapidez.

Deixo a leitura labial de lado e me concentro no cenário. Cadeiras brancas ao redor de uma enorme piscina redonda e algumas garrafas de vinho sobre a mesa

da qual estou próxima. Todas vazias.

Claro!

Levo minha mão à cabeça. Em vez de ir para meu quarto depois de jantar com a delegação, caí na conversa dos jogadores e fui beber vinho no bar do terraço do hotel.

Levanto-me da cadeira passando as mãos nos cabelos. Sinto um enorme nó nas pontas e juro a mim mesma nunca mais cochilar de coque. Busco o outro pé

do sapato enquanto a camareira do hotel recolhe as garrafas.

Só falta alguém do trabalho ter reparado que apaguei na espreguiçadeira do hotel depois de umas (ok, várias) tacinhas (estavam mais para taçonas) de vinho.

Sou uma ótima assessora de imprensa, daquelas que não desabotoam o terninho nem descem do salto. Levo a tiracolo as cópias de todos os comunicados enviados à imprensa, a listagem de jornalistas esportivos atualizada e o clipping das principais reportagens em que consegui em placar o time de futebol para o qual trabalho. Tudo impresso e salvo no pen drive. Nunca, nunquinha, fiquei com

nenhum jogador ou me em bro da diretoria do clube, em bora, às vezes, um pensam ento acalorado ou outro tom asse conta de mim quando observava as pernas dos caras esculpidas nos treinos. Devaneios quase eróticos à parte, é natural um grupo de rapazes com vinte e poucos anos querer com em orar um a vitória com alguns brindes. Com o fui a que me ais dei corda para a ideia “vamos beber por aqui me esm o” a fim de evitar baladas insanas, concordei em bebericar um pouquinho de vinho.

— *¿Necesita algo?* — Finalmente com preendo o que a mulher diz.

Reparo em seu rosto. Está com os cabelos presos e de uniforme, e seus dois olhos grandes e amendoados me chamam a atenção. Sim, ela percebeu que bebi

o suficiente para dormir num a cadeira dessas em que a gente toma sol e que talvez eu precisasse de ajuda. Mas há outra interrogação naqueles olhos que me fitavam. *Eu preciso de algo?*

— *¿Qué hora es?* — pergunto, desenrolando meu espanhol das músicas da Shakira.

Num salto, ergo meu corpo quando ela diz que passa das três da manhã.

Apalpo meu casaco com pressa até encontrar o celular. Nenhum mensagem ou

ligação perdida. Será que Sérgio ficou com raiva do meu sumiço? Com o ligar para meu namorado àquela altura da madrugada pioraria as coisas, digito o mais

rápido que posso uma mensagem de texto. Socorro! as carinhas com beijos e corações no final para que ele tenha certeza da namorada fiel que sou, dessas

que não voltam estranhas depois de um a viagem fora do país com um a delegação de vinte e um atletas em form a, oito ex-atletas da com issão técnica ainda em form a e três profissionais da equipe m édica m etidos a atleta em form a.

Pego m inha bolsa, guardo o celular e m e preparo para levantar e term inar a noite no m eu quarto.

— *Las estrellas... ¡Les gusta usted!*

Ergo m inha cabeça sem entender o que a cam areira quer dizer.

— Com o?

— As estrelas. Elas parecem gostar de você.

— Fala português?

— *Un poco*. Meu m arido era *brasileño*. Agora ele é *una estrella*.

Dou um leve sorriso. Acreditar que as pessoas que partiram se tornam estrelas é um pouco infantil, m as quem consegue ser adulto diante da m orte?

— Sinto m uito. — Balanço a cabeça. — Por que acha isso?

— Lim po esse terraço todas as *noches* e nunca vi o céu tão brilhante. — Ela sorri. — Elas ficaram aqui velando seu sono.

— Pelo m enos elas não m e abandonaram ! Já o pessoal que estava aqui...

— Disseram que iam *bailar* em um a casa.

Merda! Os cretinos se aproveitaram do m eu porre! Não posso desabotoar o terninho um segundo que esse bando de hom em sai atrás de farra. Se eu deduro para os treinadores, eles arm am contra m im e reclam am com a diretoria que estão sem espaço na m ídia. Se não faço nada e algum a foto com prom etedora vaza, sou cham ada às pressas para criar estratégias para recuperar a im agem

dos jogadores com a torcida, dobrando meu trabalho. Sem falar nas carcaças que levo da diretoria. “Você tem que zelar pela imagem do clube” não quer dizer

que eu deva ser babá de caras que ganham muito mais que eu! Mas é aceitar isso

ou mudar de emprego. O jeito é rezar para que os meus filhos não percam a hora do voo amanhã.

— Agradeço por ter me acordado, senhora...

— *Soy Saphira. ¿Y usted?*

— *Soy Déborah, mucho gusto* — brinco, respondendo em espanhol.

— As estrelas gostam de você, mas Saturno não está de brincadeira. E ele se aproxima...

— Ah, poderem os ver os anéis de Saturno a olho nu daqui?

Ela ri.

— Estou falando do seu céu, menina. — Ela aponta para mim. — Saturno sempre vem para nos fazer pensar sobre o que escondem os debaixo do tapete.

Eu ri por não ter o que dizer.

— Quando nascem os, Saturno está de um jeito no céu — Saphira continua.

— Cerca de vinte e oito ou vinte e nove anos depois, ele retorna para o mesmo lugar em que estava quando nascem os.

— Ah... Isso é o tal Retorno de Saturno?

— *Sí, sí...* É isso! Não tem com o fugir.

— Eu só vejo as estrelas nesse céu, Saphira. — Aponto para cima.

— Quase ninguém se importa com Saturno, só com seus anéis, assim como o

na vida poucas pessoas se importam com a verdade da alma. Estão todos ocupados demais vestindo o *cuero*.

Cri-cri-cri. Isso é alguma indireta para mim? Eu trabalho duro, pago minhas contas, estou num relacionamento estável, faço caridade quando posso, e aquela desconhecida me chama de superficial?

— *Buenas noches*, Déborah. Acredito que queira ir para seu quarto, mas se me permite... — Ela estende a mão para se despedir. Eu, claro, ofereço a minha

esperando um adeus. No entanto, num inesperado momento, Saphira vira a minha mão, colocando a palma para cima.

— O céu vai te trazer surpresas, minha Déborah.

Ela dispara a falar num dialeto parecido com o espanhol, mas não consigo entender uma palavra. Em português ela solta apenas “muita mudança”, “vai ter

riso e choro”, “vai fazer as malas para viver um grande amor”.

— Ei, a mão é minha! Se vai ler, fale em português!

Ela dá dois tapinhas na minha palma.

— Não se preocupe! Nos veremos de novo. *Hasta la vista!*

Ela vira as costas e caminha depressa até o interior do hotel.

Com o assimo a cigana vai embora bem na hora em que o negócio fica bom?

E as minhas perguntas? Preciso saber quando vou me casar, quantos filhos terem os, se alguma inimiga circula os plantões do Sérgio Madureira Couto, trinta

anos, médico residente em Endocrinologia, tipo sanguíneo B+, meu namorado

há

quatro lindos anos.

Suspiro.

Eu tenho certeza: nenhum a outra pessoa do universo aguentaria m eu tem peram ento ligeiram ente ansioso e possessivo.

Enquanto Sérgio m orre de estudar na residência para ganhar um ótim o salário daqui a alguns m eses, eu m e acabo de trabalhar com o assessora de im prensa do

Tricolor Associação Esportiva, o Taes, tim e de futebol m ais prom issor da segunda divisão. O Taes pertence, historicam ente, aos grandes e im portantes clubes m ineiros, porém ele atua na série B há... Bem , há um bom tem po. Ano após ano, digo a m im m esm a que no próxim o o Taes sobe. Im agina a dona Déborah aqui na assessoria de um clube da série A do Brasileirão? Além do m ais,

o Tricolor é o tim e m ais estável da série B, j á que nunca desceu para a C (e de tão regular parece que nunca m ais vai sair da segundona).

Num m ercado repleto de j ornalistas diplom ados que trabalham fora da área, é m elhor segurar m eu banquinho no clube. Além do m ais, o Taes m e perm ite coisas excepcionais para clubes da segunda divisão, com o ir ao Chile. Viagens internacionais são com uns aos tim es que disputam grandes torneios, cujos assessores não se esforçam com o eu para conseguir um a nota num a página colorida do j ornal. Mas som ente o Taes pertence a um m ilionário doente de am or

pela sua própria im agem . E acredite: isso funciona m ais que um dirigente

apaixonado pela cam isa.

Zé Jairo é dono de hectares e hectares de terras fertilíssimas. Entressafras, o velho turrão já fora prefeito no interior de Minas, elegeu o filho Zé Geno para deputado federal e casou a filha horrorosa, a Hanna, com um cantor de arrocha. Tavinho, o genro, pôde até comçar a cantar arrocha-ostentação, pois desde que se casou posta foto pagando de rico, bebendo cerveja e im portada no barco que a família possui em Escarpas do Lago, seguida da legenda: “Dia lindo para trabalhar”. (E eu logo im agino que dormir com a filha desgramada de feia do Zé

Jairo deve dar-me um enooooorme trabalho.)

O dinheiro e a influência política de Zé Jairo devem-me andar-me ais que a bola no futebol. Afinal, qual outra explicação dar a um time eterno da segunda divisão

jogar no exterior? Dessa vez, participam os da Copa Centenária de um banco do Panamá que reúne times de toda América Latina. Não vale nada im portante, mas-me rende assunto para oferecer pautas.

Levanto-me inha cabeça e abro um sorriso para as estrelas. Se elas gostam de mim, não sei, mas eu gosto delas.

— Até-me ais, Chile — falo, rompendo-me eus devaneios. — A aloprada estava certa ao falar do seu céu!

Não há nada que eu possa fazer para tirar os jogadores da balada ou para explicar-me meu sumiço ao meu namorado. Eu apenas adormeci no terraço depois

de beber.

— “Ao subir à noite no terraço de um arranha-céu altíssimo o...” — recito os prim eiros versos de um poem a de Pablo Neruda.

Deve haver algum alinhamento em alguma constelação a meu favor. Estou na terra do meu poeta favorito e vivendo um de seus poemas. Entre um verso e outro, desembaraço a ponta dos meus cabelos e me despeço do céu de Santiago.

— Não é que a cigana adivinhou minha idade? — solto, antes de encerrar o poema.

Deve ser meu arde de azar daquelas bem cretinas! Diguinho, o meu eia-esquerda mais

meu amigo que conheci na vida, tirou uma foto minha dormindo de boca aberta.

Maldito porre! Não é preciso dizer que a imagem acabou de circular no grupo do WhatsApp do time.

— E fotos da casa safadinha que vocês foram ontem? Não tem nenhuma, não?

— Pior que tem, Dedé! Tinha uma menina parecida com você... —

responde Diguinho, fazendo graça perto dos outros caras do time. — Pena que não tenho foto dela... de rosto!

Risadas mais altas ecoam no salão do hotel. Homens! Quanto mais convivo com eles, mais me apego ao meu namorado. Sérgio é um cavalheiro e nunca iria

me expor com brincadeiras ou fotos íntimas. E esta última possibilidade é mesmo

remota: ele não possui uma só foto minha nua. Nem de sutiã.

— Sou fina, baby — respondo. — Não me pareço em nada com essas

m ulheres que vocês pegam .

— Ah, m as bem que você poderia usar um as roupas norm ais. Parece que pegou a roupa da sua tia.

Antes que eu dissesse em alto e bom som o longínquo lugar onde a tia dele m ora, ouço a voz do presidente do clube se aproxim ando. Zé Jairo surge com o um foguete, vestindo um a calça preta de um tecido im itação de couro e um a blusa verde-clara, cuj os botões estavam a ponto de explodir. Se o cara veste GG, por que com prar cam isa G?

— Você vai ter que representar o clube num alm oço, Déborah.

— Está bem . É só dizer quando é, que m e organizo...

— ... Pode ir. Tô te encam inhando o e-m ail. Pega um táxi e pede recibo que o financeiro te reem bolsa lá em Belo Horizonte.

— Hã? Mas m inha volta está m arcada j unto com o grupo — digo com a voz esganiçada, prevendo que viria choro.

— Rem arca, gente! Depois o financeiro te reem bolsa...

— ... lá em Belo Horizonte! — com pleto. — É que quero descansar, am anã preciso estar cedo no clube.

Blá-blá-blá. Zé Jairo não volta atrás num a ordem , e só m e resta passar a tarde inteira em Santiago. Não que sej a ruim , m as queria tem po para desfazer a

m ala, colocar as roupas para lavar e ver m eu nam orado, que, bem lem brado, não deu sinal vida.

Enquanto o grupo em barca no ônibus rum o ao aeroporto, vej o a grande furada na qual m e enfiei ao conferir o e-m ail pelo celular. O alm oço será

precedido de um a reunião cujo título é: “Com o o esporte pode transform ar a com unidade em que o clube está inserido? — Apresentação de casos dos clubes participantes da Copa Centenária do Banco Plata de Panamá”. Ficou claro o porquê de o Zé Jairo sum ir e j ogar a bom ba para m im . O Taes não desenvolve

um só proj eto social. E não é por falta de interesse m eu e de outros funcionários,

m as porque Zé Jairo sem pre se m ostrou m ais disposto a engordar a própria barriga que pensar nas outras pessoas.

Disposta a m ostrar que não sou idiota, m ando m ensagem para ele enquanto estou no táxi a cam inho do evento.

**De:** im prensa@taes.com .br

**Para:** zej airoprefeito@taes.com .br

Respiro fundo. Já falei m il vezes para Zé Jairo trocar esse e-m ail, j á que tim e de futebol não tem prefeito. Ao escolher o assunto, penso seriam ente em escrever “falta de assunto”, m as opto por m andar algo m ais sutil, evitando que ele finj a que não leu a m ensagem .

**Assunto: Evento no Chile**

Zé Jairo, o que apresento aos seus colegas dirigentes esportivos quando for a m inha vez de falar sobre os proj etos sociais do Taes?

*Att.,*

*Déborah Zolini*

*Assessora de imprensa*

Rezo para que o m aldito barrigudo leia e responda. No m esm o instante, um a

carinha soltando um beijo aparece na tela do celular. Sérgio, enfim, dava sinal

de vida — e de que não estava com raiva. Mais depressa que foto de sacanagem nas mãos dos meninos do tim e, digito no WhatsApp.

DE DÉ : Espero que não esteja com raiva por eu ter sumido!

SÉRGIO AMOR: Claro que não!

DE DÉ : Aqui está um a loucura! Acredita que voltarei só mais tarde?

Vou cobrir o Zé Jairo numa furada.

SÉRGIO AMOR: Entendi.

Pausa na conversa. Por que homem é sem pretexto econômico nas palavras?

SÉRGIO AMOR: Dedé, também tive um imprevisto no trabalho. O

Wagner não poderá ir ao congresso e terei que apresentar o artigo no lugar dele. Viajo amanhã.

Posto as carinhas de boca aberta ou as interrogações?

DE DÉ : Amã? Até que dia? Não pode mandar outra pessoa?

SÉRGIO AMOR: Sim. Até sexta. Não, sou o único coautor.

Wagner é colega de Sérgio na residência e, embora forme uma ótima dupla em pesquisas, tenho um pé atrás com ele. Wagner não perde uma festa e não passa um fim de semana sem entornar com os amigos.

O taxista pergunta detalhes do endereço que passei, como se eu morasse em Santiago desde pequena. Isso só me lembra que em poucos minutos subirei ao palco para falar absolutamente nada. Será que vale recitar um poema de Neruda

ou falar que amo o Violeta Parra?

Saio da tela da conversa com o Sérgio e mudo para os e-mails. Nada de mensagem do ilustríssimo presidente do clube, que deve estar entretido no pagode dos jogadores até o aeroporto.

Volto para a tela do WhatsApp.

DE DÉ : Devo chegar tarde hoje. Quero tanto te ver...

Aguardo uma resposta ou uma carinha triste. Nada. “Visto hoje às 10h42”, acusa o aplicativo, que dispõe de um delicioso recurso de controle. Passam-se alguns minutos e nada. Melhor ligar do que imaginar coisas.

— Manguaça! Aposto que Wagner está dando no pé por farra!

— Não é não — Sérgio responde. — Ele está com uns horários apertados e pediu que eu fosse.

— Mas ele vai pagar seus gastos, né?

— Você sabe que os congressos pagam os custos quando o artigo é publicado.

Respiro fundo.

— Sei que será bom para sua carreira apresentar a pesquisa para dezenas de médicos. Só fiquei com um aperto no coração por não conseguir vê-lo!

— Eu te busco no aeroporto!

— Sério? — Faço um a dancinha.

— Claro. Avise quando tiver o horário.

Sinto que o movimento do carro diminuiu e deduzo que chegam ao local do evento. Meu coração palpita de desespero. Despeço-me de Sérgio, acerto o táxi e

me aproximo de uma enorme escadaria.

— Essa porra de evento não poderia ser num lugar com ram pa? — falo sozinha enquanto seguro minha mala no meio da rua.

Pego o celular e confiro meus e-mails. Dessa vez, abro um sorriso.

**De:** zej.airoprefeito@taes.com.br

**Para:** im.prensa@taes.com.br

**Assunto: re: Evento no Chile**

Diz qualquer coisa, eles não vão entender português mesmo.

*Zé Jairo*

*Presidente Tricolor Esporte Clube*

*Prefeito em 2000 e 2004*

Quatro anos numa faculdade, cursos de idiomas, livros, sem inícios e estudos para

acabar num clube presidido por um ignorante quatrocentas vezes mais rico que eu. Será que dá para divulgar aquele e-mail num slide durante a minha fala? Se não

desgraçado do Zé Jairo não se importa com o próprio clube, por que eu, funcionária, estou sofrendo? Que se dane. Vou falar a verdade e pronto.

Entro no salão do evento soltando fumaça pelas ventas. Sento-me e a uma mesa do canto, abro o laptop e evito levantar a cabeça para ninguém puxar assunto comigo.

Uma mulher loira pega o microfone e dá as boas-vindas aos presentes. Os nomes dos presidentes são lidos um a um, dando tempo para o fulano se levantar,

dar um pequeno aceno e escutar as palmas. Bando de idiotas que adoram uns

confetes! Todos se lixam para torcedores. Será que nenhum a torcida organizada deixou um a bom binha escondida em algum lugar, não?

— Senhorita Déborah Zolini...

O que m eu nom e faz naquela lista? Ah, não! Zé Jairo fez m esm o o serviço com pleto ao tirar o corpo fora.

Eu m e levanto e abro os lábios o m áxim o que consigo. Sento-m e novam ente e bebo água para despistar a vontade de chorar. Se Zé Jairo não se im porta com a

im agem do clube dele, eu ligo para a m inha. Melhor pensar que a vida m e dá um a oportunidade de falar para pessoas de outros países do que m e corroer de ódio pela m inha situação profissional.

Localizo no com putador o arquivo que apresentei à diretoria assim que assum i a assessoria de im prensa do Taes. Nele está m eu proj eto de escolinha de

futebol para m eninos e m eninas em situação de risco. Com o j ogar bola é o sonho

de m uita gente, propus que oferecêsem os aulas gratuitas aos m enores de idade da região em que estava o clube. A perm anência dos m eninos no clube estaria ligada ao rendim ento deles na escola e a algum trabalho voluntário. O proj eto é de baixo custo e foi bem recebido pelos diretores. Contudo, Zé Jairo o engavetou por ter que “lidar com coisas m ais rentáveis” naquele m om ento.

— Vam os relem brar a época em que você tinha sonhos, Déborah — digo a m im m esm a antes de reler o arquivo e subir ao palco.

Pense num a pessoa louca por um banho, sentada no chão do aeroporto de

Guarulhos por horas sem o mínimo de conforto e em tempo de arrancar os cabelos só de pensar no volume de trabalho que a espera no dia seguinte. Essa pessoa atende por Déborah, cuja popa está formigando enquanto aguarda muitas horas no céu de Belo Horizonte.

Deu para ouvir a playlist com playlist de Rihanna e David Guetta. Antes que a Ellie Goulding começasse a cantar, meu celular toca.

— Até agora nada, querida? — diz Sérgio.

— Nenhum sinal dessa porcaria de avião!

— Pelas contas, você vai chegar aqui bem tarde, né?

Só dou conta de dizer um “é” murcho. Não havia sinal de embarque, e pelas minhas contas, o ponteiro passaria da minha meia-noite.

— Que horas é seu voo amanhã?

— É o primeiro para o Rio. Preciso estar no aeroporto às seis.

Que namorada exige que o bofe a busque no aeroporto pra lá de longe do centro de BH depois da minha meia-noite, sabendo que ele precisa voltar lá pouco depois?

— Se atrasar meus amigos um pouco, te vejo no seu embarque. Deixa que eu me divo, tá?

— Fico preocupado de você voltar sozinha.

— Aí eu ficarei preocupada imaginando se você vai perder o voo ou se não vai render no trabalho com o deveria por não dormir bem.

— Não vai me esmoar se im portar?

— Nem um pouco! Além do meu amigo, sabe que não somos os desses casais

grudentos, m elosos...

— Nem daqueles que postam no Facebook que não vivem sem o outro. Você já falou isso. Mas j ura que não liga m esm o?

Todos os casais m ais velhos e conselheiros sentim entais falam que casam ento exige renúncia, e eu m ostro desde j á que sei abrir m ão. Além do m ais, o que são

oito dias (três que passei no Chile m ais cinco que ele vai passar no congresso) sem ver o nam orado com quem tenho planos de um a vida inteira? Ficaria com ele até a nossa m orte, quando estivessem os bem enrugadinhos, ceguinhos e com a casa cheia de bisnetos.

Som os um casal, m as am bos j ogam os no clube dos Independentes, Autônom os e Com Identidade Própria. O espaço que dam os um a outro na relação é um a das coisas que nos m antêm com fôlego para m ais décadas.

Inúm eras vezes fui m orrendo de sede ao pote e vivia cinco anos em um m ês.

Logo o nam oro perdia a graça e eu enj oava do cara. Ou ele de m im . Mas dessa

vez é diferente. Serginho é fofo, daqueles que não curtem baladas nem porres, não desliga o celular para nada e é... sossegado. Tranquilo com o nosso nam oro: longe da rebentação e calm o com o as águas profundas.

Desligo o telefone e busco algo para ler.

— Senhores passageiros do voo 1377, com destino ao aeroporto de Confins e conexões...

Finalm ente um a notícia boa do céu.

Levanto-m e do chão e dou aquela entortada no corpo para verificar a

situação da minha calça jeans clara. Bato com a mão no meu bum bum e nada, o

cinza-chão-de-aeroporto não sai. Ergo minha cabeça e desfilo pela sala de em barque assim mesmo.

Guiada pela fome e pela vontade de estar em casa, adentro o avião assim que assentam o grupo de prioridades.

— Poltrona 29 C — falo sozinha. — Não tinha uma poltrona do lado de fora do avião, não? — digo baixinho enquanto atravesso o enorme corredor. — O número 29 está mesmo perseguindo.

Quando quase todos já estavam, graças a Deus, sentados e com suas malas guardadas, um retardatário surge. Observo fixamente cada um dos seus passos e,

quanto mais ele se aproxima, mais o encaro com aquele olhar “será que não percebe que só estamos esperando o senhor para decolar?”.

— Você poderia me dar licença?

Minha boca seca. Primeiro porque evitei contato visual do estilo pressionador com um cara que iniciou um contato oral comigo. (Assumo que as palavras “contato” e “oral” desencadearam uma sucessão de pensamentos, digamos, nada secos.) Em segundo lugar, céus... Que homem é esse? Alguns fios

de cabelo branco conferem mais charme ao meu orenho de braços grandes e musculosos, que deve medir um metro e oitenta e quatro, pelos meus conhecimentos em fichas técnicas de atletas. O jeans que aquelas pernas vestem,

digo, o homem veste, está mesmo surrado. Por um segundo, imagino o que estava

debaixo dos botões daquela camisa xadrez. Minhas mãos com escovam pelo peitoral avantajado ou pelos braços que me consumiram o jejum desde o primeiro

instante?

— Meu assento é o 29 A.

Saio do corpo dele e volto ao meu.

Claro, sua anta! O homem quer se sentar, e você está aí pirando num gostoso! Sim, gostoso pra cacete. E cheiroso! Qual o problema em pensar em casar com um e achar outro delicioso?

— Ah, claro! Desculpe, estou um pouco cansada...

Eu já ia puxar assunto e falar sobre minhas últimas vinte e quatro horas, mas logo me deu bom senso volta. Um cara desse tipo não iria dar trela a uma mulher com o eu. Isso porque caras com esse nível de gostosura só puxam papo com aquelas mulheres estilo *Angel* da Victoria's Secrets. Recobro a sanidade e me levanto, dando passagem ao deus grego.

Ele agradece e caminha até o assento. Quero dar um abraço encostadinha nele, só no antebraço, bem de leve. Mas recuo. *Não faça aos outros aquilo que não gostaria que fizessem a você.* A sabedoria popular ecoa em minha cabeça. O corpo de Sérgio está longe de ser como o daquele homem, assim como o meu está distante, mas bem distante mesmo, de ser como o das *Angels* que desfilam de lingerie. Mas Sérgio é querido, bom namorado, parceiro e não me oferece um namorado saçaricando para cima de outro no avião.

Sento-me e me ajoelho na poltrona.

Aliás, homem bonito e gostoso não deve valer nada. Aposto que o meu orno

tentação é daqueles ratos de academia ou daqueles play boys insuportáveis que se

ostentam em baladas e roupas, os famosos bonitos por fora e ociosos por dentro.

A cabine reduz as luzes do avião, e encosto minha cabeça no banco. Até que um feixe de luz se acende ao lado. Viro o pescoço, e lá está ele em punhando um livro. Antes de concluir que ele é bonito, gostoso, cheiroso e inteligente, torço ainda mais o pescoço para descobrir o que ele lê.

“*Médico de homens e de almas*”. Puta que pariu três vezes. Não dava para ser algum livro de marketing ou de administração? O cara lê história de verdade e mais do que isso: a história de São Lucas. O livro deve ter umas seiscentas páginas! Além de bom leitor, ele também é espiritualizado.

Tá. Ele parece ser bacana.

Deve ser casado. Claro! Além de não ter cara de novinho, bom partido não dá sopa assim.

— Que horas são, por favor?

Só acredito que puxei assunto com ele quando ouço minha própria voz. Não sei de onde saiu tanta força de vontade.

— Dez e cinquenta — ele diz, depois de levantar o braço (ai, papai, que braço!) e conferir o relógio.

Agradeço sorrindo mais que assistente de programação de auditório. Ele não usa aliança! Mas nem eu uso, e isso não quer dizer que esteja descompromissada. Minhas pálpebras pesam junto com minha consciência. Melhor cochilar e não dar asas à imaginação. A tentação senta na poltrona ao lado.

Saio do avião com a minha mala na pressa que entrei. Não dá para ligar para a casa à minha casa à noite, véspera de segunda-feira, pedindo para alguém ir me buscar. Não era a única que acordaria cedo para trabalhar. O jeito seria pegar um ônibus até o centro da cidade e depois um táxi para minha casa. Caminho até o desembarque para pegar minhas malas, contabilizando quanto tempo gastarei até deitar na minha cama de dentes escovados.

— Oi, está na esteira errada...

Um arrepio perpassa meu corpo.

— Quê? — É a única coisa que consigo dizer ao meu irmão gostoso que lê livros densos.

— Está esperando a mala na esteira errada. — Ele aponta para a tela acima da esteira. — As malas do nosso voo estão na número quatro.

Caminho meu e espremendo pelo aeroporto lotado até a esteira número quatro completamente de quatro por aquele homem, cuja lista de atributos só aumenta.

— Obrigada por avisar! Ficaria esperando a noite toda por uma mala que nunca viria.

— Imaginei, você comentou que estava cansada.

Sei que estou rubra pelo calor que sinto nas minhas bochechas. Ele prestou atenção no que eu disse, e até aquele momento só havia sido idiota.

Minha mala aparece, e finjo o fazer muito esforço para carregá-la. Claro, àquela altura o meu irmão tentação e eu estávamos os próximos um do outro. Ele retira

a m ala do trilho e a coloca no chão para m im .

— Do j eito que dou sorte, a m inha será a últim a — ele com enta.

— Nem m e fale em sorte. Espero achar logo um ônibus para ir para casa.

Acordo m uito cedo am anã.

— Sei com o é...

— Ok, então! Estou com pressa, preciso ir... — Déborah burra! Cortou a conversa.

— E está cansada. — Ele sorri.

É, estou. Mas não custava perguntar se ele era de Belo Horizonte, se precisava de algum a inform ação. Afinal, ele foi tão, m as tão bacana com igo (só

por ser lindo). Estava de pé na frente dele escolhendo as palavras certas para deixar m eu cartão quando m iro o outdoor bem acima da nossa esteira. “A capital

dos bares é tam bém a do prazer. Delicious Night Club, ao seu dispor.” As letras garrafais não escondem a silhueta de um a m ulher nua. Se bem que, prestando atenção no fundo, há dezenas de silhuetas de m ulheres peladinhas.

Qualquer cérebro m asculino j á teria captado aquele anúncio. Não que sej a da m inha conta o que outras m ulheres fazem da vida, m as o fato é que tanta exposição de acom panhantes de luxo m e intim ida. Se elas estavam num outdoor

lum inoso de um aeroporto, as dam as poderiam tam bém atacar com abordagens

tête-à-tête, entregando cartão e dizendo que estavam à disposição para qualquer eventualidade.

— Preciso ficar de olho, minha mãe pode passar — ele diz.

— Ah, claro! Bem, boa noite... Obrigada por tudo.

O que minha mãe eu poderia dizer? Até minha mãe, nos vemos pelo meu irmão, beijem os, fique com Deus?

Viro as costas sem percebendo não ter o perfil dele no Facebook, a filiação e o telefone do trabalho. Paro de perceber pouco e começo a perceber muito quando

um clarão seguido de um trovão ressoa no saguão. Pronto! Um tempo poral deságua

em Confins.

Puxo minha mãe com força e corro até a área externa do aeroporto. Pego a fila, que minha mãe parece um a procissão, e finalmente o rosto do caixa surge.

— Um a passagem para o terminal da rua Álvares Cabral, por favor?

— O próximo ônibus é às duas.

— Mas é minha mãe-eia-noite agora! Não tem minha mãe linha de ônibus?

— Todas as passagens já estão vendidas.

Eu devia imaginar. Outros voos também atrasaram por causa do meu tempo, e centenas de pessoas dependem do ônibus com o eu.

— Me vê o ônibus para a rodoviária então.

— Só tem passagem para o de 5h40.

— Aeroporto da Pampulha ou qualquer outro lugar de Belo Horizonte!

— Só a partir das duas. — Ele põe a cabeça para fora do balcão e fala para quem está na fila: — Passagem para Belo Horizonte só para as duas da minha mãe.

Antes que eu reclame, o povo da fila chia por minha mãe. Brigar não resolveria

m eu problem a. Ando até a fila do táxi, que está tão grande quanto a do guichê dos ônibus.

Não gastaria menos que cem reais para chegar à minha casa, e tinha apenas um a nota de cinquenta na carteira. A essa altura, os caixas eletrônicos de rua já estão fechados. Eu teria que atrasar minha entrada na fila do táxi e procurar um caixa no próprio aeroporto.

— Qual é a previsão de espera? — pergunto ao senhor com a camisa da cooperativa de táxis.

— Senhora, já pedimos os táxis. Agora é esperar.

Não há outro jeito. Tenho que ir para o final da fila esperar minha vez de tomar um a facada.

— Ei... Quer dividir um táxi? — diz o homem que seria o próximo da fila. Ele não é qualquer homem. É ele: o meu momento de tentação.

— Não quero incomodar — falo quase gritando, numa com petição sem igual com a chuva.

— Você vai ficar uma hora esperando um táxi. — Ele não gritou, e ainda assim o ouvi. — Amanhã acorda cedo e está cansada.

Que se danem as garotas de programas e o Sérgio, que dorme numa camisa quente. É uma carona, e quem a faria dividir o táxi com um quase desconhecido?

— Para que lado está indo? — pergunto.

Pela primeira vez, Confins me parece perto. Mas dá tempo de descobrir que aquela tentação se chama Henrique, é paulista e auditor numa mineradora. Por

causa do trabalho, está sem pre viajando, e daquela vez passaria um tempo no escritório de Belo Horizonte.

Em bora ele seja muito simpático (a lista do sujeito só aumenta), não dá para deixar quem acabou de conhecer saber onde moramos. Com o ele ficará num

hotel na Savassi, peço ao taxista que o desembarque antes de mim.

Quando chegamos ao primeiro destino, em punho a carteira para acertar a corrida.

— Não precisa, Déborah! Eu a convidei para rachar. Depois daqui você assume.

— Faço questão de dividir, Henrique. Você me salvou no aeroporto — digo, enquanto abro minha pequena bolsa de documentos, cartões de crédito e dinheiro.

Ele empurra minha mão, provocando um choque em mim. A bolsa escorrega e dezenas de pratinhas caem no assoalho do carro junto com alguns documentos.

— Não se preocupe, a empresa reembolsa meus gastos — Henrique fala enquanto me ajuda a recolher minhas coisas.

— Não sei como agradecer a gentileza de hoje. — Tiro um cartão da bolsa e entrego a ele. — Se precisar de qualquer coisa, me avise.

Assim me despeço de um sujeito que, decerto, nunca mais verei, mas fará muitas coisas minhas balançarem.

— Toca para a Pam pulha — anuncio ao motorista.

*... e em um ato de amor extraordinário*

*apoderei-me de uma estrela celeste.*

*Ode a uma estrela, Pablo Neruda*

**O trânsito matinal de toda segunda-feira** já é razão suficiente para fazer qualquer um acreditar que a sem ana será sem sorte. Os sem áforos estão pifados,

os bueiros, abertos, e as árvores, caídas por causa do tem poral. Bem no dia em que você acorda m oída, com olhos inchados e atrasada, o que m ultiplica essa sensação.

Chego ao clube quarenta m inutos m ais tarde que m eu horário habitual. Dona Mariza, m mulher de Zé Jairo, está na m inha sala lendo o j ornal. Por um segundo, acho que ela está sem calça, j á que veste algo que parece sua pele: um a calça ultra-apertada com estam pa de cobra, certam ente inspirada nas serpentes m ais venenosas, daquelas traiçoeiras, que dão o bote quando você relaxa.

— Bom dia, bem ! Já olhei o j ornal para você — ela diz — Saiu só um pedacinho sobre nosso clube. — Mariza fala tão baixo que parece um sussurro de cobra.

— Oi, querida — retribuo, quase colocando a linguinha para fora. — Não precisa fazer o m eu trabalho.

— Im agina, eu sem pre leio e escuto j ornal pela m anã.

Mesm o, sua peste? Então o que está em tram itação na Câm ara Municipal? A reunião do Sindicato dos Professores gerou algum a resolução ou a greve

continua? Qual espetáculo está em cartaz esta semana? A Peçonhenta só abre o caderno de esportes no dia seguinte à partida do Taes — e quando ganha —, para avaliar a “eficácia da assessoria de imprensa”. Mariza só quer comprar roupas de estampa animal, saber de ficar ainda mais rica e ler as revistas de fofoca no salão enquanto tinge o cabelo de loiro Carla-Perez-na-época-do-Gera-Samba. — Você tá cansadinha, né, bem? Preciso dormir mais um pouquinho hoje? Juro que ouço o apito de uma panela de pressão sobre minha cabeça. Falta pouco para explodir.

— Você não ouviu na rádio quantas árvores caíram esta noite? Peguei o meu aior trânsito, me esmorecendo tendo acordado no horário. E, ó: dormi depois das duas da manhã! Substituí o Zé Jairo numa reunião, voltei sozinha, e o voo ainda atrasou por causa do tempo ruim, dá para acreditar? — Faço cara de sofredora. — Logo passo minhas horas extras ao RH. Aliás, já vi que estou com vinte e quatro horas na casa só neste mês?

Não sou bruxa, mas devo ser com o Harry Potter para falar a língua das cobras. Mariza diz que eu trabalho demais e que mereço uma folga. Depois de lamentar o voo atrasado, os faróis queimados e meu ritmo de trabalho, a peçonhenta vai embora, deixando minha sala livre de veneno.

Na tela do iPhone aparece uma mensagem de Sérgio.

Já no Rio! Boa semana, boys.

Não dá para disputar atenção com a cidade maravilhosa ou com o bendito congresso. O jeito é tomar conta da minha vida e não monitorar Sérgio pelo

WhatsApp. Toda viagem que ele faz sem mim é a mesma coisa: confiro a última

vez que ele esteve on-line e depois arranco os cabelos me agitando com quem ele

trocou mensagens. Aí a mesma aluca aqui parte para cima! Nem espero o cara voltar

para brigar in loco. Solto os cachorros na frequência trinta mensagens por minuto, com média de dois palavrões/xingamentos por linha. (Eu aprendo muitas

expressões interessantes com a torcida do Taes.)

Dessa vez, para me e segurar, lembro a mim mesma o quão ridículo é reler as mensagens depois que a fúria passa. Sem preme arrependo, já que Sérgio nunca

me deu motivos para duvidar. Conscientemente eu sei: é neurótica minha.

Então, com esforço, retomo meu trabalho. Atualizo as notícias, organizo o clipping, faço o relatório de viagem para o RH e começo a produzir o jornal do clube.

A chuva não para de cair nem por um segundo. E pensar que na semana passada o tempo estava aberto e as previsões não acusavam nenhuma nuvem carregada.

*O céu pode mesmo mudar.* Recordo-me da cigana. Aliás, cigana não! Apenas uma pessoa com um papo místico que conheci no Chile. Por mais cética que eu seja, uma bolha de poluição dentro de mim. Quem não quer ter a vida regida

por algo maior? Será que acima de nossas cabeças nosso destino já não foi traçado? Seria realmente bom jogar a responsabilidade de nossas vidas nas

estrelas — ou em Saturno e seus anéis.

Mas por que raios eu trabalho feito louca e integram ente enquanto a burra da Hanna, filha do Zé Jairo, nasceu milionária sem o mínimo de esforço e já está casada? Nem tão linda e nem tão legal essa menina é para merecer tanta coisa de graça da vida. O que determinou que a vida fosse assim ?

Sinto a mesa vibrar. Num susto, corto meus pensamentos de revolta.

BABI: Ei, amiga? Aproveitou o Chile?

Bárbara, Babi para quase todo o universo, é minha amiga desde o primeiro dia de aula da faculdade de jornalismo. Sem pre que quero reclamar da vida de

jornalista, é o ouvido dela que uso. Ela, claro, quando quer se lamentar da vida de

solteira, usa o meu.

DE DÉ : Oi! Foi legal, sim ! Tudo lá é lindo.

Ganhamos a partida, bebi todas à noite e dormi na beira da piscina.

BABI: kkk

Então aproveitou mesmo!

Tem homens bacanas por lá? Porque aqui táosso.

DE DÉ : Só vi os jogadores mesmo.

BABI: Ah nem , parei! O Taes precisa renovar o elenco para melhorar.

DE DÉ : Precisa renovar é tudo! Levei o meu aior ferro cobrindo o pilantra do Zé numa reunião. Voltei sozinha, o voo atrasou, cheguei em casa de madrugada.

Meus dedos param .

Tenho algo a mais para contar sobre a noite passada? Não, não tenho. Apenas dividi o táxi com um cara lindo, musculoso, inteligente, educado e divertido, mais

nunca mais nos falarem os.

A vida segue. E as mensagens também .

DE DÉ : Acordei morta de sono, o trânsito está um a selva, atrasei e dei de cara com a primeira cobra do clube.

Para com pletar, nem vi o Sérgio, que está no Rio para um congresso.

BABI: kct, Dedé.

Inferno astral, hein? Ainda bem que o aniversário está chegando e logo isso vira.

Meus olhos ficam úmidos. Finalmente alguém lembrou! Na quarta-feira com pleto vinte e nove anos.

DE DÉ : Que bom que lembrou!

BABI: É que sua carinha já aparece no Facebook! haha

Zueira. Esse deve ser o décimo aniversário que comemoro com você, não tem comemoração o esquecer, baranga! <3

DE DÉ : Sua linda! Nossa amizade está ficando velha!

E o bolo que eu fazia lá em casa vai ficar para depois, né? Com comemoração sem o Sérgio?

A falta que me eu namorado fará é um assunto que nem quero discutir com minha melhor amiga. Não quero admitir em voz alta que nutro secretamente

a

fantasia de ser pedida em casamento no dia do meu aniversário. Tem coisa mais

fofa que ficar noiva do meu irmão depois de quatro anos felizes de namoro na última

parada antes dos trinta? Tá, estou com medo de sair dos vinte. É com o seu os trinta

me e obrigassem a dar resultados na vida. Casou? Já tem filhos? Quantos países conhece? Mora sozinha? Quanto conseguiu poupar? Eu não tenho respostas, dados nem estatísticas para responder a nenhuma dessas perguntas! Porra, não podem me dar um pouco mais de tempo? Pega meu alô ficar noiva depois dos trinta para então comprar um apartamento, viajar com o meu irmão e um pouquinho depois ter

filhos?

Antes que eu pise em crises existenciais e chore no trabalho com mais intensidade que a chuva lá fora, me endireito na cadeira. Posso não ver meu namorado no dia do meu aniversário, mas tenho um . Não estou rica ou trabalhando numa empresa presa com plano de carreira, mas nunca fiquei desempregada e adoro ser assessora de imprensa. (E confesso: adoro os moleques do clube.) Sou barrigudinha, meus seios não são em pinados como os de

quem tem silicone, e meuinha bunda tem celulite se vista de alguns ângulos. Mas enxergo, escuto, falo e me movo. E também tenho meu carrinho, que me

leva para cima e para baixo, cuja última prestação será paga neste mês, bem perto do meu aniversário!

Encerro a conversa com a Babi e resolvo ir em bora. Com o estou com m uitas horas extras, saio do clube um a hora m ais cedo para evitar o rush. Já basta a confusão de m anã.

Ao sair do estacionam ento, dou aquela buzina da ao vigia, o seu Cléber, para m e despedir. A chuva está m enos espessa, o que m e deixa m ais segura para dirigir. Ando cerca de três quilôm etros ao som de Maroon 5 quando um guarda acena com algo lum inoso na m ão. Encosto o carro, e algum as gotas caem sobre

m eu rosto quando abro o vidro.

— Operação de rotina. Docum entos, por favor.

Sorriso com o quem não tem nada a tem er. Estou absolutam ente em dia. Abro a bolsa e entrego ao policial os docum entos do carro. Abro a carteira para pegar m inha habilitação. Nada. Reviro os com partim entos da bolsa.

— Bolsa de m ulher!

O guarda não ri.

— Só um m inuto, por favor.

Fuço, fuço e fuço m ais. Acho o ticket do cinem a do m ês passado, m as nada da carteira de m otorista. Refaço todos os m ovim entos. A últim a vez que peguei nela foi ontem , em Guarulhos, ao apresentá-la j unto com o cartão de em barque

para a com issária. Cansada, joguei-a em qualquer lugar da bolsa. Com o lem brar,

se estava no piloto autom ático?

— Cheguei de viagem esta m adrugada e não sei onde a enfiei. Desculpe.

Choram ingo um pouco. Faço cara de boa m oça, falo que o carro está em dia e que estou saindo do trabalho. Será que o guarda torce para o Taes?

— Infelizm ente não posso deixar que a senhorita continue sem habilitação.

— Ah, por favor. Isso nunca m e aconteceu, j uro!

— Entendo. Não vou aplicar m ulta, em bora eu devesse. Mas a senhora terá que encostar o carro e pedir que um condutor habilitado venha buscá-lo.

Se os astros m andam em algum a coisa aqui na Terra, alguns deles devem estar m e fritando.

Antônio Zolini Júnior deixou de ser Juninho para ser Zol há pouco m ais de dez anos, quando conheceu m ovim entos estudantis na faculdade de direito. Depois de

alim entar as esperanças dos nossos pais de ter um filho procurador-geral da

República ou m inistro, Juninho se transferiu para o curso de história, tornando-se definitivam ente Zol, o m ilitante m ais entusiasm ado e pegador de m ulheres que

eu conheço.

A barba e a cabeleira estilo Nando Reis, as blusas tie-dy e e o costum eiro tênis surrado nos pés lhe rendem fãs eufóricas que postam m úsicas a cada m inuto no

seu m ural do Facebook. O m agnetism o de Zol se acentua quando ele fala. Se

Júnior se tornasse um advogado, seria provável que ganhasse qualquer causa.

Isso porque Zol é capaz de convencer as pessoas a se vestir de cachorro e se

chacoalhar sim ulando choques em frente ao prédio da reitoria da universidade.

Anos atrás, quando estudávam os na m esm a instituição, procedim entos

m onstruosos para elim inar os cães que vagavam pelo cam pus foram

descobertos. Um a delas era o choque, que assassinava os cãezinhos que praticam ente entravam na sala de aula com a gente. Zol conseguiu m e deixar num estado de revolta tão grande que aceitei m e vestir de dálm ata e quicar até cair no chão com requinte teatral para m ostrar a agonia dos pobres bichos.

Dezenas de pessoas estrebuchavam j untas enquanto Zol denunciava a prática no m icrofone.

Graças ao bom Deus, isso não foi no tem po em que todos os celulares dispunham de boas câm eras e acesso à internet. E tudo bem esse ter sido o m ico da m inha existência, m as, sem pre que penso na m orte cruel dos anim ais, sinto que valeu a pena. Zol tem esse dom : faz qualquer coisa pelas causas que defende

e ainda leva os outros com ele.

Espero por quase um a hora esse cara que faz as pessoas chorarem em assem bleia do diretório acadêm ico vir m e buscar num a m ovim entada avenida

de BH.

— Minha irm ãzinha está virando um a transgressora — ele diz assim que m e vê, dando-m e um abraço que m e tira do chão. — Geralm ente sou eu que lido com a polícia.

— Perdi m inha carteira de m otorista, acredita? Não a viu lá em casa, não?

— Saí de casa m ais cedo que você, garota! Sou um usuário do transporte público...

— Ai, com pre um carro para você, então! — interrom po e abro a porta do carro.

— Para ser mais um idiota que dirige um carro vazio numa burra ocupação de espaço urbano? Bando de cretinos que sobem os vidros dos carros e não se importam com os vizinhos que trabalham numa esmola na região e precisam de carona!

Em segundos, o Júnior que saiu da escola onde dá aulas para mim e socorrer cede lugar ao Zol em linha de frente de protestos. Sei que ele tem razão, mas as tudo que desejo é estar logo em casa para desfazer a minha ala e tentar achar meu documento antes de dormir.

Entram os dois no carro e afivelam os cintos. Ainda que a alma revolucionária de Zol me dê canseira às vezes, sei que posso contar com ele. Quem mais viria me

buscar no fim do dia?

— Obrigada por vir me salvar — falo sinceramente, mas assim também para interromper de vez o assunto. — Saí mais cedo para evitar o engarrafamento, mas pelo horário ficarem os parados na avenida Pedro II.

— Se houvesse um sistema de transporte decente na cidade, as pessoas usariam menos os carros, evitando essa porcaria de tráfego fazedor de loucos. Puxo o ar e o solto com força. O engarrafamento vai ser longo.

Acordo um hora mais cedo que de costume e em outro dia chuvoso para pegar o

ônibus que me deixa na rua de baixo da Taes.

Enquanto estou de pé dentro do ônibus, sem bando para não perder o espaço na barra em que me apoio, só me lembro do Júnior, ou melhor, do Zol e suas ideias para o transporte público. Ele tem *mesmo* razão.

Assim que chego ao trabalho, com eço as ligações para a com panhia aérea pela qual fiz o trecho Guarulhos-Confins em busca do docum ento perdido. Estar entretida com um a falta am eniza a outra; sinto saudade do Sérgio.

Vez ou outra dou um a fuçadinha na página do congresso no Facebook

Médica se veste bem , né? Todas aparentam ser tão bem rem uneradas com suas roupas elegantes! Não que eu sej a escolham bada, m as nem todas as m inhas roupas aparentam ser de grife — porque pouquíssim as são.

Enquanto navego no Facebook, vej o que Sérgio acaba de postar um a foto da vista do hotel. Nela, o m ar de Copacabana brilha sob o sol forte.

Nos falam os pouco nos últim os dias, m as viagem é assim m esm o. Eu acho. Antes que eu surfe na onda do ciúm e, apanho o bloquinho e a câm era e vou à academ ia colher depoi m entos de alguns j ogadores para o inform ativo do clube.

— Deixa que eu te m ando um as fotos nossas, Dedé — lá vem Diguinho com a habitual anim ação fotográfica.

— Manda aí que encam inho ao Zé Jairo — retruco.

— Você tam bém não aguenta um a pressão, hein? Só corta, não sabe brincar?

— Não am ole a Déborah, rapaz! Vai procurar sua turm a, vai.

A voz de um hom em -feito adentra o local. Trinta e quatro anos, barba cheia bem aparada, sobrancelha grossa e m úsculos definidos com aquele bronzeado ainda m eio verm elho de sol. Dim as é o j ogador m ais velho do tím e. Já j ogou fora do país e em clubes da prim eira divisão quando m ais novo. Não fora nenhum dos Ronaldos (Gaúcho e Fenôm eno) dentro do cam po, m as, além das quatro linhas, digam os que ele tenha um histórico de m arcação interessante,

incluindo atriz global, socialites e... funcionárias dos clubes em que trabalhou.

— Oi, Dim as! Com o está o j oelho?

Porque o resto do corpo, eu vej o, vai m uito, m as m uito bem .

— Melhor. Se o m édico m e liberar, j á j ogo a próximo a partida.

— É um a boa notícia para divulgar para os torcedores. Ficarei em cim a do pessoal do departam ento m édico.

— Preocupa, não. — Ele para bem diante de m im e m e olha fixam ente. —

Eu te aviso.

Com um sorriso discreto nos lábios, ele se afasta e vai para um aparelho no fundo da sala de m usculação.

— Caraca, veio! — Diguinho fala entre risos. — Até você paga pau pro cara!

Precisa ver com o ficou verm elha.

— Cala a boca, quer m e ferrar?

— Porra, você vai explodir — ele gargalha. — Pena que o folgado aí não foi ao Chile com a gente. O m atador não ia resistir à assessora de im prensa toda soltinha com um vinho nas ideias.

— Eu tenho nam orado, m oleque! E o porre nem foi tão feio assim ...

— Não m esm o! Nem falou besteira porque deitou na cadeira e apagou.

— Deixa de ser bobo! Aqui... — Eu m e aproxim o e dim inuo a voz. — Sabe de algum babado do Dim as? Preciso estar preparada, né?

— Ah, eu sei! Preparada para o dia em que você cair na rede dele!

— Não sei por que perco m eu tem po com besta!

Fecho a cara, pego m eu bloquinho e m inha câm era.

— Ele é profissional, Dedé... — Diguinho fala num tom mais sério. — Não dá bandeira, não conta vantagem. Você só tem que dar o mole que rola.

— Eu não vou dar o mole. Eu não sou ouro! Só queria saber o mesmo... — Estou andando qualquer desculpa para ver se cola.

O fato é que saber que Diguinho acredita que eu tenho chance com Dimas faz um bem danado para a minha autoestima. Por mais que eu ande de terninho

e pareça séria, há um mulher dentro de mim muito parecida com aquelas das fotos que os meninos tiram. Nas devidas proporções, claro. Mas Sérgio não é o tipo de cara que curte coisas assim, e estou adaptada (e segura) em relação a isso.

A tarde se arrasta na minha pequena sala. O bom da chuva é que ninguém dá bola do Zé Jairo aparece para dar pitacos. Leio sites de fofocas, confiro as roupas das famosas e aproveito para dar aquela fiscalizada no Facebook de Sérgio. Três novidades. Todas masculinas, para meu alívio.

No fim do expediente, sigo para o ponto de ônibus. O frio e a chuva só me lembram da falta que a bendita carteira de motorista faz. Juro a mim mesma providenciar a segunda via amanhã sem falta.

Passam os ônibus que vão até as cidades da região metropolitana de BH, mas não passa a porcaria da condução que vai ao meu bairro.

Assim que encontro um lugar para me sentar na calçada, sinto uma gota pesada e gelada na minha testa. Outra tão fria e densa bate na minha cabeça.

Depois no braço, na orelha e logo por todo o corpo. Desaba um tempo porral, e eu, sem lugar para me esconder, corro de volta para o clube.

— Menina, assim você gripa — fala seu Cléber assim que abre o portão para mim .

Um a pequena poça se forma ao redor do meu pé só com a água que escorre da minha calça.

Preciso *mesmo* achar a minha carteira.

— Tom e um banho aí, Déborah. Todos já foram em bora, o vestiário está vazio.

Não há outra solução. Seria impossível voltar ao ponto de ônibus debaixo daquela chuva e aguentar o traje de volta encharcada e congelando. Além disso, eu tenho uniformes do clube na minha sala. Geralmente damos para imprensa ou convidados ilustres. Ninguém vai reparar se eu pegar um .

Seguindo a ideia do vigia, vou até o vestiário e tranco a porta. Tiro minha roupa e entro no chuveiro. O contraste da água quente sobre meu corpo gelado dá um efeito gostoso. Será que é o mesmo chuveiro onde o Dimas tomou o banho?

O vestiário é enorme, com dezenas de duchas e banheiras. Por que não esperar a chuva passar estando submersa?

Saio do chuveiro e ligo a banheira. Assim que ela está cheia, me jogo na água e achando um sereia — mas com o peso de peixe-boi pela força com que meu bum bum alcança o fundo. Talvez o tempo romântico me deixasse mais

quente que a água da banheira. Ou talvez a vazão da minha fantasia ultrasecreta com Dimas... Ou talvez seja a saudade do meu namorado.

— Duas, três... — Conto nos dedos. Cinco sem anas sem sexo, contando esta.

Sérgio e eu trabalham os m uito, vivem os cansados e gostam os de sair para cinema as, j antar fora e conversar. Eu o quero tanto, tanto, que apenas sair pelas ruas agarradinha ao seu braço m e conforta. Mas um a fagulha de safadeza não faria m al a quatro anos de nam oro.

Saio rapidam ente da banheira, abro a bolsa e pego m eu celular. Sérgio nunca m e disse que não gosta de fotos sensuais, m as vai que ele gosta e ainda não m e contou? Toda anim ada, m e em pino na banheira. Selfies, selfies e m ais selfies com carões e bocões na banheira do Taes.

Depois do banho, m esm o parecendo um j ogador de futebol uniform izado, m e sinto um a m ulher linda e totalm ente dona das m inhas vontades. De trinta fotos, um as seis ficaram m uito boas. Opto pela m ais discreta (na qual não pago peitinho) e envio ao Sérgio.

A chuva dim inui, e corro para o ponto de ônibus. Por sorte, a condução não dem ora a passar. Um riso brota em m eu rosto quando penso na reação de Sérgio.

Im agino m il possibilidades de respostas devassas e prom essas a cum prir assim que ele voltar.

Desço do ônibus afoita para tirar o uniform e, deitar na cam a e conferir o celular. Entro no prédio onde m oro e, assim que atravesso o hall, vej o o insuportável do Ribeiro, o idiota do 803 que se acha o m elhor técnico de futebol do Brasil, em bora nunca tivesse j ogado bola. Sem pre que m e vê, o cara quer falar de futebol e fazer recom endações técnicas ao Taes. Pior que nem torcedor o cretino é, e berra aos quatro ventos que só o futebol europeu em ociona, então

não sei por que torra m inha paciência.

— Se ele m e vir com cam isa tricolor, então, vai m e pegar para santo...

Dou m eia-volta e corro até as escadas. Cinco andares é m ole depois de correr na chuva.

Quando m e aproxim o da plaquinha com o núm ero 5, escuto um a voz de hom em . Com o não vem outra voz diferente em seguida, deduzo que é um surto psicótico ou alguém no celular. Continuo subindo os degraus e vej o a silhueta de um hom em . Estreito os olhos e fico na ponta do pé para poder enxergar m elhor sem precisar subir o próxim o degrau e correr o risco de ser vista. Pesco um pouco da conversa.

— *“Logo isso se resolve.”* — Algo inaudível. — *“Fim de semana a gente conversa melhor, querida.”*

Essa voz é do m eu pai! Entorto a cabeça e confirm o. É m esm o ele, que encerra a ligação e abre a porta que dá para o corredor.

Por que falar num lugar abafado e com sinal ruim ?

Sento-m e no degrau e apoio m eu queixo no braço ancorado no j oelho. Os anos passam , sua idade m uda, você cresce, e as histórias sim plesm ente se repetem . Contenho a lágrim a que teim a em descer.

Um calor sobe no m eu rosto. Deve ser a falta de j anelas das escadas, claro.

Levanto-m e e term ino o lance de degraus. Entro em casa e vou direto ao m eu quarto, evitando ter que cum prim entá-lo. Ligo a televisão e zapeio os canais sem

prestar atenção em nada. Finalm ente, pego m eu celular e confiro a últim a hora em que Sérgio ficou on-line. Ele j á havia visto a foto. Nenhum a resposta,

carinha, fotografia ou mensagem de voz. Será que ele não teve com o responder?

Ficou sem graça? Ou simplesmente não sentiu nada?

Antes que a indiferença me doa mais, ligo para ele.

— Dedé?

Claro que sou eu! Por que pergunta? Não foi mesmo eu quem apareceu no visor?

— Sim, sou eu — respondo sem polemizar. — Onde você está? — pergunto, sacando um barulho ao fundo.

— Estou juntando com uns colegas. E você?

— Em casa.

Silêncio. Ele não quer conversar porque está ocupado ou porque não tem nada a dizer da foto?

— Tem andei um pouco mais cedo.

— Eu vi!

— E aí?

Ouçó um riso sem graça.

— Ficou linda, tá?

— Achou? — Sorrio. — E aí?

— Ah... Aí é isso!

— Não ficou... com nenhum a vontade?

— Ô, Dedé, estou com um professor na mesma. Ele coordena uma linha de pesquisa semelhante à minha no hospital-escola da USP...

Minha primeira foto sensual perde para um professor, com certeza velho e

ávido por alguém que lhe puxe o saco, tipo um aluno com notas altíssimas e tarado por publicações de artigos. Sem querer atrapalhar o futuro promissor do homem destinado a ser meu marido (hajá fé!), desligo o telefone e afundo meu olho na cara do travesseiro.

— Dedé! — Minha mãe, Cristina, entra no quarto. — Já achou a carteira, filha?

— Nada, mãe! Tomei a maior chuva hoje e tive que voltar uniformizada de mascote do Taes para casa. Amanhã vou pagar a taxa da segunda via.

— É o melhor mesmo — ela diz enquanto se senta na cama. — Vai fazer alguma coisa aqui em casa amanhã?

— O Sérgio está no Rio — bufo. — Faça alguma coisa no fim de semana.

— Filha, você sabe como descobrir a senha do celular das pessoas?

Ali está a razão de ela invadir meu quarto e puxar assunto.

Um pedaço de tristeza alojada em algum canto desconhecido da minha mente vem à tona.

De repente, minha tristeza pela falta de empolgação do Sérgio com minha foto sexy vai embora. Antes ter um namorado sem tanto sexo na cabeça do que ter alguém que me antecede conversas escondidas na escada.

O relógio marca 9h25. Exatos vinte e nove anos atrás, eu colocava minha cara e meu choro no mundo. Agora, detono um croissant de chocolate no pequeno café

de amanhã que o pessoal do clube organiza para os aniversariantes do mês. Com o

meu é o último de junho, deixaram a festinha para o meu dia.

— Agora parei! — digo depois de mastigar o último pedaço. — Só vou guardar uns para mais tarde. — Pego o que resta da cestinha e enrolo num guardanapo.

Só não me em panturro mais porque Babi vai me apanhar no clube daqui a pouco para almoçarmos num churrascaria top da região.

A caminho da minha sala, o celular toca. Número desconhecido. Deve ser de algum loja a cuja vendedora eu fiz feliz algum dia. Ou será que acharam minha

carteira?

— Parabéns, coroa. — Um a voz vinda das minhas fundas cavidades nasais ecoa no meu ouvido. — Com o se sente aos trinta?

— É vinte e nove.

— Sério? Ah, confundi. Mas está quase, né?

A sem noção que me fala ao telefone é a Silvinha, minha filha de Sérgio desde sempre, já que me oram no mesmo prédio desde pequenos. Ela é baixinha,

branquinha, de cabelos castanho-escuros e lisos. Na foto de capa de seu Facebook, ela está com uma roupa de dança do ventre vermelha. Linda, absolutamente linda por estar com o véu escondendo a nariga do tamanho de uma cola de bastão. Essa mulher tinha que viver na Arábia para sempre.

— ... felicidades, amor e saúde! Você sabe, né? O quanto é especial para mim — ela fala ininterruptamente.

— Sei, sim! Tudo o que é importante para o Sérgio, é para você também.

— Exato! Desejo o melhor da vida a vocês dois! Quero dançar nesse

casam ento!

— Só espero que não seja a dança do ventre, né? Não vai com binar com o estilo cam pestre que sonho para a cerimônia.

— Claro que não, Zolini — ela me antém o hábito que o-dei-o de me chamar pelo sobrenome, com o se eu fosse um colega de empresa. — A não ser que o Serginho queira! Para amigos não tem limites.

Eu rio para ela entender que não tenho mais assunto. Que noivo pediria que a melhor amiga dançasse com top e saia esvoaçante enquanto a noiva está mais estosa de branco, renda e véu?

— O Serginho está apresentando o artigo agora, né? — Ela insiste em encontrar assunto. — Vai dar tudo certo, estou torcendo!

— Agora? — falo com surpresa, já que não sei o horário exato da apresentação.

— Isso! Ele me andou um torpedo avisando que estava subindo ao palco. A adrenalina deve estar mais alta.

— Ah! Mais ensagem, claro! Pois é, mais ele vai se sair bem! Silvinha, agradeço muito a ligação, mais tenho um coletiva para organizar... — invento. Encaixo mais meia dúzia de palavras bobas e desligo.

Vasculho meu celular e não encontro mais só linha de mais ensagem avisando que a palestra seria nesta mais amanhã. Antes que eu tenha um ataque do coração, tento controlar a respiração com o povo da ioga. Digo mais mim mais esma que devo

enviar as fotos do informativo para o administrador do clube até a hora do

alm oço. Sento-m e diante do com putador quase quebrando o teclado. Sérgio, m e

aguarde. Fico até o m eio-dia vendo as caras dos m oleques do tim e. Quase todos m ais novos, com m ais dinheiro e com a vida sexual m uito m ais ativa que a m inha. Bela m aneira de com em orar vinte e nove anos!

Term ino a seleção de im agens j á na hora que com binei de m e encontrar com Babi na portaria do clube. Com a velocidade de um a bola aérea, conto o que

aconteceu para ela.

— Você acha certo ele m andar um a m ensagem num m om ento im portante para a am iguinha do prédio e não para a nam orada?

— Claro! Ele devia estar nervoso! Se estivesse insegura, m andaria m ensagem para m im ou para seu nam orado?

— Ah... Será que ele sentiu vergonha de m e contar que estava com m edo?

— derreto-m e.

Claro! Hom em não dem onstra fraqueza! Sinto-m e péssim a por duvidar do m eu doutorzinho. Daqui para a frente, vou m e em penhar em ser a m ulher m ais

com preensiva e am orosa do m undo!

Volto do alm oço cam inhando com aquela feliz dificuldade de ter com ido tudo o que consegui. Eu voltaria àquela churrascaria am anhã para repetir cada prato!

Pena que é caro e... longe! Só dá para ir de carro.

Digito um lem brete no celular: “Im prim ir o requerim ento da segunda via da CNH”.

— Ô, Déborah! Chegou isso para você — diz seu Cléber.

Agradeço e pego um lindo vaso de gérberas amarelas e alaranjadas. Minha mãe ainda bem nos presentes — ela acredita que tudo que você envia tem uma

intenção. Aquelas cores vivas certamente eram para mim e trazer energia e luz. Um

ótimo voto de aniversário! Abro o cartão já louca para ligar e agradecer.

*“Feliz aniversário, Dedé!*

*Logo estarei aí para abraçá-la!*

*Beijos,*

*Sérgio”*

Sinto minha boca formar um risco. Deve ser isso que chamamos de sorriso amarelo. Eu jurava que gérbera é daquele tipo de flor que damos aos amigos quando eles são promovidos ou mudam de casa.

Recorro ao Google: “Significado flor gérbera”.

“A flor é sinônimo de alegria, sentimentos nobres e energia.”

— Eu sabia!

“Ideal para vínculos duradouros...”

Sorriso. Põe tempo de duração nisso!

“... de amizade. Também quer dizer pureza e simplicidade.”

Não acredito no que leio quando desço a tela. Amizade? Pureza? Qual é, plantinha, ontem mesmo eu tirei uma foto pelada na banheira! Sem falar na quantidade de chocolate ingerida só no dia de hoje! Será que alguém percebeu que não faço sexo há mais de um mês, mesmo namorando há quatro anos?

Céus, que dia do meu ciclo é hoje? Meus hormônios dançam feito o nariz, digo, o quadril da Silvinha.

— Será que nada para você está bom, Déborah maluca? — penso alto.

Meu namorado me mandou um cartão bonitinho e flores energéticas me estão esperando longe. Foi fofo! E ainda disse que logo estará aqui para me abraçar.

Tudo bem que não foi um buquê de rosas vermelhas (ou as pétalas rubras jogadas numa cama redonda com espelho no teto), mas foi algo.

O celular toca: “Imprimir o requerimento da segunda via da CNH”. Abro uma nova página no computador e lá me está esperando perder dinheiro na taxa.

O telefone da sala toca.

— Assessoria de imprensa — digo respeitosamente o nome e do setor.

— Déborah?

— Sim, sou eu.

— É o Henrique. Dividimos o táxi voltando do aeroporto.

Um iglu se forma na minha barriga. O meu orenho de tentação está do outro lado da linha!

— Oi, Henrique! Que surpresa...

— Desculpa ligar no seu trabalho, mas é o número que tem no seu cartão.

— Sem problema. Telefone é para ligar mesmo! — Levo a mão na testa já me condenando pela asneira que falei. Não tinha uma resposta mais imbecil, não?

— Sua carteira de motorista veio pregada ao seu cartão. Sei que deve estar precisando, mas só me exi no bolso hoje.

— Então foi com você que deixei minha liberdade? Quer dizer, identidade, carteira, habilitação... Você não sabe com o que tenho precisado dela! Obrigada por ligar!

— É o mínimo, imagine! Com o que posso devolver?

Para que aguentar meus dias um dia de chuva? É meu aniversário, mas não vou comemorar.

— Que tal hoje e à noite?

### 3

*Era uma noite negra*

*e eu deslizava*

*pelas ruas*

*com a estrela roubada em meu bolso.*

*Ode a uma estrela, Pablo Neruda*

**Louca, louca, louca.** É assim que me sinto por saber que irei encontrar o Henrique. Não somente porque ele é gato, mas porque é um homem feito. O jovem estudioso de Sérgio lhe confere um ar de menino, o que não me exige ser uma mulher o tempo todo: me antenho um espaço para minhas indecisões e uma

ligeira dependência emocional e financeira dos meus pais.

— Não é um encontro, Déborah! Você vai só pegar seu documento — grito para mim mesma depois de vestir a terceira roupa.

Por fim, coloco meu vestido de seda com estampa floral e fundo preto. Por causa do frio, visto uma meias-calça preta, minha botinha de cano curto e uma jaqueta. Não estou nem um pouco a fim de fingir que não me arrumei; faço

um a

boa m aquiagem m arcando os olhos.

Valho-m e do ônibus que passa perto da m inha casa para ir até a Savassi, onde com binam os de nos ver. Sérgio finalm ente m e liga, e conversam os durante quase

todo o traj eto. Ele sabe que estou no ônibus e não pergunta para onde vou. Sendo assim , para que dizer que vou m e encontrar com o cara que ficou com m eu j uízo, digo, carteira de m otorista?

Enfim , desço e cam inho até a praça da Savassi, em frente ao McDonald's, onde m arcam os. Ele está sentado perto da fonte, m exendo no celular.

— Dem orei? — pergunto ao m e aproxim ar.

— Nada! Eu que quis sair um pouco antes. Não aguento m ais ficar só no trabalho e no hotel.

— Não tem saído?

— Dificil sair sem conhecer m uita gente, né?

Ai! Sabe aquela vontade de adotar filhotinhos de cachorro? Eu faria com panhia àqueles m úsculos e ao corpo inteiro. Céus, cai a ficha de que estou brincando com fogo.

— Obrigada por ter ligado — falo. — Um segundo m ais tarde e eu teria pagado a taxa da segunda via.

— Aqui está. — Ele tira a carteira do bolso e m e entrega. — E feliz aniversário, Déborah Borges Zolini.

Ele m e abraça. Prendo a respiração na ridícula ilusão de congelar o m om ento. Cada m ilím etro do m eu corpo se deixa abraçar.

— Parece que alguém teve tem po de conferir m inha carteira, hein? — digo, ainda abraçada. — Obrigada.

— Ah, não teve com o não dar um a olhada. — Ele, que pena, m e solta. —

Mas m e conta! Assessora do tim e m ais fam oso da segunda divisão?

Som os fam osos? Sério? Não há coisa m elhor de se ouvir quando se trabalha arduam ente para divulgar um tim e. Henrique, com o quase todo hom em , é louco

por futebol, daqueles que sabem qual a escalação do tim e.

— Aquele m enino que j oga na lateral esquerda é ótim o! Merecia j ogar na série A — ele diz enquanto se senta na fonte que fica no m eio da praça.

— O Diguinho? Engraçado com entar isso. Tenho prestado m ais atenção na atuação dele fora de cam po que dentro.

— Por quê? Vocês têm algum a coisa?

— Tá louco? — Eu rio e sento ao lado dele. — Ele é um m oleque de dezoito anos que acabou de sair da base e está descobrindo o m undo! Por isso m e dá trabalho com farra. E não sei se fez as contas, eu estou com pletando vinte e nove...

— Novinha... Eu tenho trinta e oito.

— E não é casado?

Quando dou por m im j á perguntei.

— Viaj o m uito a trabalho e... não deu tem po de casar. E você?

— Tam bém não sou casada.

Henrique sorri. Ele perguntou se eu era casada, não se tenho um nam orado.

Antes que a culpa por om itir m eu status no Facebook apareça, volto a falar de futebol. Não há problem a em falar sobre esse assunto com um estranho.

— Você vai passar seu aniversário sentada na praça da Savassi?

— Devo com em orar no fim de sem ana. E eu gosto daqui! Logo peço um Big Tasty e com o na fonte m esm o...

— Igual aos adolescentes que estão aqui, né?

Realmente há m uitos deles ao redor. Em bora a praça reúna diversas pessoas, às vezes dá m esm o a im pressão de ser um pátio de escola.

— Eles não têm idade para dirigir, beber ou frequentar casas noturnas... —

Nem entrar em m otéis, fazer sexo com estranhos no avião...

— Mas nós tem os! Disseram que há um bistrô perto daqui com um a boa carta de vinhos. Ainda não j antei, e você?

Saracotear na Savassi e detonar um ham búrguer é um program a estilo “delicioso para sem pre”. Pode ser que eu faça quarenta anos e ainda venha aqui com m inhas roupas bacanudas. Mas, neste m om ento, tenho vontade de j antar com o um a m ulher adulta na com panhia de um hom em adulto.

A m eia-luz do bistrô deve ser proposital, assim com o as m esas pequenas, que fazem com que m inhas pernas esbarrem nas de Henrique quase o tem po todo.

Bebo outro gole do vinho chileno escolhido por ele. (Engraçado o Chile ter tanto a ver com esta história.)

Dou conta de que estou na com panhia dele há m uito tem po quando o garçom nos oferece o cardápio de sobrem esas. Sinto m eus batim entos cardíacos acelerarem pela aproxim ação do m om ento “o que vam os fazer depois daqui”.

Sei muito bem o que quero fazer depois daqui, mas também com preendo o que

não posso fazer.

— Outra taça de vinho, por favor — peço ao garçom e dispenso o doce.

Naquele ritmo, eu estaria mais para lá do que para cá quando a despedida chegasse, sem tanta animação. É a melhor alternativa que encontro.

Acordo com um a buzina.

“Prepara que agora é a hora/Do show das poderosas/Que descem e rebolam ...”

Em seguida, com a voz de Anitta avisando que é hora da poderosa seguir com o show. Nosso nível de autoestima é proporcionalmente inverso à necessidade de um a buzina para acordar com algumas frases motivacionais em

forma de funk. Juro: eu preciso de muita força para sair da cama e ir ao trabalho;

e de mais força ainda para me sentir poderosa.

Esfrego os olhos e com o celular desligado para calar o despertador do celular.

*Putá que pariu, que cama é essa?*

“... a frontam as fogosas” — continua Anitta.

Levanto com pressa de um a cama king size e abro minha bolsa o mais rápido que consigo para calar o despertador. Ainda estou de meia-calça preta, vestido e jaqueta. Minhas botas estão ao lado da cama. Pareço, eu acho, intacta.

Abro a porta do quarto, que dá para uma pequena sala com televisão, sofá e

um a m esa de centro. Lá está Henrique, vestindo um a blusa de botão azul-clara e

um a calça social cinza.

— Está m elhor, poderosa? — ele ri.

Faço um sinal com a m ão e entro no banheiro à esquerda do quarto. No espelho, um a cara inchada e ainda de m aquiagem m e assusta.

É o segundo porre que m e faz dorm ir em lugares inusitados em um a sem ana. Deve haver algo errado com m inha vida para precisar de vinho e de frases de efeito de um a cantora m ais nova que eu.

Dou um j eito no m eu hálito com pasta de dente, faço um coque no cabelo e lavo o rosto. Conto até três e saio com o m elhor sorriso que consigo abrir.

— Acho que passei da conta, né? Desculpe...

— Acontece, era seu aniversário! — ele diz, fechando o j ornal. — Pedi café da m anã no quarto. Im aginei que não fosse querer descer.

— Obrigada. — Mordo o lábio. Encho m eus pulm ões com o quem busca coragem e pergunto: — Fiz bobagem ?

— Só se falar m al do chefe e da prim eira-cobra for bobagem . — Ele gargalha. — Tive que dar um Google no nom e deles para conferir. Sua descrição

bate com todas as im agens, especialm ente a da m ulher do cantor “arrocha-ostentação”.

Rio aliviada. Eu m e sentia à vontade na frente dele, m esm o com cara am assada e depois de um porre. Sério, acho que Henrique pode ser um ótim o am igo.

— Tentei colocá-la num táxi ontem, mas você não falava coisa com coisa e fiquei com medo de deixá-la sozinha. Espero que não se im porte! Só encostei no seu pé para tirar a bota.

Quero soltar um “ah, que pena”, mas me contenho.

A cam painha apita, e ele levanta para abrir a porta. O cheiro de comida me abre o apetite. O que é com ele feito adolescente após a aula de educação física depois de ficar bêbada a ponto de ter que ser colocada na cama?

Sento-me no sofá pronta para mais um momento com meu novo amigo.

Mais tarde, saio do hotel e vou para o ponto de ônibus da avenida do

Contorno. Com o dia de hoje, entro no trabalho depois do almoço. No caminho,

respondo as mensagens de celular da minha mãe. Dormir fora quando o namorado não está na cidade não é a melhor forma de manter sua intimidade longe dos pais. Contudo, dar explicações é um dos preços que pago por ainda me orar no lugar mais mágico de todos: hoje a roupa suja num cesto e ela volta limpa, abro a geladeira e tem comida, e não preciso pagar um centavo por isso. Assim, digito uma mensagem para ela, já que se eu ligasse seria falatório na certa.

Saí para com meu orar meu nível com a Babi e dormi na casa dela por estar sem carro. Já estou a caminho de casa.

Por favor, não me me ate!

Ah, encontrei a carteira!

Envio a mensagem e coloco os fones do celular. Finalmente o dia amanhece sem sinal de chuva. Prevendo dias de sol, aperto o play em “Ilegais”, de Vanessa

da Mata. Algo a ver com a noite passada?

A chuva parece dar trégua. Ligo o ar-condicionado do carro e, até que enfim, vou ao trabalho dirigindo. Assim que estaciono o carro e passo pela portaria, encontro Kátia Flávia — a própria encarnação da mulher da música de Fausto Fawcett que a Fernanda Abreu regravou e fez sucesso nos anos 1990. “Kátia Flávia/ É um a louraça belzebu/ provocante...”, diz a letra que inspirou a mãe da moça a batizar a filha com esse nome, predestinando-a a “calcinhas com estíveis

e calcinhas bélicas/ Dessas com armamentos bordados/ [...] calcinha framboesa/

[...] calcinha antiaérea/ [...] calcinha de melo”. Sem perceber a vejo, me empolgo na letra e chacoalho o corpo pensando na batida.

— Pronto para mais um jogão? — falo.

— Estou sem pre pronta! Tenho que prestigiar o time, né? — Ela enfia a mão no bolso do apertado macacão jeans. — Será que não dá para colocar umas fotos

meinhas na página do Taes?

Kátia Flávia é a atual musa do time. Assim que ela completou dezoito anos, se inscreveu no concurso e ganhou de lavada a votação, sem dar chance às demais concorrentes, que quase se mataram para levar o título que não dá nenhum centavo sequer à ganhadora. Não sei se isso é amor ao time e que não sai da segunda divisão ou se é vontade de aparecer mesmo. Sem perceber a louraça me vê, pede um espaço no jornal, uma foto no site ou uma dica para conseguir espaço na mídia.

Em bora as m arias-chuteiras sej am com uns e eu as ignore ao m áxim o, sinto um pouco de em patia por ela. No fundo, m as bem no fundo m esm o da m inha alm a, a acho diferente das outras barangas e barraqueiras que ficam loucas para engravidar e prender algum j ogador. Misteriosam ente, com a Kátia Flávia acontece o oposto: os j ogadores ficam loucos por ela. É um a sedutora que j oga m elhor que os próprios j ogadores.

— Não prom eto nada! A diretoria fica no m eu pé quanto ao conteúdo — m into. Eles não estão nem aí para o que eu faço. — E você j á foi até entrevistada

no j ornal.

— Eu sei, Déborah. — Ela cam inha ao m eu lado enquanto dou passos largos em direção ao cam po. — Sou m uito grata a você, é a pessoa que m e trata m elhor aqui!

— Sério? Achei que fossem os j ogadores — respondo, com ar de deboche.

— Não tô falando nesse sentido. — Ela faz um m ovim ento com as m ãos na altura do busto. — Tô falando de am izade.

Para o m undo que quero descer. Agora virei am iga de m oça que não continua os estudos para viver na aba de j ogador a fim de se tornar fam osa.

— Apenas faço o que posso para o clube, Kátia Flávia. É m eu trabalho. E agora tenho que m e preparar para o j ogo. A gente se fala com calm a depois.

— Gosto m ais de você assim . — Ela finalm ente para de cam inhar ao m eu lado. — Está m ais bonita, com j eito de quem acordou feliz.

Aproveito que estou de costas e abro um sorriso. É incrível, m as eu tam bém pareço gostar m ais de m im .

Cam inho pelo clube em direção ao campo, e Diguinho se aproximou.

— Dimas volta hoje, está sabendo?

— Recebi um e-mail do médico do clube. Bom que terei assunto para as reuniões sociais.

— Pô, Dedé, tem um tempo que não apareço lá.

— Com vocês choramos, meu Deus! Você apareceu nas fotos do jogo no Chile. — Relaxo os ombros e falo num tom mais amigável. — Você já está ficando conhecido, cara! Um amigo meu de São Paulo te conhece e falou que você é um ótimo lateral.

Acho que consigo contar todos os dentes da boca de Diguinho no largo sorriso que ele abre. Deve ser isso que talentos reconhecidos causam: alegria.

Por muitas vezes fico na dúvida se sou competente e estou num lugar onde não me valorizam ou se sou incompetente justificando por permanecer nesse lugar. Ninguém sabe como é difícil manter um clube de segunda divisão na vida! Ainda consigo publicar um informativo por e-mail e deixar as reuniões sociais

em alta, mesmo com o número de torcedores em queda. Mas, com o narcisismo de Zé Jairo e família distorce a realidade, eles pegam no meu pé querendo mais, acreditando ser muito fácil em placar notícias do Taes.

— Valeu, Dedé! Poxa, dá a maior alegria saber que as pessoas de fora me conhecem. — Ele olha para cima e ergue as mãos. — Que dia vou sair da segunda divisão, meu Deus?

E eu? Que dia as estrelas vão sorrir para mim e, finalmente, serei elevada à

série A da minha profissão?

Com o depender das estrelas nunca me levou a nada, sento-me e na arquibancada e, enquanto espero pelo técnico, pego o celular, cujo o visor aponta um a nova mensagem .

HENRIQUE : Ressaca?

DE DÉ : Nenhum a!

Só um pouco de vergonha por ontem ...

HENRIQUE : Vergonha pelo quê? Show das poderosas? Rs.

DE DÉ : A buzina da música me acorda! Nem é meu estilo favorito, acredite!

Hehehe.

HENRIQUE : Pra dançar numa festa é bom .

Hum ... O meu sono tentação dançando? Que visão boa!

DE DÉ : Tudo bem aí no trabalho?

HENRIQUE : Sim ! Estou encerrando em BH, né? Vou em bora no sábado de amanhã.

Cadê o meu ícone de coração partido?

Bom momento para me lembrar de que ele nem mora aqui e eu tenho namorado e minha vida para tocar. Henrique certamente será mais um amigo daqueles que mantenho a distância. E, com o gato, é o melhor que seja a bem

distante mesmo.

Antes de digitar qualquer coisa, surge Zé Jairo com a camisa do tricolor do tempo em que o clube ainda jogava na série A. Tão apertada quanto as outras e

m ais desbotada que de costum e.

— Gostou, Dedé? Tô pensando em fazer cam isas m odelo retrô. Achei um lote delas lá em casa.

— Blusa velha é um a coisa, m odelo retrô é outra — solto de um a vez. — Não é porque é m odelo antigo que tem que ser velha.

— Ninguém vai nem reparar! Depois você tira um as fotos para anunciar a venda no site.

Prendo a respiração e m ordo a língua. Melhor nem retrucar ou tentar convencê-lo a ser m ais profissional e fazer m odelos retrô decentes. Com o falta pouco para o j ogo, peço licença ao Zé Jairo e sigo para o vestiário com a desculpa de entrevistar o técnico. No traj eto, digito um a m ensagem ao Henrique.

DE DÉ : Espero que tenha curtido Belo Horizonte.

Hoje e tem j ogo e preciso m e concentrar aqui. Qualquer coisa m e chama, tá?

HENRIQUE : Ok!

Outra: hom em faz econom ia de palavras com o se elas custassem dinheiro.

Não adianta esperar m ais de Henrique, que vai em bora logo e... Céus! Eu nam oro, e Sérgio estará de volta na sexta. Aliás, preciso encom endar um bolo e alguns aperitivos para a festinha.

O céu vai escurecendo, e o estádio do Taes, um cam po com arquibancada junto ao clube, com eça a receber os prim eiros torcedores. Enquanto espero o início do j ogo, faço m inha pequena lista de convidados para sábado. Além do

pessoal da minha casa, chamarei algum amigo, uns parentes e a família do Sérgio, claro. E a Silvinha, que sempre está em todas. É tão de casa (da casa do Sérgio) que até vai às festas no mesmo carro que a família dele. Logo, não convidá-la é uma ideia totalmente descartada.

Quase não ouço meu celular tocar com os gritos e tambores da torcida. É Babi, que está com a voz mais calma do que de costume.

— Tudo bem aí?

— Tudo, tô correndo. Mas falta uma hora para começarem o jogo, dá para falar.

— Mas você está bem, então?

— Tô. Por quê?

— Não viu o evento que sua pseudocunhada Silvinha está organizando no Face?

Estranhamente, hoje não fui ao Facebook. Nada de onda de ciúme e das maldades arrumadas do congresso ou ideias persecutórias. É como se eu tivesse coisa mais importante para fazer — e pensar.

— Vou falar de uma vez porque não sei fazer as coisas sem alarde, mas ela marcou uma comemoração num restaurante árabe no sábado à noite, dia da sua festa.

— Ah, deve ser outra apresentação de dança. Bom, assim ela nem vai à minha casa então.

— Nada disso! Essa comemoração é para o Sérgio, que, aliás, já confirmou presença no evento. Achei estranho, porque você estava animada para a

celebração do seu nível.

Quanto tempo eu passei sem acessar a internet ou presa em outro plano? O que eu perdi das últimas?

Digo a Babi que ligo de volta em alguns minutos. Acesso meu e-mail do celular e constato que não há nenhuma mensagem importante. Pelo Facebook, sem prever ele, está já janela de uma conversa com dezenas de mensagens.

Corro os textos até chegar à mensagem inicial.

Caros, como alguns sabem, estou no Rio participando de um congresso na área de minha residência médica. A apresentação de um artigo e dos resultados de algumas de minhas pesquisas culminou no interesse de um renomado professor da USP em meus estudos. Assim, com a devida autorização e acordo de meu prefeitor, passarei uma breve temporada em São Paulo a fim de aprofundar uma hipótese e pleitear uma publicação em congressos internacionais. Boas-novas, não? Abraços aos amigos.

Claro, a mais polêmica da conversa é a boba alegre da Silvinha, que socou em oticons e palavras em caixa-alta. Sinto um nó no peito. Deveria ser eu a mulher em polêmica que baba no Sérgio, não a sua mulher amiga. O nó se desfaz

com rapidez assim que vejo o evento criado pela amiga que, literalmente, sem prever o (enorme) nariz onde não é chamada. Sérgio não se lembrou da

comemoração do meu aniversário.

Eu ligaria fôlego de vida para Sérgio, dando um jeito de ele desfazer essa

maldita com em oração, mas, com o um maratonista em fim de prova, perdi o fôlego para esculham bações ao telefone. Que mulher quer receber atenção do namorado depois de exigi-la? Quero que a atenção dele seja espontânea, sem que eu tenha que forçar a barra. Além do mais, estamos os juntos há um bom tempo, sei que ele gosta de mim. Sei? Sim, sim. No momento ele só está em polgado com a vida profissional, e o problema deve ser ajustarmos este: não

me sinto feliz no trabalho há muito tempo.

Troco algumas mensagens com Babi ao telefone, e ela também acha que a melhor ideia é conversar com Sérgio depois do jogo, quando estiver em casa e com a cabeça tranquila.

Logo começa a série B do Campeonato Brasileiro e com ele as expectativas da torcida e as minhas. Digo a mim mesma que, se o clube não subir ou minhas

condições não melhorarem, buscarei outro emprego.

— Até o fim do ano, Déborah — prometo a mim mesma.

Faltam trinta minutos para a partida começar, e me sento perto de onde ficam os poucos jornalistas que irão cobrir o jogo. São sempre os mesmos que fazem a narração na rádio e que escrevem sobre o Taes no jornal. Trocam algumas expressões com o “este ano vai” e “bora, Taes”.

O céu ostenta a cor azul-anil, e em bora os refletores do pequeno estádio já estejam acesos, consigo ver uma estrela brilhar.

— Que seja este ano — peço.

Meu celular toca, interrompendo meu pedido. Por um segundo, tem o que o

identificador de chamadas do celular esteja errado. É bom demais para ser verdade receber um a ligação de Henrique.

— Vam os ver se esse Diguinho vai mesmo andar bem hoje e... — ele diz.

— Ah, espero que mesmo ande. Aliás, eu e a torcida esperam os que mesmo ande bem o campeonato inteiro.

— Você assiste ao jogo da arquibancada, perto dos jornalistas ou do banco?

— Vário, por quê?

— Estou perto de um cara com o bonecão do Taes.

Uma onda gelada percorre meu corpo. Sem conseguir segurar meu sorriso, me viro para o lugar onde sempre fica o garoto do Taes, um boneco com o uniforme e do time, trazido pela torcida organizada.

— Venha andando na direção do placar. Estou na fileira 13.

— Estou na 7, vou subir uns degraus...

— Já te vejo — digo segundos depois.

Tiro o celular da orelha e o desligo, mesmo assim e ligo por completo no sorriso que Henrique está no rosto. Nós nos aproximamos um do outro e nos abraçamos.

— Então veio torcer pelo Taes...

— Na verdade, vim torcer por você — ele diz, olhando em meus olhos, e me sinto líquida.

— Obrigada, mas não vou entrar em campo — rio.

— Mas é seu time, e por isso vou torcer.

— Deixa eu te contar um segredo. — Aproximo-me de seu ouvido. — Eu só

trabalho aqui! Nunca torci para o Tricolor mineiro. Eu torço para o...

— Então tá explicada a raiva da primeira-cobra! — ele ri. — Futebol para mim é coisa séria, e se consegue trabalhar num time e que não é o seu, deve ser porque a grana é boa.

Ui! Isso doeu! Em bora eu dê meu melhor, trabalhar no Taes nunca foi meu sonho. Obviamente, ninguém do clube sabe que torço secretamente para outro time. Pior ainda é pensar que meu salário não é grandes coisas.

Taes deve ser meu “clube de conforto”, onde já conheço a todos, sei que não serei demitida e já estou acostumada com a rotina. Eu amo trabalhar para meu time, mas, exatamente porque ele tem meu coração, não sei se suportaria

trabalhar nele. Só torcedor que já teve o coração partido pelo time e vai entender o

que estou falando. Então me limito a acompanhar o placar de longe e me dedicar

a algo que só me exige razão, preservando meus sentimentos. Henrique e eu nos

sentamos perto dos locutores. Tenho vontade de perguntar tudo sobre sua vida e saber detalhes de onde andou antes de chegar a Belo Horizonte. Mantenho o papo animado enquanto, com o notebook no colo, atualizo a página do clube.

A bola começa a rolar, o papo engrena, e até vibro quando o Taes faz o primeiro gol. Gosto dos jogadores, torço por eles e, claro, quero subir para a primeira divisão.

O jogo termina em 2 x 0 para o Taes, o que me deixa animada para o dia de amanhã. Nada de melhor do que começar bem, com boas expectativas.

— Tem os que com em orar... — Henrique fala.

— Igual a ontem ? Jam ais. Preciso acordar cedo am anã.

— Mas você vai com er algum a coisa ainda, né?

— Você não pode sair de um estádio de Minas Gerais sem com er um tropeiro! O daqui é ótim o!

Dizendo a m im m esm a que eu estava apenas apresentando àquele m oreno lindo um a tradição m ineira, o levo até o bar do clube.

Aos poucos, o estádio esvazia, o tim e com eça a deixar o clube, e os dirigentes passam pelo bar, anim ados. Enquanto Henrique está sentando à m esa conferindo

o celular, vou até a cozinheira e peço dois tropeiros no capricho.

— Seu nam orado é bonito, hein? — ela m e diz, baixinho.

— Não, ele não é m eu nam orado — digo, com certa tristeza.

— Ah, desculpe! Com o nunca vi seu nam orado antes, achei que era ele. —

Ela vira as costas e segue até a enorm e panela.

Realmente, Sérgio nunca participou de um a festa do m eu trabalho. Não consigo precisar se é falta de interesse dele ou falta de convite m eu. Ou am bas as

coisas. Ele não gosta de futebol, nem de palavrão, nem de cervej a, e tudo isso é intrinsecamente ligado ao universo da bola. Talvez por isso nunca o tenha convidado (nem ele se oferecido para assistir a um j ogo).

Enquanto Sérgio curte seu m omento de glória acadêmica no Rio e se com unica com os am igos com o quem envia um com unicado form al aos m em bros de um a diretoria m édica, eu m e sento à m esa do bar com

Henrique.

Nossa m arm ita de feij ão-tropeiro chega com cheiro e aparência divinos.

Diante daquele hom em lindo de om bros largos, pela prim eira vez agradeço aos céus pela proibição da venda de bebidas alcoólicas nos estádios. Perder o controle na frente dele pela segunda vez pode não prestar.

Depois de deixar Henrique no hotel, chegar em casa e tom ar aquele banho, ligo para Sérgio. Digo a ele que estou feliz por sua conquista, m as que tam bém adoraria m anter m eus planos de com em oração no sábado.

— Ah, você sabe com o a Silvinha é! Foi logo m arcando um a saída... — ele fala.

— E por que aceitou, com o se ela m andasse na sua agenda?

— Ai, Déborah, não com eça com ciúm e...

— Não é ciúm e — falo calm a e seriam ente. — Estou apenas dizendo que não gostei de você não se posicionar com ela. Custava dizer que é m eu aniversário?

Falo m ais alguns m inutos com ele, que prom ete dar um j eito nisso. Pouco tem po depois, chegam dezenas de m ensagens da Silvinha no m eu Facebook, m e

pedindo desculpas, dando um a de vítima e dizendo que está m al. Maldita m anipuladora.

Ligo de novo para Sérgio, que m e avisa que Silvinha está péssim a com isso, que só queria aj udar e acabou m e m agoando.

— A Silvinha está com m edo de você achar que ela não gosta de você.

Ou será que ela está com m edo de eu descobrir que ela não gosta de m im ?

Todo o tratamento me elos e exagerado comigo só pode ser para despistar um amor recalcado pelo meu namorado. Mas eu não digo isso em voz alta nem dou

ideia a Sérgio. Para que chamar a atenção dele para ela?

Que se dane. Esse joguinho da Silvinha não me interessa, e perdi a animação com meu aniversário aqui em casa. Com a desculpa de economizar,

digo a Sérgio que podem os fazer as duas com as orações no restaurante. Mais tarde, mandando um mensagem fofo para a chata da Silvinha e a ponho como responsável pela minha comemoração também.

Saio tão bem da situação que ainda ganho um bolo de presente da nariguda.

Nada com o distanciamento emocional para resolver as situações e tirar proveito

do que é ruim. No meu íntimo, sei que dou conta de fazer isso porque já tive meu

vigésimo nono aniversário celebrado.

É... Talvez eu esteja me ligando *emocionalmente* a Henrique mais do que deveria.

#### 4

*De trêmulo cristal*

*parecia*

*e era*

*num átimo*

*como se levasse*

*um pacote de gelo*

*ou uma espada de arcanjo na cintura.*

### *Ode a uma estrela, Pablo Neruda*

**A sexta-feira passou** num piscar de olhos. É a última noite de Henrique na cidade

e a primeira com meu namorado de volta. Logo as coisas retornarão ao que eram, e eu focarei na minha vida profissional. O voo de Sérgio está previsto para

o começo da noite, chegando a Confins por volta das nove.

Henrique me disse que partiria na manhã de sábado para São Paulo e perguntou se eu faria algum coisa hoje e à noite. Respondi que passaria no hotel para vê-lo assim que saísse do trabalho. Meu plano é me despedir dele e buscar Sérgio mais tarde, evitando qualquer chance de bebedeira ou mais envolvimento.

Tom o banho no clube e coloquei um vestido azul curto, separado na noite anterior. Seguindo o que tramamos, me encontro com Henrique no saguão do hotel. Ele está gato com o sem-pre, numa blusa branca e com cheiro de quem acabou de

sair do banho. Dou a entender que estou com pressa e não fico muito tempo.

Rapidamente, nos despedimos. Sem choro, sem abraço apertado e sem essas

meias palavras. É o fim.

Encaro um louco caminhando até o aeroporto de Confins e chego a tempo de esperar Sérgio desembarcar. Assim que ele cruza o saguão, me jogo naqueles costumados braços. Conheço cada pedaço daquela pele e me recosto nele com segurança. Pronto. Estou com meu namorado outra vez.



— Tô pregado, Dedé. Vam os ficar por aqui m esm o. Depois a gente cham a o pessoal para vir para cá tam bém ...

A porcaria da turm a do prédio de Sérgio parece não superar nunca a adolescência. Pizza com vizinhos era tudo que eu m ais am ava quando estava no sexto ano. Para piorar, a chata da Silvinha estaria no m eio, claro.

O j eito seria ficar, sorrir e com er.

Meu celular vibra.

HE NRIQUE : Realm ente gostei m uito de te conhecer. Pena que não deu para nos despedirm os com calm a, m as espero te reencontrar quando estiver de volta. Ou pode m e visitar em São Paulo tam bém .

Beij os.

Milhões de fogos de artifício m e ilum inam por dentro. Parece que há um hom em realm ente interessado na m inha com panhia nesta noite.

Diante de m im estão duas Déborahs: a que eu estou sendo, com um nam oro estável, que tem um a vida profissional que m ais m e lem bra m inha época de faculdade, e que quase sem pre acaba em pizza na sexta-feira; e a Déborah que quero ser, um a m ulher segura, que sai para j antar com um hom em que a faz repensar seu “clube de conforto”.

Neste apartam ento está o cara com quem nam oro há quatro anos. Fora daqui está o outro, com quem desejo passar a noite.

E se for só um a aventura? Se ele for um galinha, se m e deixar e eu colocar tudo a perder por um casinho com alguém que nunca m ais verei?

Talvez eu deva m e abrir com Babi. Mas agora de nada adiantaria entrar no

banheiro e contar toda a história. Estou sozinha para resolver o que fazer. Não seria nada mal ter um a Saphira por perto em momentos com o este, não? O que

um a cigana me diria?

Sento-me no sofá ao lado de um a pilha de livros e revistas. Abro um a revista de arte e a folheio. *“Donde no puderes amar, no te demores”*, está estampado em

letras garrafais com um a imagem de Frida Kahlo, pintora de quem gosto muito.

*Onde não puderes amar, não demores.*

Vai que ciganas mandam recados por meio de revistas.

Levanto-me, vou ao quarto de Sérgio, digo que estou com sono e que nos vem os amigos amanhã. Ele não insiste para que eu fique, e saio do apartamento dele sem me demorar.

No elevador, digito um a mensagem para Henrique. Digo que, se ele ainda estiver

animado, podem os sair para comer algo. No momento, ele responde.

Dirijo até o hotel com o coração acelerado. Sinto o desejo e o medo pulsar dentro de mim. Assim que me aproximo da pista de entrada do hotel, vejo-o.

Paro rapidamente o carro e desço.

— Ouvi dizer que o bar daqui é bom, vamos ficar por aqui momento? — falo.

— A essa altura o lugar pouco importa — ele me olha com o quem quer me hipnotizar. — Estou feliz com sua companhia.

— E pensar que quase não vim ... — solto. — Mas terminei meu outro compromisso para poder vê-lo.

Cam inham os até o bar, e opto por não beber nada muito forte. Não por medo de perder o controle, mas para estar atenta a cada segundo da última noite que terei com ele. Eu não quero fechar os olhos para não correr o risco de perder algum momento então.

Depois de alguns pratos de vinho, o garçom avisa que o bar vai fechar. Olho para o relógio, que marca duas da manhã. Nem senti o tempo passar.

— Há um alpendre no andar de cima liberado para os hóspedes. A vista é muito bonita — o garçom avisa.

Pagamos a conta e subimos para o pequeno terraço. O lugar me lembra muito o hotel em que estive em Santiago, na noite que precedeu meu encontro com Henrique. É impossível não pensar em Saphira e nas loucuras que anunciou.

Será que meu momento de tentação é a mudança que ela previu?

Por um segundo, imagino como seria minha vida ao lado de um homem tão interessante. E mais velho. Certamente não ficaria no esquema atual na casa

dos pais por muito tempo. Logo estariam os meus irmãos, dividindo as

camas.

Pisco meus olhos e volto ao planeta Terra, hemisfério Sul, Brasil, Belo

Horizonte, Savassi. Estamos os três, eu e Henrique, no parapeito do hotel. Respiro fundo e absorvo seu cheiro, imaginando como seria tocá-lo. Escuto-o falar sobre

o trabalho, algumas coisas da família, histórias de viagens e de amigos.

A parte mais escura da noite cede espaço aos primeiros raios de sol.

— Você fala, hein? Nem vi o tem po passar — ele diz, apontando para o relógio que está em seu braço. Pelo que consigo ver, passa das cinco da manhã.

— Nem consigo lembrar da última vez em que passei a noite em claro com alguém ...

— ... conversando — ele ri, e deduzo que com alicia.

— Daqui a pouco tenho que sair para pegar o voo. É uma pena perder sua companhia, mas tenho que arrumar a mala ainda.

— Já deve estar enjooado da minha cara! Vai lá. Só não ofereço para levá-lo porque com o sono que estou é até perigoso dirigir...

— Jamais me enjoaria da sua cara. — Ele pega meu queixo e levanta meu rosto. — Amanhecer ao lado dela é tudo que pedi na noite passada. E olha só: agora você está aqui.

Nada mais natural do que beijá-lo neste exato momento. Mas não posso. Me afasto e aviso que preciso ir em bora. Ele não diz nada e também se afasta.

Estou triste, mas sei que fiz o certo.

Entro no carro, dou partida e vejo o sumir no retrovisor do carro. Antes que as lágrimas comecem a rolar, acrescento mais um item à extensa lista de coisas

admiráveis do meu eterno momento de tentação: Henrique é daqueles que fazem pedidos ao universo no meio da noite (com o alguém que eu conheço).

Não dizem que não há nada melhor que deitar a cabeça no travesseiro com a consciência limpa? Então por que não sinto que fiz a coisa certa? Dei algumas cochiladas durante o dia, mas nada que se possa chamar de sono. Mudo de posição na cama e confiro o celular algumas vezes. Pelas minhas contas, Henrique j

á

deve estar em casa, e ainda não deu sinal. Aliás, por que daria? Com portei-m e com o um a am iga o tem po inteiro. A vida seguiu para ele e vai seguir para m im

tam bém . E é m elhor que eu saia logo da cam a e m e arrum e para a com em oração m ais sem graça da face da Terra. Rezo para que Silvinha não vá vestida de Jade, da novela *O clone*.

Tom o banho e m e arrum o com o quem quer cham ar a atenção. Escolho m inha m elhor calça preta, bem colada ao corpo, um a blusa transparente com detalhes bordados na gola e na m anga, e m eu salto nude. Faço um olho bem m arcado e um topete m oicano, com laquê e tudo m ais.

O interfone toca, e m inha m ãe anuncia aos berros que é Babi.

— Não precisa gritar, j á ouvi — digo em tom baixo para não com eçar um a briga.

— Então por que não se levantou para atender? Tudo eu nesta casa!

— A senhora j á estava aí perto e foi na frente! Credo, m ãe! Não vai tratar m al a Babi, hein?

Na dúvida, m e levanto e vou até a porta do apartam ento. Logo Babi surge com seu vestido estilo bata e um sapato baixo.

— Porra, esse lugar é chique? — ela solta quando m e vê. — Você tá gatíssim a!

— Deu vontade de m e arrum ar, só isso — digo quando a abraço. — E de virar um as tequilas tam bém .

— Nem fale. Depois dessa sem ana ferrada! Mais um m ês com dinheiro

contado, tá foda. Vou acabar pegando fotos de casam ento, de m odelos e de subcelebridades.

— Nem vou pensar nisso hoj e. Fico fula só de lem brar que nunca recebi um aum ento decente! — Suspiro. — Vou pegar m inha bolsa, e a gente desce para esperar o Sérgio.

— O eterno m otorista da rodada... E, aí? Mais anim ada com ele de volta?

— Anim ada eu sem pre estou, ele é que esfria às vezes, né? Acredita que ontem ele ficou em casa com os pais e com os coleguinhas do prédio com endo pizza?

— Nossa, m as depois de tanto tem po separados ainda não ficaram j untos? Fecho os olhos, faço um bico com a boca e balanço a cabeça negativam ente.

— Sua vida é igual à m inha, que sou solteira. Até quando, m eu Deus!

Querendo evitar que detalhes da nossa vida sexual ficassem expostos na m inha casa, vou ao quarto, pego a bolsa e volto para a sala, de onde m e despeço da m inha m ãe. De longe, para evitar qualquer fagulha de seu m au hum or.

— Se for dorm ir fora de casa de novo, avise! Duas vezes nesta sem ana j á deu, né, Déborah? Um dia enche a cara e precisa ir para a casa da Bárbara, ontem sum iu com o Sérgio. Já pensou no que a fam ília dele fala de você?

— Não, porque estou dando atenção ao que m inha m ãe fala de m im ! Você não tem m ais nada a ver com m inha vida! Por que tá dando um a de louca agora?!

— Atrevida, enquanto m orar aqui vai m e dar satisfação! De tudo!

— Você adora um controle m esm o, né? Tenta focar no seu m arido e m e

esquece — berro.

Pego Babi pela mão e, quando saímos de casa, bato a porta. O elevador está no meu andar, e logo estamos na rua, esperando por Sérgio.

Babi passa a mão em meu ombro e deita sua cabeça sobre a minha — ato que sua altura permite.

— Se eu te abraçar você vai chorar... E você está tão linda! Sei que é difícil, mas o melhor agora é esquecer os lances da sua casa.

— Você tá certa. Não tem nenhuma novidade, só as mesmas e velhas histórias acontecendo.

Sei que preciso sair da casa de meus pais, mas sou maltratada pela lembrança de que tenho vinte e nove anos e nenhuma condição de mudar. Com o

um pensamento puxa o outro e eu já estava bem perto de um buraco emocional,

pego o telefone e ligo para Sérgio. Não dá para chorar as feridas agora. Ele diz que logo chegará, e ao fundo escuto a voz de Silvinha falando “Dedé, estou com seu bolo na mão” ou qualquer outra idiotice do tipo.

Por fim, estamos eu e minha amiga na portaria.

— Agradeça a Deus por esse barraco a que assisti. Fica mais fácil perdô-la por não me contar nada sobre essas noites fora de casa...

— Nada que a primeira dose de tequila não possa resolver.

Algumas doses mais tarde, lá estou eu, entre Babi e Sérgio, numa mesa com cerca de trinta pessoas. Alguns amigos da faculdade aparecem e fazem a mesa ficar menos semelhante a um ambulatório. Os amigos de Sérgio são legais, m

e

tratam bem, mas as tendem a falar de especificidades clínicas, o que eu adm irava e

agora mal consigo ouvir.

— Por que não dizem antibiótico com o todo mal undo em vez de agente antimicrobiano? — cochicho com Babi. — Por que esses médicos não são com o

os do *Grey's Anatomy*, que mal ovim entram os quartos vagos do hospital?

— Porque, se a turma de Sérgio fosse assim, você não mal nam oraria.

— Você está certa! Sou mal uito ciumentosa, né? Adoro um controle.

— E do que chamou a sua mal ãe hoje?

Dói mal ais que nocaute. A ideia de ficar parecida com a mal inha mal ãe mal e consume. Eu a mal amo, sou grata pela dedicação e pela forma com o criou a mal im e

mal eu irmão, mal as ela, definitivamente, não é a mal ulher que quero ser.

— Não sou com o ela, Babi! E Sérgio não é com o mal eu pai! Durmo tranquila todas as noites.

— E o Sérgio, pode dormir tranquilo?

— Porra, você é mal inha amiga ou não? — falo, segurando o tom de voz. — Achei que sem pre estaria ao mal eu lado!

— Não há dúvida nisso! Mas tô puta por não mal e contar o que está acontecendo! Até falou que dormiu lá em casa esta semana! Onde você esteve se seu namorado estava fora?

Em bora Sérgio esteja entretido com a conversa dos colegas, ele está ao mal eu

lado. Com o contar a verdade num a m esa cheia? Não é qualquer história, é o Henrique. Foi a m elhor coisa que vivi em ... talvez cinco (ou vinte e nove) anos. Dou conta de que há algo m uito errado em m inha vida. As m elhores sensações de que m e lem bro ter vivido não foram com o cara que está sentado ao m eu lado. Será que é assim com todo m undo? Estam os todos fadados a ter um

relacionam ento estável e um frio na barriga som ente fora dele?

— Eu saí com uns am igos de outra turm a. Quis fazer coisas diferentes, bebi além da conta e dei um a aloprada. Foi isso — respondo, encerrando o assunto. Pelo m enos naquela noite.

Sei que m inha segunda-feira será braba quando vej o carros im portados no estacionam ento. Ainda bem que dorm i quase o dom ingo inteiro para com pensar

a noite em claro, o sum iço de Henrique e a frieza de Sérgio. Atualizo m inhas contas: passam os de dois m eses não só sem sexo, m as sem toque, sem agarrões... sem intim idade.

O clã quase com pleto está na m inha sala: Zé Jairo lê os j ornaís enquanto Mariza conversa com Hanna à m esa. Elas parecem gesticular de propósito só para balançar as dezenas de pulseiras que usam . Tal m ãe, tal filha.

— Ainda bem que você chegou, estou cheia de ideias. — Hanna quase pula em cim a de m im .

— Bom dia, benzinho — a prim eira-cobra entra na conversa. — Passou bem o fim de sem ana?

— Oi, querida! Passei, sim . Pela cara anim ada de vocês a esta hora da

m anã, devem ter passado tam bém .

Hanna outra vez surge na m inha frente. Em bora ela j á sej a casada, ainda enxergo nela um a m enina em polgada com a excursão da escola. Suas bochechas

estão rosadas de tanta excitação, e sinto que ela vai explodir se eu não lhe der um m inuto de atenção.

— Ainda não falei com o pessoal da torcida organizada, m as acho que podem os gritar novas coisas no cam po...

— Tipo... — eu falo.

— O m ascote que tem os é o bonecão do Taes, né? Não é bicho com o o Atlético e o Cruzeiro, que falam Galo ou Raposa. Mas podem os falar Taesão! Por que esperei um a conversa interessante com essa m enina? Ainda bem que ela não precisa de inteligência para sobreviver.

— Fale Taesão repetidas vezes, com o se estivesse na torcida — eu digo.

— Ta-e-são! Ta-e-são!

— Mais rápido!

— Taesão, taesão, tesão, tesão, tesão...

Hanna interrom pe seu grito de guerra com um “aaaaahhh”. Consigo

im aginar dentro de m im um a torcida inteira gritando tesão ao nam orado. Sérgio

é um parceiro incrível, m as quase tenho de lhe im plorar que m e enxergue, que m e deseje e m e trate com o um a m ulher.

Depois da cena patética da filha, Mariza para de m exer no celular e ergue o corpo, m ostrando que vai com eçar a dar ordens.

— Não foi por isso que viem os aqui, Déborah — ela diz, fuzilando a filha com o olhar. — Tavinho vai com eçar a nova turnê com um show aqui no Taes. Será ótimo o para o clube e para a carreira dele.

— Mas ele enche o estádio? — falo o que penso, sem raciocinar. — Cabem sete mil pessoas, é muita gente, e o público dele é muito maior no interior, né? — tento

consertar.

— Vai depender do quanto a com unicação se em penhar — a cobra dá o bote. Sinto veneno na minha pele.

— Sem pre faço muito eu muito melhor — suspiro — para potencializar o talento de quem muito e contrata. Com talento fica fácil trabalhar.

Ela sorri para mim e diz um sonoro:

— Então, vamos os trabalhar.

Abro meu caderno, sento-me e à mesa e me preparo para o pior. A porcária do show está previsto para dali duas semanas. Tenho ódio deles por me enfiarem o evento goela abaixo com o um trabalho do clube, acumulando as demandas do time e com as da família. Tenho muito ódio ainda de mim por permanecer nessa droga de emprego.

Tentando fazer caipirinhas com os limites, penso que esse show pode ser uma chance de fazer algo fora da área do esporte e de conhecer gente no ramo do entretenimento. E vai que o Tavinho se torna um desses caras de topete e calça apertada que fazem sucesso?

Depois de várias reuniões e de uma planilha de atividades a cumprir, vou para casa escutando o novo CD do Tavinho. Sinto vontade de chorar. Não terei

coragem de abordar um jornalista sequer da área de cultura para apresentar um trabalho desses! Letras sofríveis, com erros de concordância e uns arranjos péssimos. Ainda não sei como as terei que dar um jeito de ter um inimigo de

meu ídolo no evento sem queimar meu filme.

Chego em casa e me jogo na cama depois do banho. Falo um pouco com Sérgio

ao telefone e me preparo para dormir. De pijama, leio as últimas páginas do romance policial que iniciei na outra semana. Por um minuto, acredito estar tão orgulhada no livro que começo a ouvir a voz das personagens, mas me dou conta de que as falas já são velhas conhecidas minhas. Meus pais estão daquele jeito, brigando por causa do péssimo humor da minha mãe — e das ligações secretas do meu pai.

— É um ataque black bloc ou o começo da Terceira Guerra Mundial? — Zol entra no meu quarto e fecha a porta rapidamente.

— Deve ser o Armagedom — respondo, já arredando meu corpo para o canto direito da cama. — Morro de vergonha dos vizinhos.

— Eles é que devem ter vergonha deles mesmos! — Zol deita na minha cama. — Quando criança, eu achava que os adultos davam conta de resolver a própria vida.

— E agora que você é adulto, deu conta da própria vida?

— Claro que não! — Ele me olha com os olhos marejados. — O lance é fingir que ainda não sou um adulto.

O fato de nos submetermos ao inconstante e imprevisível com portamento do

casal proprietário do lar já é fazer de conta que não crescem os. Briga entre  
m arido e m ulher deve ser com um (relem brando a m inha infância, aliás,  
tenho

certeza de que é com um ), m as Zol e eu sabem os no que pode resultar a briga  
do

casal que nos gerou. Em bora a pior parte da história tenha acontecido há m uitos  
anos, ainda hoj e m antem os o hábito infantil de nos fazerm os com panhia.

— Parece que não há nenhum adulto aqui em casa hoj e — digo.

— Nenhum , Dedé. Ne-nhum .

— Ainda tenho os episódios de *Cavaleiros do zodíaco* e de *Anos incríveis* no  
com putador.

— Bota no últim o volum e — ele diz num tom que não é de brincadeira.

A enorm e quantidade de trabalho m e dá a sensação de que a sem ana voa e  
abafa

a desclassificação do Taes da Copa Centenário. Sabia que as viagens para fora  
não durariam m uito. Na sexta-feira, vou ao cinem a com Sérgio e depois  
seguim os para um a pizzeria no bairro de Lourdes. A com panhia e o papo de  
Sérgio são sem pre agradáveis. Passam os um bom tem po falando sobre o film e  
e

sobre os livros que lem os recentem ente. Tenho vontade de conversar sobre a  
gente, arquitetar planos e sonhar com o futuro. Nem precisa ser casam ento,  
pode

ser um a viagem rom ântica, dessas que todos os casais fazem .

A verdade é que conversam os m uito, m as falam os pouco sobre nós. Mesm o  
depois de quarenta e oito m eses j untos não tenho coragem de perguntar se j á

houve algo entre ele e Silvinha. Não tem o a resposta, até porque realmente acredito que tenham rolado uns beijinhos com os adolescentes, mas assim mesmo acredito que receio fazer a pergunta. Questões íntimas pedem intimidade, e assumo pela primeira vez que nossos assuntos são vastos e inesgotáveis porque não envolvem a nós mesmos.

Se eu realmente quero algo com Sérgio, talvez eu deva dar os primeiros passos rumo aos assuntos particulares.

— Está tudo bem na sua casa?

— Tudo bem. A pressão do meu pai baixou, e estamos os meus pais calmos.

— Não quero ouvir a resposta do médico, mas a do filho — sorrio ao responder. — Seus pais se dão bem?

— Normal. Não tem nada de diferente dos outros casais.

Eu me pergunto qual o referencial de casal é o dele.

— Por que não tiveram outros filhos? Deve ser chato ser filho único.

— Ah, foram trabalhando e focando em outras coisas. Acho que minha mãe não se sentiu muito confortável na gravidez...

Bingo! Aí está o calcanhar de Aquiles. Finalmente falarem os dois de uma maneira brava dolorida para, então, eu poder dizer alguma coisa para minha mãe.

— Sentiu-se rejeitado? — abuso.

— Claro que não, Dedé! Foram os incômodos típicos da gestação, nada comigo. Me dou muito bem com meus pais, você sabe disso.

Não me conformo com o fato de a família de Sérgio ser normal. Com o mesmo nenhum a gritaria, nenhum a jarras espatifadas na parede, nenhum a

perseguição alucinada num carro em alta velocidade?

Sérgio nunca entenderia se eu me abrisse acerca da minha família. Não que seja com as pessoas, mas com as pessoas. Ninguém é somente meu ou somente eu.

bom; passam os por meus e bons momentos. Passam os por meus bocados, mas

ainda seguimos juntos com o que chamamos de família.

Talvez seja mais inteligente não fazer meu currículo de confessionário. Para que divulgar nossas fraquezas se podemos mostrar só o que é bonito?

— À moda ou marguerita, senhora? — o garçom me oferece a primeira fatia da pizza de dois sabores que pedimos.

— Marguerita, por favor.

A noite acaba (outra vez) em pizza.

É impossível não pensar que há um a sem a eu estava vendo o nascer do sol com Henrique. Contudo, me concentro nos dias que terei com Sérgio. Claro, além dos dias, estou ansiosa pelas noites. Não que eu tenha me tornado uma Déborah safadona, daquelas que só pensam em sexo, mas há muito tempo não sei o que é ser desejada. Nossa vida sexual nunca foi atípicamente boa, e quando rolava

era... satisfatório. Minha vontade de fazer esse meu currículo dar certo é tão grande que nunca assumi nem a mim mesma que nossa intimidade não era lá essas coisas.

Finalmente começo a pensar sobre questões que antes eu negligenciava.

Parece que alguém acendeu a luz do meu currículo, e passo a enxergar situações

que eu coloquei debaixo do tapete. O que pode ter sido o estopim dessa série de  
pensamentos loucos que ganham força dentro de mim ?

Fecho os olhos, e lá está aquele sorriso. Está fresco na minha memória cada  
detalhe de seu rosto, o tamanho de seus olhos, o formato de sua boca e seu corte  
de cabelo. É possível que uma semana de conversa desestabilize quatro anos de  
matrimônio? Meu vínculo com Sérgio é assim tão frágil a ponto de qualquer bonito  
no estereótipo? Ou será que Henrique não é somente um cara gato, mas  
alguém

especial que a vida me deu?

Se eu continuar nessa sucessão de pensamentos, vou desencadear a maior  
crise dos meus vinte e nove anos. Aproveito que estou em casa na tarde de  
sábado para tentar me entreter com algum filme e ou programa de TV. Em  
meio

aos programas de auditório e filmes pipocão da tarde, decido fazer um teste:  
vou

esperar Sérgio ter a iniciativa para o sexo. Isso será um bom teste para  
nosso matrimônio.

Mais tarde, Sérgio me liga comunicando a programação de sábado à noite.

Wagner, seu colega de residência, nos convidou para sair conosco com a nova  
piguete, num famoso programa de casais. A disposição de Wagner para saídas  
noturnas não é a mesma para congressos e atividades do curso. No fundo,  
Sérgio

até gosta de ter um colega menos ambicioso que ele; sobra-me espaço para  
mostrar o talento e ganhar admiradores da USP.

— Você sabe que ele nos usa para iludir as meninas, né? — falo.

— Deixa o cara, Dedé. Com o você pega no pé dele!

— É que gosto de sinceridade! Sem pre que ele encontra um a com quem quer ficar um as sem anas a m ais, nos apresenta para iludir a pobre m oça com aquela sensação de “pode ficar sério”.

— Do jeito que fala, parece até que alguém já fez isso com você.

Inclino meu corpo para trás, num susto. Não, ninguém nunca fez isso comigo porque sem pre me m antive longe dos sedutores. E talvez eu nunca tenha me dado a chance de ficar tão entregue. Porém, digam os que quando criança eu senti na pele a fúria de um a mulher iludida por alguém bem próximo a mim. Num segundo, sou arrebatada pela lem branca daquele m aldito dia. Recordo-me

do meu irmão chorando, das pessoas nos olhando, das palavras nervosas daquela

mulher, do carro em alta velocidade e de seus giros, que pareciam ser infinitos.

Chacoalho minha cabeça com o quem quer ficar livre dessas m alditas memórias. “Concentre-se no agora, Déborah.”

— Eu só me coloco no lugar das meninas que ele enrola — respondo. — A última que ele nos apresentou ainda puxa papo comigo no Facebook querendo notícias dele.

— Então não adicione ninguém! — ele ri. — Wagner sem pre te achou legal, por isso faz questão de sair com a gente.

Dizem que ninguém resiste a um elogio. No meu caso, é a mais pura verdade. Abro meu coração a Wagner e sua vida amoroosa inconstante. O que custa fazer um programa de casais hoje e à noite? Será bom me distrair e parar

de

desenterrar algum as tragédias.

À noite, no bar que ele escolheu, conheço a nova pretendente: Fernanda, um a loira sorridente e de bunda grande. A menina faz de tudo para parecer simpática,

e no fim da noite já estavam os conversando com o boas amigas (mas sem trocar

Facebook, Instagram ou WhatsApp).

Na hora de irmos embora, sinto um pouco de inveja da forma com o Wagner abraça Fernanda. Ele a puxa para junto de seu corpo, dando a entender que a quer por perto. Talvez pela noite inteira. Sérgio entrelaça os dedos aos meus, e seguimos até o carro. É quase um adeus amanhã, e, assumo, estou com um pouco de sono. Ele me deixa em casa, e assim que entro no meu quarto tiro a minha maquiagem do rosto e capoto na cama.

No domingo, vou com Sérgio ao shopping no fim da tarde. Visto um look estilo namorada fofa, quase uma princesa. Em breve o jeito “adormecida esperando o beijo do príncipe para começar a viver” não tenha nada a ver comigo, o faço porque sei que Sérgio gosta. Descobri isso logo no começo do namoro, pelo estilo de mulher que ele olha na rua, pelas famosas que acha bonita

e por sempre dizer que estou linda quando ando no estilo fru-fru.

No shopping, passamos na loja de celulares e na livraria, nosso lugar favorito.

Sérgio compra algumas coisas para ele, e seguimos para a praça de alimentação.

Saímos do shopping um pouco depois das oito da noite. Ele me deixa em casa e

se despede de mim com um beijo na testa. Apenas um beijo na testa.

É a primeira vez no nosso namoro que subo para minha casa chorando.

Canalizo toda a minha energia acumulada na semana que precede o show da nova sensação do ar — só que não. Esse é apenas o slogan das peças publicitárias do Tavinho.

A fim de não queimar meu filme e com jornalistas sérios que cobrem cultura de verdade, corro atrás de jornalistas de celebridades e entretenimento. Com esse tipo de reportagem só vem cobrir o evento se tiver famosos (ou projetos de famosos), listo uma série de celebridades dispostas a vir ao show cobrando apenas as passagens e a hospedagem, bem esse tipo de gente que posta minhas fotos em redes sociais, que briga ou pega geral em eventos com minha mídia e faz de tudo para aparecer.

Entrego toda a relação à primeira-cobra na certeza de que sou muito boa no que faço. O que ouço é:

— Amanhã cedo fecham os isso.

De quebra, consigo em placar Babi com o fotógrafa do evento. Além de ela ganhar uma grana extra, sua companhia vai tornar a noite mais suportável.

Pensei em chamar Sérgio e outros amigos, mas gosto tanto deles para colocá-los

em furada que é melhor deixar quieto.

Com o passeio um tempo afastada do trabalho do clube, separei uma tarde da semana para assistir ao treino e fazer uma matéria para o site (e ainda dar uma

animada nos hormônios vendo o Dim se aquecer).

— Fala, Dedé — Diguinho se aproximou com um ar feliz que a de costume. — Sacou os caras que estão aqui?

— Ninguém me falou nada, estou tão envolvida com a porcaria desse show... Você vem, né?

— Ah... Claro, né? — Ele levou a mão à testa e fez um passinho de archocha.

— Tem nego de tim e grande assistindo à partida. Meu em presário tá me exendo os

pauzinhos.

— Achei que seu irmão trabalhava com você.

— Até eu conhecer o Jorge Galego, né? Porra, Dedé, quero jogar na série A, e do jeito que estava, ninguém iria me descobrir aqui. Em uma semana, o cara já trouxe peixe grande para ver o treino. Já viu isso acontecer aqui?

— Zé Jairo sabe disso?

— Dedé, tô nesse tim e desde pequeno. Se entrar dinheiro no bolso do gordo, ele não tá nem aí.

Um moleque de dezoito anos que cresceu no clube tem meus apegos a essa armadilha do que eu. Não sei o que me prende ao Taes, mas racionalmente sei que preciso sair, ou nunca irei progredir na carreira. Mas, com o dinheiro em minha mão, este será o último ano.

Diguinho faz um sinal a um loiro branquelo enorme na arquibancada, que julgou ser o tal Galego. Ele caminha calmamente até nós e estende a mão repleta

de anéis quando Diguinho me apresenta.

— Vam os precisar de uma nova assessora de imprensa no escritório — ele

diz — Se tudo der certo, vam os em placar o cara num clube grande.

— Estou torcendo! Se eu puder aj udar em algum a coisa...

— Pode dem ais, broto. — Galego se senta ao m eu lado. — Nego j á tá interessado no futebol do Diguinho, m as vai aj udar pacas se o cara tiver m ídia. Sabe com o é o show business, né? — Ele chia ao pronunciar a expressão em inglês.

— Já consegui m uita coisa para ele. Não sabe o esforço que faço para divulgar o clube.

— A Dedé é ponta firm e, Galego — Diguinho entra na conversa. — Tenho um m onte de recorte de j ornal guardado em casa.

Um a fagulha de esperança acende em m im . Se até Henrique, que é de São Paulo, com entou de Diguinho, agora que ele está com um em presário que parece ser enturm ado, a sorte dele pode m udar. E vai que esse em presário sej a

um a m áquina e agencie vários j ogadores e precise m esm o de um a assessora nova? Pode ser m inha chance!

— Tente fazer com que algum j ornalista graúdo com ente sobre a atuação dele por aqui. Vai m e aj udar com os olheiros — Galego pede.

Com bino com o tal Galego de enviar todas as reportagens em que Diguinho aparece. Não tenho m uito tem po livre no trabalho por esses dias, e acho m elhor organizar tudo em casa.

Fico trinta m inutos no telefone com Rob Garcia, um com entarista de futebol badalado aqui em Minas. Prom eto detalhes da negociação do Diguinho e qualquer outra novidade do Taes (se é que isso vale algum a coisa) caso ele

consiga citar o m oleque m ais prom issor da segundona na TV ou no j ornal.

À noite, fico até tarde conferindo as reportagens e m ontando o arquivo.

Depois de enviar o e-m ail, m orta de cansaço, apago a luz e finalm ente m e deito.

No escuro e na solidão do quarto, sem distração ou qualquer censura, ele vem à m inha m ente. Henrique é a últim a coisa em que penso antes de m e entregar ao

sono.

Minha vizinha esotérica diz que nada na vida é por acaso. Ela j ura de pé j unto que até as vezes em que se perde em algum cam inho da cidade têm algum propósito. Segundo ela, nessas perdas (de tem po e de gasolina) da vida, ela descobriu um a loj a de produtos naturais que vendia o que ela precisava, aj udou um a m enina que chorava num ponto de ônibus e aprendeu um traj eto de que precisaria dias depois para um com prom isso de trabalho.

Estou no cam arim do show do Tavinho m e apegando com todas as forças da m inha alm a à teoria da vizinha zen. Um brinde aos fofoqueiros que trucidam as subcelebridades em suas colunas, porque neste m om ento esses egos em form a de gente estão acabando — literalm ente — com a m inha coluna (a vertebral).

Não consegui sentar, m uito m enos ir ao banheiro antes de a porcaria do show com eçar.

— Espero que isso tudo m e valha no futuro — digo enquanto m e j ogo num a poltrona do cam arim .

— Cansada, hein? — Um a voz ecoa atrás de m im .

Viro o corpo e vej o o Léo Frias, o assistente de um m egacolunista do Rio,

sentado com o notebook no colo.

— Desculpe, achei que estava sozinha.

— Pode ficar à vontade! Para dizer a verdade, estou louco para ir para o hotel. Já estou até postando as notas de hoje e.

— E vai dar para sair coisa boa?

— Se vai? Gata, você armou o melhor cenário para subcelebridades darem show! Colocou jogadores de futebol, aspirantes a miss e modelos no mesmo lugar. E ainda pôs duas rivais de reality show juntas. Vai dar babado!

Sou mesmo boa! Até com a porcária de um artista que está turbinando a carreira com a grana do sogro eu consigo trabalhar. Faço ideia do quanto vou brilhar quando assessorar pessoas com talento, artistas de verdade e atletas com mais estrutura.

— Querida, vou para a pista — Léo fala. — Quando esse povo bebe e entra no clima do show, tudo acontece. Tô louco para uma confusão e gritaria.

Com o sei que a performance de Tavinho nunca lhe renderá um espaço importante, acho bom que ocorra qualquer bafo que remeta ao show dele. Além

de mais, já estou fazendo a linha “nem aí” há muito tempo.

— Anote meu celular particular — ele diz. — Qualquer fumaça é sinal de fogo queimando carniça. Você não se arrependerá de me dar notícias quentes com exclusividade.

Registro seu número no meu celular com o nome “Léo dos Babados”. Assim é impossível esquecê-lo.

*Guardei-a,  
temeroso,  
debaixo da cama  
para que ninguém a descobrisse,  
sua luz porém  
atravessou  
primeiro  
a lâ do colchão,  
depois  
as telhas,  
e o telhado da minha casa.*

*Ode a uma estrela, Pablo Neruda*

**Depois de passar o fim de semana** dormindo e com o corpo todo dolorido, retorno

ao clube num amanhã lotada de trabalho. Para piorar, Hanna surge no Taes querendo bater papo. O dia realmente não está para mim .

Os dias se passam , e Sérgio e eu temos os nossos falados menos desde que comecemos minha tática de deixá-lo ir e procurar. Sinto uma pontada no coração quando percebo que minha iniciativa sustenta o namoro. Aliás, posso chamar isso de namoro?

Saio do Taes por volta das oito. Sempre gostei de dirigir à noite, quando o trânsito está menos caótico e o céu, escuro, permitindo que eu veja as estrelas.

Às vezes, gosto de imaginar desenhos formados por elas, como se fossem sinais

enviados a mim. Infelizmente, depois que a gente cresce, para de enxergar sinais

no universo, ou talvez eles apenas não existam diante da implacável realidade.

Aum ento o som do rádio quando uma canção está terminando. Em seguida, com a canção “Wishing on a star”, uma canção que fez muito sucesso anos atrás.

Gosto da versão que toca, com o cantor Seal. A letra parece ter sido feita para mim e encaixa com perfeição no meu momento.

“I’m wishing on a star/ To follow where you are.”

Estou me perguntando um dia a estrela para segui-lo onde esteja. Aliás, onde se escondeu esse homem? Por que sumiu de repente? Talvez ele tenha outra pessoa

— ou várias pessoas.

“I’m wishing on a dream / To follow what it means.”

De qualquer forma, estou pedindo a um sonho que me diga o que ele significa. Mesmo que eu nunca mais o veja, sinto que devo me levar um cartão de

agradecimento para Henrique por me fazer me confrontar comigo mesmo.

Não sei se meu nome tem futuro. Sérgio usa a desculpa de estar na residência e eu não ganhar tão bem para evitar o assunto momentaneamente. Não há planos para quando os ventos se tornarem favoráveis nem sonhos em conjunto para fazer a situação melhorar.

Tenho sorte de não orar um homem de caráter. Ou um projeto de homem adulto de caráter. Às vezes sinto Sérgio me infantilizado. Não é incrível com o homem que já abriu cadáver e é responsável o suficiente para receber

m edicam ento às pessoas ser ao m esm o tem po m eio m enino? O pior é perceber

que eu m e infantilizo j unto, prolongando m inha dependência dos m eus pais e m inha perm anência no prim eiro em prego que consegui depois de form ada — e

que j urei ser só para ganhar experiência.

— Cadê você, m inha estrela? — digo, olhando para o céu pelo vidro do carro.

— Preciso de um sinal. Mas daqueles lum inosos e em letras grandes!

O trânsito flui, e chego em casa antes do que im aginei. Encontro m eus pais vendo televisão j untos no sofá da sala. A bipolaridade desse relacionam ento não m e assusta m ais.

— O prim eiro tem po com eçou agora, Dedé. Tô sentindo que essa taça é nossa — m eu pai diz em voz alta.

— Já com eu, filha? Tô fritando uns tira-gostos para vocês.

— Puta que pariu! Hoj e é quarta-feira, e estam os nas sem ifinais da Libertadores! Vaaaai com tuuuuudoooo... — berro o nom e do m eu tim e.

Corro para m eu quarto, j ogo a bolsa, arranco a blusa de botão e m eu sutiã de enchim ento. Visto m eu sutiã da sorte, velho, relaxado e puído, e coloco a cam isa

(aliás, o m anto) do m eu tim e. Estou tão acostum ada à série B do futebol brasileiro que nem m e lem brei de onde m eu coração está: na série A e, neste ano, indo m uito bem na Copa Libertadores da Am érica. Dedico-m e feito louca a

um clubinho que m e paga m al, enquanto m eu tim e está j ogando para dom inar

um continente.

Pronto! A Déborah louca está de volta e devidamente uniformizada.

Quando volto para a sala, Zol está sentado no chão com um copo de cerveja na mão.

— Tem mais no congelador — ele diz com os olhos vidrados na tela.

— Não vai ver o jogo na rua? — perguntei.

— O jogo hoje é fora de casa, a torcida adversária vai fazer pressão. Vou ficar concentrado — ele diz, com o se fosse um guru em anador de energias positivas. Mas o.k., estou usando um sutiã molambento que tenho certeza de que afasta zica.

Corro até a cozinha e pego um a latinha de cerveja. Sento-me na frente da TV com meu irmão e com o algum as iscas de filé-mignon que nossa mãe fritou.

Nosso time sente o ataque do rival. Meu estômago congela a cada chute na nossa

área. No final do primeiro tempo, levam os um gol.

Pipocam foguetes no céu. Claro, nosso arqu-inimigo também está diante da TV secando o jogo. Malditos. Falo tanto palavrão que penso em publicar um pequeno dicionário de verbetes especialmente selecionados para momentos de fúria.

Com o segundo tempo e a quarta lata de cerveja.

— É, eles estão jogando bem.

— Pra caralho — Zol responde.

— Eu criei vocês para acreditar até o último minuto — meu pai se intromete

na conversa. — Um em pate nos classifica. Só precisam os m arcar um .

Bola na trave deveria valer com o gol, afinal, é m uito m ais difícil acertar um a trave que um retângulo enorm e. Entram os nos quarenta m inutos, e nosso tim e ainda não criou boas oportunidades na área deles. Depois do gol m arcado sobre a gente, eles fecharam a defesa. Só um a bola aérea bem colocada m udaria o placar.

Quarenta e cinco m inutos. Aperto o braço de Zol, cuja expressão é de sofrim ento. Não é possível que nadam os tanto para m orrer na praia. Já é a sem ifinal, m eu Deus! Fecho os olhos e peço um m ilagre às estrelas. E ao m eu sutiã da sorte velho, relaxado e puido. E ao cam isa 9, nosso artilheiro.

O juiz auxiliar sobe a placa de dois m inutos de acréscim o. Antes que o relógio vire para os quarenta e sete m inutos, o m eia cruza um a bola para o cam isa 13, que está entrando na pequena área. Ele sobe e m ete um a bicuda na bola que... Gooooool! Finalm ente a bola entra no retângulo m ágico, e em patam os sem dar tem po para a reação do outro tim e. Clas-si-fi-ca-dos! Estam os classificados para a final!

Agora, sim , os foguetes da m inha galera cobrem o céu de Belo Horizonte.

Pulam os pela casa, berram os e nos agarram os. Logo o choro aparece. Choro porque é m eu tim e avançando na Libertadores. Choro porque é o tim e da m inha

fam ília. Deve ser por isso que som os tão ligados ao futebol: pela intim idade que ele nos proporciona com estranhos na rua e com os estranhos de casa. Não im porta os desastres que vivem os e o quanto ainda tem os que nos perdoar. Nós

quatro nos abraçam os tão forte que nossas lágrimas e risos se misturam .

Essa é a minha família.

Meu fluxo de trabalho volta ao normal no Taes, e é uma pena eu não puder falar minha

alegria com o terninho e a cara séria de sempre.

No fim da tarde, um milagre acontece. Sérgio me liga convidando para

darmos um a volta. É raro nos encontrarmos durante a semana, mesmo quando

na mesma cidade.

Assim que termino o expediente, vou para casa o mais rápido que posso e me

arrumo com pressa. Sérgio me leva a um bar que abriu recentemente e tem sido

muito bem comentedo. Durante a conversa, ele é só comigo comigo, com

beijos discretos no pescoço. Minha estratégia parece ter surtido efeito! É como se

um Sérgio adormecido tivesse sido despertado (e com muita vontade de tirar o atraso).

Mesmo achando estranho, me entrego ao novo comportamento dele. Não

estou com meu sentimento da sorte, mas parece que hoje e vou me dar bem .

Escuto um toque familiar. É o celular de Sérgio.

— Não vai atender?

— É a Silvinha enchendo o saco.

Arregalo meus olhos. Meu Deus, esse homem é mesmo o meu namorado?

Será que as estrelas passaram a noite trabalhando a meu favor?

— O que aconteceu? Nunca falou assim dela!

— Estam os m eio brigados. Aí ela fica ligando querendo conversar.

— Quer m e dizer o que aconteceu?

Dá vontade de gritar: conta, conta, conta! Sej a lá o que aconteceu, deve ter sido drástico a ponto de estremecer a m elhor e m aior am izade da vida de Sérgio.

— Ah, ela tá namorando, e não fui com a cara do sujeito.

Mil baldes de água com gelo caem sobre mim .

Ci-ú-m e! Ele está com ciúme da m elhor amiga. Trabalho e viajo com homens malhados que andam sem camisa o tempo inteiro, e ele nunca insinuou

nada. Sérgio nunca deu um ataque com ciúme, nunca reclamou de nada do meu

Facebook ou das minhas saias curtas. Nesses quatro anos, é a primeira vez que sei

que a Silvinha está de namorado e, não por coincidência, é a primeira vez que vejo o meu namorado com ciúme.

Deve ser esse o sinal que as estrelas estão me enviando: o Sérgio que beijou meu cangote não é o mesmo Sérgio que conheço. Ele foi me ovidio por um sentimento que nunca teve com ciúme. Está me ovidio tudo errado.

— Espero que logo resolvam isso. Vam os dois embora? Preciso acordar cedo amanhã.

Sem relutar ou me beijar de novo, Sérgio pede a conta e me deixa em casa.

Subo chorando outra vez. Assim que saio do elevador, me aproximado da janela do

corredor e busco as estrelas.

— Obrigada pelo sinal, mas será que agora podem me e me andar algo bom ?

Abro a porta de casa e a bato com força. Melhor não conversar com ninguém esta noite.

Pouco antes da hora do almoço, Babi vai ao Taes para receber o pagamento do trabalho do fim de semana. Ótima hora para desabafar sobre Sérgio e sua crise de ciúme e da melhor maneira.

— Não sei o que será do meu namoro — termino as lamentações.

Babi está com os olhos fixos em mim e em silêncio.

Espero alguma fala dela que me incentive ou que me convença de que estou vendo coisa onde não tem. Mas ela se mantém calada.

— Você está bem? — pergunto.

— Ótima! Estou só tentando agir com o meu coração. — Ela inclina o corpo na minha direção. — Mas que se dane a terapia porque você não me paga. Déborah — ela respira fundo —, achei que esse dia nunca iria chegar! Finalmente você se tocou de que tem algo estranho nessa amizade.

— Pelamordedeus! Ele não pode estar me traindo! — Começo a chorar. — Não suportaria isso.

— Não tô dizendo isso, fica calma. Estou dizendo que não é natural a relação deles. Eles são meus próximos os que vocês dois.

— Isso é verdade. — Limpoo rosto com as mãos. — Já reparei que não tem tanta conexão. Não consigo me abrir com ele, falar de coisas íntimas... Mas ele também não parece ir fundo nas questões dele, sabe?

— Amiga... Vou dizer porque te amo. Vocês não têm nada a ver. Lembra a

prim eira vez que saím os depois que você com eçou a nam orar?

— No show do Monobloco? Claro!

— Você não avisou a ele que ia.

— Estava no com eço do nam oro! Não sabia se ele acharia ruim . E não fiz nada de m ais, sou fiel, você sabe disso.

— Não estou falando de fidelidade, estou falando de honestidade. Você bebe, fala palavrão, se veste de form a divertida longe dele... É descolada, sem preconceitos, m as quando está perto dele vira um a j ovem senhora louca para casar com um m édico.

Ainda bem que tenho certeza de que essa m ulher que está sentada na m inha frente é m inha am iga, porque tenho vontade de voar no pescoço dela.

Bárbara Cateli tem razão. Não sou a Déborah original nesse nam oro. Lem bro que, quando conheci Sérgio, estava louca para nam orar sério. Foi assim tam bém

com m eu nam orado anterior e com quase todos os m eus ex. Passei a vida evitando estar solteira, em endando um nam oro no outro. Nem sei dizer por quem

m e apaixonei de verdade. Talvez eu fosse m ais apaixonada pela ideia de estar num a relação e agisse com o louca para preencher a vaga de nam orado.

Depois do alm oço, Babi vai em bora, e passo a tarde chorando na m inha sala.

A viagem de Sérgio a São Paulo está próxim a e não poderia ser em m elhor hora.

Será o tem po necessário para m e desapegar e m e preparar para um a conversa

definitiva.

Num piscar de olhos, os dias voam . Sérgio já está em Sam pa, onde passará um tem pinho, o Taes cum pre a tabela de j ogos, e m eu tim e encara o prim eiro j ogo

da final da Libertadores. Certam ente os am igos que m eu irm ão convidou para assistir ao j ogo lá em casa deram azar: perdem os de  $1 \times 0$ . Tenho taquicardia só de pensar que precisam os m arcar um gol num tim e ótim o para igualar o placar.

Num dia norm al de trabalho, com as constantes encheções de saco, eis que um a m ensagem nada norm al surge no m eu celular.

HE NRIQUE : Oi, sum ida! Tudo bem com você? Espero que sim !

Estarei em BH por um breve tem po no fim de sem ana. Espero que possam os nos ver! Beij os.

Trem o por inteira. Alguém pode m e beliscar, por favor, para eu ter certeza de que essa m ensagem é real?

*Por que demorou tanto para mandar uma mensagem?*

Apago com a m esm a rapidez com que digitei. Nada de bancar a louca que cobra com prom isso do cara que *não* beij ou quando estiveram frente a frente.

Ainda está de dia, m as levanto m eus olhos para os céus e agradeço as estrelas pelo alinham ento perfeito: nam orado longe, relação por ruir e m oreno tentação na cidade.

DE DÉ : Oi, Henrique! Estou bem , e você?

Quando chega? Estarei por aqui, sim . Será um a alegria revê-lo!

Ele responde quase que im ediatam ente.

HE NRIQUE : No sábado à tarde. Dom ingo pego um ônibus para

Paracatu. Preciso estar lá na segunda de amanhã.

DE DÉ : Vai ficar no mesmo o hotel? Posso passar lá no fim do dia.

HENRIQUE : Com binado! Ligo quando descer em BH.

Meus Deus, por que hoje e não é sábado?

Não! Graças a Deus hoje e não é sábado! Ainda tenho um tempo para me depilar, fazer a unha e a sobrancelha e hidratar o cabelo.

Ligo para o salão e me arco aquela geral para o sábado de amanhã. Talvez eu tenha que comprar um a blusa nova para combinar com minha saia preta. Abro

um site com dicas de bares e restaurantes de Belo Horizonte em busca de um lugar especial para levá-lo.

Falta-me algum a coisa?

Sim, falta.

Abro minhas conversas com Henrique no WhatsApp e as envio para um e-mail bem conhecido por mim.

Trinta minutos depois meu celular toca.

— Passo na sua casa hoje e à noite — diz Babi ao telefone. — Sua vaquinha, eu sabia que estava me escondendo algum a coisa.

— Desculpe, amiga! Nunca-me farei isso.

— Desculpa? — Sua voz está-me alta. — Mande logo a foto do caboclo.

Só paro de pensar em Henrique e de conversar com Babi pelo telefone quando me ligam para contar que o Rob Garcia disse em um programa de televisão que o Diguinho é um das promessas do futebol mineiro, sendo talvez um dos melhores jogadores da segunda divisão. Cara, isso em canal aberto, em

noticiário de esporte na hora do almoço! O que trinta minutos de conversa sobre gente com talento não fazem!

Na mesma hora, tento recuperar na internet a gravação e aviso ao Diguinho. Minutos depois, envio o vídeo ao e-mail de Galego. Agora, sim, esse em presépio vai sacar que sou boa na parada.

Babi fica em minha casa até as onze da noite escutando cada detalhe da história.

— Tô muito piranha, amiga?

— Você tá é lerda de nem ter beijado o cara!

— Ai, se arrependimento me atasse, eu estaria morta há três semanas. Mas quero fazer o que é certo.

— O que é certo... — ela ri.

— É! O correto!

— Seus olhos brilhavam enquanto você contava a história. Nunca falou com tanta em polgação de cara nenhum nos últimos dez anos. Tudo bem que é foda ficar com ele enquanto você está com o Sérgio, mas acho que mesmo oral nenhum vale para as coisas do coração. E outra: vai que ele é o homem da sua vida?

— Ainda não o conheço direito, mas adoraria que fosse.

— Então vai conhecê-lo. Seu namorado está mais pra lá do que pra cá mesmo...

Se meu namorado fosse um cara que me desse trabalho e que tivesse levantado minha desconfiança ao longo desses anos, eu não sentiria um pingom de remorso por estar em polgada com outro. Tudo bem que não estamos no melhor

fase, e acredito que esteja amos caminhando para um fim, mas, de todo meu coração, não desejo o que ele sofra.

— Meu plano é conhecer o melhor o Henrique, resolver minha vida com Sérgio e, então, partir para o abraço.

— Você está sendo sutil com o abraço.

— Nem imagina o quanto.

Hoje é sáááábado! Nunca tive um sábado tão feliz na minha vida. Só o fato de saber que irei revê-lo faz com que eu me sintamais feliz das Mulheres. Sim ...

Das mulheres com meu aiusculo.

Estou pronta desde as quatro da tarde, sentada na minha cama fingindo que estou vendo televisão. Essa porcaria de telefone simplesmente não toca. Será que

vou levar um bolo?

Entro no site da ANAC e confiro os voos desembarcados em Confins. Dois voos de São Paulo chegaram no começo da tarde, e calculando a rota, já dá tempo de

ele estar no hotel. Quando penso em procurar no Google o telefone de onde ele está, meu celular toca.

É ele!

Mais rápida que um relâmpago, desço, entro no carro e sigo até a Savassi.

Quase deixo o carro morrer quando vejo o na portaria do hotel. Céus, como ele é lindo!

— Bem-vindo de volta — falo quando vejo o.

— Obrigado! É ótimo o revê-la. O que tem para hoje?

Será que digo que planejo o término em um ano de quatro anos para ficar com ele?

— Vamos a um restaurante um pouco mais afastado — penso antes de responder. — Espero que goste.

Sigo para a região dos Olhos d'Água, perto do BH Shopping, e paro num restaurante cuja vista é linda. O tempo está frio, e sento-me bem perto de outro com a desculpa de nos esquentarmos. (Mal sabe ele que já estou pegando fogo.)

— Quanto tempo ficará em Paracatu?

— Volto no próximo fim de semana.

— Vai voltar para BH para pegar o voo? — Não escondo minha animação ao perguntar.

— Acredito que sim. Por quê?

— Para sair de novo. — Sorrio. Que bela safadinha estou-me e saindo.

— Você bem que podia ir-me e visitar em Paracatu, hein? Ficarei sozinho a semana inteira.

— Ah, tá bom! Depois que eu ganhar na Mega-Sena e puder parar de trabalhar.

— Você não disse que está com o banco cheio de horas extras? Não custa ir rapidamente para-me e visitar.

A ideia soa absurda, mas prometo pensar. Passamos o resto da noite conversando sobre nossos trabalhos, as expectativas e a vida que levamos em

nossas cidades. Será que eu me daria bem em São Paulo?

Pedim os a conta no final da noite e seguim os para o hotel de Henrique.

— Quer virar outra noite? — ele pergunta.

— Você tem um baralho de assunto aí?

— Terei um a mulher muito interessante para conversar com igo, não precisarei disso — ele responde rapidamente.

Minha temperatura sobe. Fico sem palavras diante dele, que parece perceber que fiquei sem graça.

— Vam os apenas ver o céu daquele terraço outra vez. Não vam os demorar.

Aceno que sim com a cabeça. Logo chegam os ao estacionamento do hotel e seguim os para o lugar que já dávamos com o nosso. Com o o tempo está bem frio

e o terraço é descoberto, o espaço está sem vida. Não dá para ser mais romântico: só nós e as estrelas.

Henrique sobe ao seu quarto para pegar cobertas. Acho mais prudente esperá-lo no saguão.

— Só consegui um a, tem problema? — Ele surge segurando um edredom .

Imagino que seja uma tática para me deixar perto dele. Será que ele me deseja tanto assim por perto? Ou será que deseja o tanto ser desejada que estou fantasiando?

— Nenhum !

Logo estamos sentados um ao lado do outro, nos escondendo do frio.

— Sou apaixonada pelas estrelas... Desde menina.

— Sério? Conhece algum a constelação?

— Todas — aponto para o céu e com o dedo a citar o nome de algumas.

— Tô impressionado! É do tipo que faz pedido também ?

— O tempo todo — eu rio. — É bom acreditar que talvez haja algo da nossa vida escrito nas estrelas.

— Quando vim a Belo Horizonte pela primeira vez, não achei que veria um céu tão bonito quanto esse.

— Também ... Estávamos no meio de um dilúvio.

— Se não fosse o tempo ruim, você não estaria atrás de um táxi. Ainda bem que eu era o próximo da fila... — Ele passa o braço sobre mim. — Disse isso para contar que eu também acredito que algumas coisas estejam escritas... Já parou pra pensar que praticantes nos conhecem os nomes do céu, perto das suas estrelas? Sinto meus olhos lacrimejarem. Estrelas? Com o qual ele sabe a minha senha? Sei que não devem os fazer com os outros o que não querem os que façam conosco. Nunca me senti tão especial para alguém e, de todo meu coração, desejo que Sérgio vivesse um momento com o aquele.

Quando Henrique me toca, caem as couraças imaginárias que criei ao meu redor. É inevitável. Recebo a aproximação dele e me deito em seu ombro. Meus

lábios encostam nos dele, e sinto cada pelo do meu corpo se ouriçar. Sem pensar no que virá depois e no que estou fazendo, me entrego ao beijo que desejo desde

que o conheci. Suas mãos pesadas passam pelas minhas costas e cintura, puxando-me cada vez para mais perto. Estou colada nele.

— Não acredito que não te beijei antes... — ele quase sussurra.

— É que as estrelas se alinharam som ente agora.

Ele recom eça o beij o. E depois outro e outro. Se naquela noite foi fácil ver o sol raiar só com conversa, im agine nesta com beij os e alguns am assos. É im possível não pensar com o será ficar a sós com Henrique.

Os m inutos correm , e de novo o sol chega até nós.

— Que horas é seu ônibus?

— Às oito.

— Por que m arcou tão cedo?

— Porque o outro é à noite, preciso dorm ir bem para trabalhar am anã. E não sabia que seria tão bom ficar em BH... Sérgio, Déborah. — Ele segura m inha nuca. — Vai m e encontrar, por favor. Não sei quando voltarei a Minas.

É. Pode ser que eu viaj e nesta sem ana.

Ficam os j untos até a hora da partida de Sérgio. Deixei-o na rodoviária com a prom essa de pensar seriam ente em visitá-lo. Na plataforma de em barque, nos despedim os com o um casal de nam orados, sem o m enor constrangim ento.

Sérgio e eu quase não nos beij am os em público com a ideia neurótica que ele tem de que todos estão olhando. Por m im , podem olhar o quanto quiserem , estou

de olhos fechados, aproveitando o beij o.

## 6

*Incômodos  
tornaram-se  
para mim*

*os afazeres mais comuns.*

### *Ode a uma estrela, Pablo Neruda*

**Passo o domingo suspirando**, m e sentindo nas alturas. Fico com Babi por horas ao

telefone, revivendo cada detalhe da noite incrível que tive.

No dia seguinte, não m e im porto de chegar ao clube e dar de cara com os carrões estacionados. Certam ente a fam ília-cobra está lá, m as nada do que disserem fará m uita diferença. Estou vivendo um a história que está escrita nas estrelas.

— Bom dia, princesa! Já sabe da novidade?

— Me conta, querida! É coisa boa?

— Ótim a! Recebem os um a oferta irrecusável por Diguinho. Um j ogador descoberto aqui na base se deu bem — ela fala com o se eu não conhecesse os j ogadores. — Vão assinar os papéis ainda hoj e. Acho que logo dá para divulgar. Assim que posso, saio da sala e vou à procura de Diguinho. Os j ogadores estão na academ ia com em orando a boa notícia. Ele, com a eterna carinha de m oleque, está no centro da roda.

— Meus parabéns! Eu sabia que iria longe — digo ao abraçá-lo.

— Série A, Dedé! Clube grande de São Paulo! Finalm ente vai dar para m udar de vida.

— Fico m uito feliz por você! Aqui... Seu em presário parece ser bom m esm o, hein? Será que estão precisando de um a assessoria de im prensa?

— Ele está na sala do Zé Jairo. Vej a essas coisas com ele...

Sem parecer que estou louca por um a carona para fora do Taes, apareço na sala da presidência. Lá está Galego, sorrindo de um a orelha a outra.

— Com eçou bem a sem ana, hein, Galego?

— Muito! E é só o com eço.

— Aquele m aterial aj udou?

— Ah, sim , sem pre aj uda.

— Inclusive a fala do Rob Garcia, que consegui depois de m uita insistência.

— Foi ótim o — ele fala sem tirar os olhos do celular.

Cadê a palavrinha m ágica que as m ães ensinam ? Nunca ouviu falar em obrigado, não? Esse ordinário era só sorrisos para m im quando nos conhecem os e

m e pediu favor, agora que fechou um contrato gordo nem olha na m inha cara?

Para em baçar ainda m ais m inha conversa, Zé Jairo entra na sala com aquela cara feliz de quem está colocando um a grana no bolso.

— Déborah, divulga lá pra nós a venda do Diguinho... Esta sem ana é a últim a dele aqui. O treino de sexta será aberto para a torcida.

— Tem os um ótim o escritório contratado, Zé Jairo. Pode deixar que terem os m uita m ídia.

Ainda bem que eu dei uns beij os no fim de sem ana, porque falta pouco para eu arrancar os cabelos loiros desse galego folgado que m e deu falsas expectativas.

Assim que ele sai da sala, falo com Zé Jairo que o escritório contratado vai puxar sardinha para o em presário e o novo clube.

— Im possível! Todos sabem que o Diguinho cresceu aqui. Vam os deixar que

eles trabalhem para nós. Enquanto isso, vamos fazer aquelas fotos das camisas retrô.

De uma hora para outra, Paracatu não me parece mais uma ideia. Vou para minha sala e dou uma pesquisada no preço da passagem. Digito o nome e da cidade no Google, que acusa algumas cachoeiras por aqueles lados. Antes eu achava a ideia surreal, agora... Há uma chance.

Dou uma zapeada nos portais de notícia da cidade. Todos trazem com o destaque a preparação do meu time e para a grande final da Libertadores.

Pego o celular e crio um lembrete: “Comprar calmante”.

Assim que acabo de digitar, chega uma mensagem.

HENRIQUE : Bom dia!

DE DÉ : Oi! Como está o trabalho?

HENRIQUE : Indo, e o seu?

DE DÉ : De boa... Só tenho atenção para meu time e nesta semana.

HENRIQUE : João, hein? Final de Libertadores.

DE DÉ : Tô desesperada. Rs. Vou providenciar uma passiflora porque quase infartei na semana passada. Precisamos fazer um gol para ir para a prorrogação, pelos menos.

HENRIQUE : Acho tão legal uma mulher bonita com quem você conversar sobre futebol.

DE DÉ : Hahaha

Por que não me viu falando palavrão e berrando durante o jogo.

Quero ver me achar bonita.

HE NRIQUE : Desafio aceito. Vam os assistir j untos aqui em Paracatu!

DE DÉ : Tá com ideia fixa, hein?

HE NRIQUE : Pessoa fixa, talvez. Rs.

Leio a m esm a frase sete m il vezes. Fixar-m e a ele é tudo que quero. Céus, onde assino m eu nom e, em que igrej a eu digo o sim ? Quero esse hom em e não

posso desperdiçar a chance m aravilhosa de ter quem tam bém m e quer.

DE DÉ : Vou tentar a folga. Mas não garanto!

HE NRIQUE : Aeeee. Vou ver um quarto no m esm o hotel, ok?

Hoj e m e falaram de um a cachoeira legal que tem por aqui. Se tudo correr bem no trabalho, posso te levar lá no dia seguinte ao j ogo.

DE DÉ : Com binado. Logo dou notícias! Beij os

Onde está m inha sanidade m ental? Com o vou viaj ar para m e encontrar com um

cara se tenho nam orado? Melhor inventar que o RH não m e liberou e esperá-lo no

fim de sem ana.

De repente, m inha sala é invadida pela prim eira-cobra e pela cobra-filha (que está m ais para m inhoca-filha). Às vezes sinto um pouco de pena da Hanna, que m ais parece ser idiota do que ruim com o a m ãe. Mariza faz com que ela se vista bem , quer que ela tom e frente em alguns negócios da fam ília, m as tudo que

Hanna parece querer é um a am íga para se divertir. Não entendo ela ser casada e

ter cara de menina que nunca saiu da escola.

— Voltam os, querida — a mãe anuncia.

— São sem pre bem -vindas!

— Preciso do meu ailing do clube. Pode me passar? Filha, está com seu pen drive aí?

Hanna vasculha a bolsa cor-de-rosa com detalhes de estampa de zebra.

— Eu já me andei no meu e-mail, não?

— Ah, mas agora vou precisar da listagem de jornalistas com quem você fez contato para o show do Tavinho. Sabe, Dedé, sabem os que você trabalha muito pelo clube, tem uma agenda cheia aqui. Uma sobrinha minha acabou de se formar em jornalismo, e a contratamos para ficar por conta dele.

— Ah, então você está querendo o meu ailing, e não o do clube!

— Lindinha, ela é novinha e está precisando de uma oportunidade. Estou até pensando em deixá-la aqui para aprender com você, que já faz tudo com o pé nas costas.

— Aposto que ela deve ter o talento natural da família para se dar bem. —

Eu me lembro do Harry Potter e seu dom de falar com as cobras. — Vou me andar para o meu e-mail, pode ser? Hoje me esmoreço.

— Não esquece, não, benzinho? Vieram tantos jornalistas importantes, precisam os meus contatos.

— Vamos me andar uns brindes para eles — Hanna comenta, mostrando animação. — Hoje me esmoreço, ligamos seu computador atrás dos contatos, mas não

encontramos nada.

Os olhos de Mariza se arregalam em fúria para Hanna.

Não sei se tenho vontade de rir pela filha burra que Mariza tem ou de voar no rabo dessa cobra. Opto por aproveitar-me e da situação.

— Fiquem tranquilas que vou me andar tudo hoje! Aproveito, dona Mariza, para avisar que vou usar minhas horas extras, que já são em vários dias! Venho só até amanhã.

Ela não colocaria empecilhos na minha folga depois de eu descobrir que fuçaram-me com putador na minha ausência. E se gostam tanto do meu trabalho

com o dizem, por que não me contrataram por fora para fazer a assessoria do arrochado do genro dela? Essa mulher é uma falsa! E, se ela já fogar, pode vir para

cima porque a porra do tim e dela não sai da segunda, enquanto o meu vai dominar a América.

— Com o queira, querida. — É o que ela dá conta de responder sem colocar a língua de serpente para fora.

Compro minhas passagens e aviso a Henrique que viajou na quarta-feira pela manhã. Trocam os meus ensaios quase todo dia, e ele parece estar animado com minha visita.

Minha surpresa, contudo, vem na hora do almoço, com a ligação de Sérgio.

— Você podia vir me visitar aqui em Sam-pa, hein?

Gelo da cabeça aos pés. Será que ele descobriu?

— Você já vai voltar na semana que vem ...

— Mas dá para passearmos no fim de semana.

— As passagens já devem estar caras, mas as darei um olhar. — É a única desculpa que consigo pensar.

— Os meninos estão vindo de carro na sexta.

— Os meninos quem?

— Os de sempre...

— Do prédio? Então já voltou às boas com a Silvinha?

— Está tudo certo. Ela vem com o João, com o Carlos e com o Chico.

— Quatro pessoas no carro já me parece bastante para uma viagem de sete horas.

— Ah, mas vai que você queira vir, né?

— Então você não ligou para mim e convidar, ligou para avisar que eles estão indo. Não é comigo que você quer passear em São Paulo; se quisesse, teria me convidado assim que soube que iria para essa porcaria de USP. Aliás, se você se importasse comigo, eu teria sido a primeira a saber.

— Com quem... Era para ser uma ligação simples, mas falar com você nesse estado é complicado. Você dificulta muito as coisas.

— Você ligou para curtir sua viagem sem culpa. Assuma!

De repente já não sei mais de qual viagem e de qual culpa estou falando.

Tento me acalmar e digo para Sérgio curtir o fim de semana com os amigos. Aviso que Babi me chamou para passear em Paracatu e que vou aceitar o convite.

Demos um jeito na culpa. Agora é hora de aproveitar a viagem.

Não acredito que estou na rodoviária de Belo Horizonte na quarta-feira de manhã.

anhã

em vez de ir ao trabalho. Enquanto espero o ônibus, falo com Babi ao telefone, que me diz a todo momento que estou fazendo a coisa certa.

— Qualquer mulher no mundo faria o que você está fazendo. O cara está na sua, e você louca por ele! Ia deixar passar essa viagem ?

Logo me convenço de que estou aproveitando uma oportunidade única que o universo está me dando e me dando a culpa em bora.

O ônibus encosta, e me certifico com o motorista que chegarem os amigos hoje, que é às oito da noite.

— Calma, menina. Dá só umas sete horas de viagem .

Pelas minhas contas, chegarei às quatro. Assim , terei tempo de sobra para me arrumar, esperar o Henrique voltar do trabalho, com qualquer coisa e torcer.

Chego a Paracatu no horário previsto e, com custo, pego um táxi até o hotel, onde tomo um banho e me apronto com folga até a hora de Henrique chegar.

Por volta das seis, o telefone do meu quarto toca. Corro para atender e me vejo na cama.

— Quis ligar no quarto para ter certeza de que está aqui mesmo. — A voz dele me faz delirar.

— Venha aqui e confira com os próprios olhos.

— E com minhas próprias mãos?

— Venha correndo!

Minutos depois, lá está meu moreno tentação de bermuda, blusa de malha e um chinelo. Tão diferente das outras vezes, porém lindo e encantador do mesmo

o

j eito.

— Alguns bares da avenida principal instalaram telão para o jogo. Podem os ir para lá...

— Pode ser! Não vai pegar bem gritar no hotel, né?

— Essa minha meirinho está fora de controle. — Ele me ordena eu queixo.

— Me dê um minuto que vou me trocar para sairmos.

Ele reluta, mas sai do quarto. Esquentar o clima com Henrique agora seria um erro. Não por ter namorado (a essa altura nem sei se tenho mais), mas porque ir para a cama pela primeira vez com meu irmão é uma tentação que representa cem por cento da minha concentração, e hoje estou à base de calmantes antes de ir para a cama. Um a paixão de cada vez.

Sentenciando que a noite será sem sexo, visto meu sutiã da sorte, o meu cabelo velho, relaxado e puído. Quem em sua consciência sairia com um cara usando aquele trapo? Eu. Coloco meu uniforme, um short preto e um sapatinha. Algumas pulseiras para dar um toque incrementado, um brinco bonito e um acessório leve. Pouco tempo depois, passo no quarto de Henrique para sairmos.

Vamos ao bar que aparenta ser o mais agitado da cidade, numa avenida que também aparenta ser a mais movimentada. Com o meu copo de posto natural com

extrato de maracujá não funciona porcaria nenhuma, opto pelo chope gelado. Só

assim para aguentar.

O jogo com o meu amigo junto com gritos no bar, que está lotado. No fim do primeiro tempo, meu time marcou um gol, para meu alívio, uma vez que o adversário marcou um no primeiro jogo da decisão. Com o placar igualado, quem fez um

gol leva. Com o segundo tempo e uma ligeira taquicardia no meu coração. Aos quarenta minutos, um lateral do meu time faz um pênalti no rival. Tenho vontade de chorar, especialmente quando os torcedores de outros times gritam com os loucos no bar. Em bora não seja o time e deles a jogar, vibram com o se ganhassem a Copa do Mundo. Parece que não importa o que ganham os, mas o que o outro perde.

— Odeio ver o jogo fora de casa por isso! Se perdermos será uma zação sem limite.

— Até o juiz apitar encerrando, tudo pode acontecer... — ele tenta me acalmar.

— Já estou fazendo um esforço enorme em ver longe de casa. Tenho medo de passar mal, desmaiar...

— Gente de Deus, não sabia que era tão apaixonada assim — ele ri.

— Só tenho medo de ter meu coração partido. Podem os ir para o hotel? — Eu me levanto e procuro pelo garçom.

— Dedé, não tem só gente secando... Olha o tanto de torcedores do seu time aqui, são a maioria.

— Não aguento mais olhar para esse telão. Se importa se formos em bora? Ele se levanta e me abraça no meio das cadeiras.

— Claro que não me importo — sua voz sobressai na agitação do bar. — Mas

o jogo vai se resolver nos cinco minutos em que estivermos a caminhar do hotel.

Se seu time ganhar, viverá um momento histórico e não estará aqui para ver.

Quantas vezes na minha vida eu devo ter participado do campeonato sem entrar em campo? Quantos momentos históricos perdi com medo da derrota? De

quantas disputas fugi por medo de não suportar o resultado? Eu poderia me limitar a saber do placar quando chegasse ao hotel, e por lá me esmorecer e vibrar ou lamentar. Mas também poderia vivenciar a decisão ao vivo, correndo o risco do imprevisto.

— Poderei me segurar em você?

— Será um a honra. — Ele me abraça. — Olha lá, o cara vai bater...

Gol. O desgramado não isolou a bola, e nosso goleiro não teve chance de defender o chute. O jogo reinicia, e cada segundo vale ouro. O relógio marca quarenta e quatro minutos, e vejo na televisão a pequena torcida rival levantar um a bandeira no estádio. Penso no meu pai em casa assistindo a essa possível derrota e no desgosto que meu irmão está sentindo. Fomos bem no campeonato inteiro, por que perder nos últimos minutos?

*O céu pode mudar.*

A fala de Saphira vem à minha mente. É. Assim como na vida, no futebol tudo pode acontecer.

Respiro fundo e me entrego ao jogo. Aceito passar pelas angústias finais, torcendo contra o vento até o último segundo.

Nove.

É o camisa 9 cruzando o campo com a bola no pé. O goleiro acusa que a posição é legal, e ele se adianta até a pequena área, ficando cara a cara com o goleiro. A bola explode na rede, rompendo o silêncio do estádio lotado de torcedores do meu time. Sai um gol no último minuto.

Pulo da cadeira e solto um grito que deve ter chegado a Belo Horizonte.

Abraço Henrique, que solta risadas enquanto me vê pulando. Acho que vou jogar

o susto velho, relaxado e puído fora: descobri algo mais valioso que me dá sorte.

Com o ânimo renovado, assisto à prorrogação, que fica no 0 × 0. Vam os para os pênaltis, e, no último chute do adversário, nosso goleiro cai para o lado certo, defendendo a bola com o pé esquerdo.

Som os campeões.

Henrique me carrega no colo, e eu o abraço o mais forte que consigo. Por um segundo parece que tenho seu coração. Então me sinto *mesmo* campeão.

Chegam ao hotel por volta das três da manhã. Eu estava mais pra lá do que pra

cá de tanta euforia (e de alguns chopes) que fui direto para o quarto. Henrique nem insinuou que queria dormir comigo. Pelo jeito, ele estava cansado.

Também, o fiz com emorar um título que nem é do time dele.

Deito na cama, que gira sem parar.

Em meio à alegria da vitória, não consigo deixar de pensar no que Henrique me disse. Da mesma forma que o meu medo de perder quase me impediu de

assistir a um momento histórico, talvez meu horror à rejeição também esteja a me

prendendo a um namorado falido, porém confortável. Chego a perder o fôlego quando penso que posso ser traída ou abandonada. Assim, um namorado sem tanto interesse sexual me deixa segura: se não tenho sexo com ele, as outras também não.

Há vinte e nove anos estou refém de um marido, perdendo momentos históricos. Mas pode ser que isso me ajude: o nome dessa Copa não é Libertadores? Acordo com o telefonema de Henrique avisando que estão encerrando o café da manhã do hotel.

Levanto-me e me arrumo com pressa para comer alguma coisa.

— Dormiu bem?

— Com o meu cama-peã! E você?

— Com o meu sujeito normal que trabalhou duro a semana inteira para ter o dia livre...

Henrique parece não ter problema em dizer que esperava minha visita. Gosto da forma com o qual ele me trata, fazendo eu me sentir mais mulherzinha linda do que me sinto.

Pouco tempo depois, estamos numa picape alugada atravessando uma estrada de terra. Henrique disse ter pegado a dica do lugar com alguns colegas de empresa que moram na cidade. Segundo ele, o ideal é ir durante a semana, já que aos sábados e aos domingos o tal lugar enche.

Paramos o carro debaixo de uma árvore e seguimos por uma pequena trilha que dá num cachoeira não muito alta, que forma um lago ao redor. Não há

nuvem no céu, e o local é cercado de árvores e flores.

Bem à vontade, Henrique tira a blusa e a bermuda, ficando de sunga e se jogando na água. Mato um pouco da minha curiosidade e observo com discrição

o seu corpo. Tiro minha camiseta enquanto Henrique dá cada meu orgulho que parece ter se afogado.

— A água está ótima! — ele berra quando retorna à superfície.

Finjo estar contemplando a paisagem para despistar minha vergonha de ficar de biquíni na frente dele. Respiro fundo e tiro o short jeans, deixando meu corpo à mostra. Sinto cada centímetro do meu corpo ser observado por ele, que não esconde que me olha. Então ele sorri, nada até a margem em que estou e me oferece a mão.

Firmo os passos até ele e solto meu corpo na água gelada. Paro em seus braços, e flutuamos juntos até a queda-d'água. Nunca estive com tão pouca roupa perto um do outro. O sol forte reflete na água, gerando pequenos arco-íris na superfície. Parece que estou num sonho daqueles em que torcem os para não despertar nunca.

— Acho você tão linda.

Sua fala penetra meus ouvidos com o melhor das sinfonias. Finalmente acredito que sou linda, mesmo sem minha aquagem, com cabelos molhados e grudados na cabeça e sem ter o corpo de uma *Angel* que desfila de lingerie.

Devo ser incrível para um homem como aquele e estar em seus braços. Céus, como me sinto desejada!

— O que é essa minha arquinha aqui, Dedé? — Ele passa a mão na enorme

cicatriz que tenho nas costas.

— Um acidente de carro. Já faz muito tempo, mas a cicatriz ficou.

Ponto final. Não precisam ir além da versão que todos os meus amigos sabem. Afinal, quem não tem uma cicatriz da infância?

— O que houve? — ele volta ao assunto.

— Minha mãe bateu o carro quando voltávamos da escola.

— Dói? — Ele continua a acariciar minha cicatriz.

— Só quando falo nela — respondo, automaticamente.

Não sei o que dá em mim, mas simplesmente quero correr o risco de mostrar quem sou e o que me aconteceu até aqui.

— Um dia, quando eu esperava o cara da van que me buscava na escola, a professora falou que minha tia queria me ver. Quando cheguei à porta da sala, uma mulher muito bem vestida e com um bebê no colo se apresentou com o

nome orada do meu pai. Com a maior frieza, ela disse que estavam juntos havia vários anos e que aquele neném no colo dela era minha irmã.

O barulho da água fica mais forte, e percebo que estou quase debaixo da cachoeira.

Quando falei com Sérgio sobre minha cicatriz, anos atrás, ele aceitou a explicação do acidente de carro. Demonstrou apenas curiosidade médica, perguntando sobre as lesões. Dessa vez, os olhos de Henrique estão fixos em mim, com o quem está curioso (e um pouco perplexo) com a história. No fundo,

gosto da ideia de alguém se interessar pela minha pior parte.

— Lem bro que m inhas pernas trem iam — continuo. — Mas, antes que eu chorasse ou perguntasse qualquer coisa, a professora do m eu irm ão apareceu na

m inha classe. Parece que a m ulher passou prim eiro na sala dele e depois na m inha. Obviamente, ele chorava horrores, e j á tinham ligado para m inha m ãe.

Mas o estrago j á estava feito.

— Im agino que sua m ãe tenha aparecido na escola.

— Com o um a louca fora de controle — suspiro. — O bebê j á estava no carrinho, e as duas trocaram xingamentos e tapas no m eio do pátio, na frente de todos os colegas que eu tinha. — As prim eiras lágrimas escorrem . — Meu irm ão

apertava a m inha m ão, e eu rezava para aquilo acabar logo.

Ele enxuga um a lágrima e desliza o dedo sobre m eu rosto.

— Aí entram os no carro com m inha m ãe descontrolada e... capotam os várias vezes. Acordei no hospital com a clavícula quebrada e um enorme corte nas costas. Meu irm ão teve escoriações e ficou um bom tempo sem conversar com ninguém . E, claro, nunca mais voltam os àquela escola.

— Sua m ãe deve se sentir muito culpada.

— Acho que foi a única a não se perdoar por isso. Desde então ela tom a rem édio.

— Seus pais são separados, então?

— São mais grudados do que você possa imaginar — eu rio. — A loucura dessa história dura até hoje. Na época, eles brigaram muito, quase se mataram , e

m eu pai saiu de casa. Mas depois voltaram . Aí a m ulher não deixou barato.

Ganhou na j ustiça um a parte de tudo o que tinham os. Eles venderam a casa e o carro, ficaram duros, e passei um tem po em escola pública enquanto m inha m eia-irm ã estudava num a particular.

— Nunca iria im aginar que j á tivesse passado por tudo isso.

— Despisto bem ? — brinco.

— Você sim plesm ente não age com o víctim a. Adoro isso em você.

Sinto m inhas bochechas corarem .

— Sabe o que não sai da m inha cabeça? Essa ex-am ante. Num barraco que ela arm ou onde m orávam os, ela berrou para m eu pai: “Eu fiz planos com você”.

Eu tinha uns nove, dez anos, m as m e lem bro da pena que senti dela.

— Interessante você sentir pena dela, e não da sua m ãe.

— Da m inha m ãe eu tenho ódio por se subm eter a essa relação doente. Meu pai é bacana com a gente, m as é péssim o m odelo de hom em . Expôs m inha m ãe

ao ridículo e iludiu a outra, que ficou anos esperando por ele, teve um a filha e ficou sem ninguém no fim da história.

— Acho que não deve ficar com pena dela nem de ninguém . Ela viveu um a paixão, ganhou um a filha e um a pensão. — Ele sorri. — Sei que não é para brincar, m as ela viveu o desejo dela até as últim as consequências e depois exigiu

um direito. Não sei se ela foi um a pobre m oça ludibriada.

Nenhum terapeuta m e fez ver a ex-am ante do m eu pai dessa form a. Parece,

então, que a única mulher iludida pela qual nutro dó até hoje e sou eu. Era eu a ingênua que acreditava num mundo cor-de-rosa e descobriu a verdade do mundo

dos adultos antes da hora.

— Continuo te achando linda — Henrique solta o remédio que preciso tomar em doses cavalares.

Meus olhos lacrimejaram outra vez, e não é de tristeza. Ao longo dos meus vinte e nove anos, derramei milhares de litros d'água por essa menina enganada.

Está na hora de derramar lágrimas por meus motivos melhores.

Depois de vários mergulhos, pausa para bronzear e para selfies, resolvem sair em bora. No carro, durante o trajeto de volta, Henrique pede que eu pegue seu telefone.

Ele me exige rapidamente enquanto me antecipa a atenção na estrada de terra e me mostra uma foto.

— É sua mãe? — pergunto ao ver a senhora que ele está abraçando na foto.

— É com o seu fosse. Essa é a tia que me criou. Faleceu há uns anos.

— Sinto muito.

— Eu também sinto muito. Mais do que pode imaginar. — Ele faz uma pausa, e não sei se devo insistir no assunto. Mas, então, ele continua: — Minha mãe não me quis quando nasci. Sou o quinto filho, e a diferença entre mim e meu irmão mais velho é de vinte anos. Nasci completamente fora do tempo.

— Pois eu acho que nasceu no tempo exato. — Seguro sua mão. — Não te daria mole se fosse vinte anos mais velho.

— É a melhor explicação que ouvi até hoje, linda. — Ele sorri. — Só com esse um vínculo com minha mãe depois de adulto, por iniciativa minha. Mas

não foi fácil entendê-la.

— E seu pai?

— Ah, ele era um senhor quando nasci. Faleceu quando eu era moleque.

— Isso aqui virou uma exposição de cicatrizes, hein? E hoje? Se dá bem com a sua mãe?

— Sim, ela já está idosa e precisa de ajuda.

— Então conseguiu fazer um desenho bonito da sua cicatriz.

— Do mesmo jeito que está fazendo algo com a sua. Logo essa história não doerá mais.

Continuamos a falar sobre alguns assuntos nada confortáveis até chegarmos ao hotel no fim da tarde. No elevador, com binamos de jantar numa pizzaria que

vimos no caminho de volta. Estou no mesmo andar que ele, e seguimos juntos pelo corredor.

Quando chegamos ao meu quarto, abro a porta e um sorriso. Calmamente, ele me beija enquanto me arrasta para dentro do quarto. Tiro sua camisa e corro

minha mãe por aquele peitoral que me atingiu desde o primeiro instante. Depois

de mostrar as cicatrizes, mostrar o corpo não seria nada. Eu já me sinto completamente exposta e vulnerável. Finalmente estou aqui, em mim, para viver

momentos históricos.

Enquanto aproveito cada minuto de seu toque, penso em quantas vezes na vida perdi a chance de me entregar, indo além do sexo. Dessa vez é diferente, estou entregue e inteiramente conectada a ele.

Mais tarde, bem mais tarde, diga-se de passagem, nos entregamos ao sono e dormimos um ao lado do outro. A última coisa de que lembro antes de fechar os

olhos são as estrelas que vejo pela janela do quarto. O céu pode *mesmo* me uçar.  
E

ele está lindo.

Passo a manhã e a tarde de sexta-feira sozinha no hotel enquanto Henrique está no trabalho. Ele voltou apenas para almoçar comigo, e agora estou na piscina aguardando o dia chegar ao fim para receber meu primeiro momento de volta.  
Às

seis da tarde, já estou toda arrumadinha esperando por ele no nosso quarto, já que entreguei o que estava hospedada para ficarmos mais tempo juntos.  
Parece

que estou brincando de casinha — e adorando.

O vigor de Henrique realmente me atrai. Ele parece trabalhar muito e, mesmo assim, arruma tempo para tudo, com o ritmo mais rápido na hora do

almoço e um a um pouco mais demorada antes de sairmos para jantar.

No sábado, acordamos já nos preparando para ir em bora. Ele teria apenas que encontrar rapidamente o pessoal do escritório local para depois partirmos.

Há um ônibus saindo após o almoço, e nos programamos para pegá-lo.

Aproveito nosso café da manhã para sondar algum a possibilidade de ele voltar a Belo Horizonte e sentir se tem algum plano de me e reencontrar.

— Ficarei com saudade enquanto estiver longe — digo.

— Eu também ! Mas vamos continuar a nos falar.

— Espero que não me ligue o número do telefone — brinco. — Só nos falamos por WhatsApp.

— Ainda não nos adicionam no Facebook, né?

Um calafrio perpassa meu corpo enquanto ele me liga no telefone, certamente para achar meu perfil.

Em nenhum momento dos últimos dias me lembro de Sérgio. Para todos os efeitos, estamos brigados e por isso não nos falamos. Mas lá está, estamos padecendo porcaria da página, que estou em um relacionamento sério. Tenho vontade de chorar ou de fingir um infarto.

— Sua internet está pegando aqui? — pergunto. — Deixa que lá do quarto te adiciono.

— Está indo aqui... Déborah Zolini... Buscar.

— Vamos aproveitar o tempo juntos, depois fazem os dois. — Coloco meu nome sobre a sua, implorando que ele me ligue no celular.

— Imprevistos acontecem ... Vai que nos desencontramos igual nos filmes e perdemos o contato para sempre?

Seria lindo se não fosse trágico. Mas uma hora isso aconteceria. Depois de dias intensos com o que vivi, não poderia esconder meu nome para Henrique.

— Pode olhar para mim ? Preciso te dizer algo.

Ele não levanta a cabeça e continua a mexer no telefone. Está feito.

Certo então, ele está acessando meu perfil.

— Não queria que descobrisse assim e espero que me perdoe. Sei que deve estar me odiando agora, mas quero que saiba que tudo o que eu disse a você foi verdade. Nada do que vivem os outros é mentira.

— Tudo bem . — Ele finalmente levanta a cabeça e interage comigo. —

Vamos os dois ir trabalhar.

Ele se levanta e segue para o elevador sem dizer uma palavra. Tento acompanhar seus passos, que são mais rápidos que os meus. Nem ousou pedir que

me espere. Se eu pudesse voltar no tempo, teria terminado com Sérgio na última

ligação e atualizado o status para solteira, com o perfil disponível para Henrique Rodrigues.

Henrique pega sua pasta e sai do quarto sem esboçar nenhuma reação de raiva ou tristeza. Sua indiferença me faz perder o controle, e me vejo mandando mensagens pedindo desculpas. Em nenhuma tenho resposta.

Faltando poucos minutos para o meio-dia, Henrique surge no quarto com um pequeno sorriso no rosto.

— Pronta para ir?

Respiro um pouco aliviada por perceber que ele não está com raiva.

— Sim , pronta. Vamos?

— Vou deixar você na rodoviária e voltar para cá. Consegui um táxi até

Brasília, que é bem mais perto que BH. De lá pego um voo para São Paulo. Vou encurtar a viagem .

Juro que sinto pedaços do teto caindo sobre minha cabeça.

— Já não me arcou a passagem de Confins? — É a única coisa que dou conta de dizer.

— Fica tranquila, já remarquei.

— Não quero mais voltar a BH?

— Estou só optando pelo mais simples. Só isso.

Então por que desceu em Belo Horizonte na ida? É óbvio que ele está me evitando! Por que ele não reage com o qualquer outra pessoa, me chama de vadia, pergunta por que fiz isso ou me pede para terminar o namoro e ficar com ele?

Não tenho coragem de dizer nada do que se passa em minha cabeça. Talvez tudo tenha sido uma aventura para ele. Homens e a sua enorme capacidade de viver o momento. Com o ele viaja muito, deve viver estilo marinheiro, com um amor em cada porto. Talvez fosse melhor me resguardar e evitar uma cena melodramática.

Henrique me ajuda com a mala e chama o elevador. Aparentemente tudo está ok. Mas cadê o irmão dele na minha, os beijos e os sorrisos?

De táxi, ele me deixa na rodoviária, me dá um rápido beijo na boca e pede que eu o avise quando chegar em casa. Talvez nem tudo esteja perdido.

Em barco no ônibus e vejo o táxi em que ele está arrancar.

As lágrimas descem sem a menor vergonha só de pensar na ideia de que talvez seja a última vez que eu o veja.

Com o médico que declara a hora do óbito, constato o óbvio: estou oficialmente apaixonada por Henrique.

7

*Sempre com essa luz  
de astral acetileno  
que palpitava como se quisesse  
retornar para a noite,  
eu não podia  
dar conta de todos  
os meus deveres  
cheguei a esquecer de pagar  
as minhas contas  
e fiquei sem pão nem mantimentos.*

*Ode a uma estrela, Pablo Neruda*

**Encontro facilmente** o rosto da minha amiga Babi no meio do pequeno grupo que espera as pessoas desembarcarem do ônibus.

— Ainda bem que você veio, amiga! Estou desesperada. — Fico na ponta dos pés para alcançar seu pescoço.

— É mais grave do que pensei, meu Deus. — Ela corresponde ao abraço. —

Vamos sair logo daqui, o povo do ônibus deve achar que você veio para um enterro.

— Que nada, am iga! Ouviram todas as nossas conversas, e a mulher do banco da frente disse que era para eu fazer a novena de Nossa Senhora Desatadora de Nós.

— Qualquer santo vai prestar para você agora, Dedé! Nunca te vi desse jeito! Falou e chorou a viagem inteira. A bateria do meu celular até acabou com suas ligações e áudios no WhatsApp.

— Me desculpaaaa — abro o berreiro. — Não tenho mais ninguém para contar que traí meu namorado com o homem da minha vida, que me deu sorte

na Libertadores e fez o melhor sexo dos meus vinte e nove anos, e que estraguei tudo por não dizer a verdade, e agora tô louca por ele, que foi em bora pelo aeroporto de Brasília e nem quis vir comigo para Belo Horizonte — digo num único fôlego.

— Pelam ordedeus! Cadê o calmante que comprou para o jejum, Déborah?

— Tomei todos, e não resolveram porra nenhum. — Limpou meu rosto e pegou minha mala. — Vam os sair daqui, já dei a minha última refeição.

Caminhamos até o estacionamento, saímos da rodoviária e fomos até a casa de Babi. Chegar de viagem com a cara inchada de tanto chorar chamaria muita atenção. Depois de tomar um banho e me acalmar um pouco, mandei uma mensagem a Henrique, conforme com binamos.

DE DÉ : Estou em casa! Fez boa viagem? Beijinhos

Trinta minutos se passam e nada. Entro no WhatsApp e vejo que ele visualizou a mensagem.

— É claro que tudo estaria diferente! Ele descobriu que tem namorado, e não

foi pela sua boca.

— Foi pelo meu dedo que mexeu no Facebook quatro anos atrás.

— E pensar que você estava louca para o Sérgio te pedir em namoro para você atualizar o Face e postar uma foto.

— Pura carência, como se eu precisasse dizer ao mundo que sou “namorável”. Como se namorado fosse um certificado de qualidade conferido apenas às mulheres. As que não têm são frígidas, feias e infelizes.

— Então conserta o que cometeu errado lá atrás...

— Meu nascimento? Dá para trocar de família?

— Não zoe. Tô falando de terminar com o Sérgio. Acabou de dizer que cometeu por carência.

— Não foi só isso, eu gostei dele. Muito. Só não gostava muito de mim. —  
Jogo meu corpo sobre a cama. — Achava que não conseguiria ninguém melhor

e acabei ficando nessa por quatro anos. Mas ó... Tudo isso pode ser uma fase ruim. Vai que Henrique some de uma vez?

— Aí você vai voltar para ele para não ficar sozinha de novo? O que você acabou de dizer sobre namorado-certificado?

Babi está certa. Minha situação com Sérgio é uma e com Henrique é outra.

Sei que as duas histórias se cruzaram, embolei o meio de campo e preciso tocar a

bola para o lado certo. Ainda não sei como fazer isso, mas preciso ter aquela conversa com Sérgio. Feito isso, vou atrás de Henrique para tentar fazer essa história dar certo.

Mexo outra vez em vão no celular. Ele não vai responder. Se ele realmente queria algo comigo, teria conversado no hotel mesmo com raiva ou chateado. Afinal, ele é um homem de trinta e oito anos.

Depois de ver algumas bobagens na televisão, nos preparamos para dormir. A dor de cabeça em função do choro me deixa sonolenta. Pelo menos nesta noite eu não terei problemas de sono.

Babime e leva pra casa pouco antes do almoço. Insisto para que almoce conosco,

mas ela diz que precisa tratar umas fotos no computador. No fundo, acho que ela

precisa de um tempo se desintoxicando do meu choro.

Assim que entro em casa, recebo um abraço de Zol. Sim, até hoje estão com em orando o título. Falam sobre as jogadas, sobre a hora em que achamos

que não ia dar, da reviravolta...

— Cara, que noite foi aquela! Foi... — Zol para com o quem busca a palavra exata.

— Histórica — com pleto. — Foi uma noite histórica. Dessas que não esquecem os nunca.

Não seguro o choro. E com o é bom ter um motivo socialmente aceito para chorar quando na verdade se está morrendo por dentro por outra razão.

Meu pai chega da rua com uma traíra sem espinha que comemos em quase todos os domingos. Minha mãe está na cozinha terminando o almoço, e vou ao quarto de Zol ver os vídeos do jogo e da comemoração em Belo Horizonte.

Entre um a im agem e outra, resolvo entrar num assunto sensível com Zol.

— Você tem notícias da Marcela?

— Outro dia fui ver o pessoal do DA e a vi andando na universidade. Ela parece m esm o nossa irm ã, nem tem com o negar.

— Se nem o j uiz negou... Já passou pela sua cabeça se aproximar dela?

— Nossa m ãe é quem vai passar por cima da minha cabeça se eu fizer isso.

— Essas regras foram impostas quando eram os crianças, e ela estava no auge da raiva. Depois, nunca mais conversam os sobre isso aqui em casa.

— Déborah, eu nem penso nesse assunto. Tenho questões de relevância social para pensar.

E eu de cunho sentimental. Tenho uma semana para me preparar para a volta de Sérgio.

Minha motivação para o trabalho está no dedão do pé. É a fase mais desanimada

da minha vida profissional. Para piorar, a primeira-cobra descobriu que o

mailing que enviei com meus contatos está (propositamente) incompleto e pôs

sobrinha idiota para passar um dia comigo. Planejo ser como a Meryl Streep no

papel de Miranda, no filme *O Diabo veste Prada*, mas logo cedo me aparece

uma moça completamente insegura e inexperiente, partindo meu coração (que

já está suficientemente triturado). Passo o dia ensinando com o buscar contatos e

abordar jornalistas.

Penso na minha vizinha esotérica, que sem pre me dá pequenas palestras quando pegam os o elevador juntas. Certa vez ela me disse que, quando fazem os

boas ações, estão me movendo as energias ao nosso redor e incentivando o universo a nos ajudar nos nossos desejos. Penso seriam ente em bater na casa dela e lhe dar um beijo, um abraço e um presente. Aliás, quero fazer isso com todos que eu encontrar na rua. Depois de dias de sumiço, finalmente Henrique aparece com uma mensagem bem carinhosa. Além de pedir desculpa pela ausência, ele diz que teve problemas no trabalho, que tem andado bem atarefado e que depois me liga para conversarmos. Estou tão feliz que acho que posso explodir arco-íris a qualquer momento.

Se tudo na vida é um sinal do caminho que temos que tomar, coincidência ou não, a mensagem de Henrique veio bem no dia programado para a volta de Sérgio. Em bora eu tenha até evitado pensar em como será difícil terminarmos o namoro, sei que essa hora vai chegar e que a iniciativa deverá partir de mim. Com o celular em mãos, mandando uma mensagem a Sérgio.

DE DÉ : Já está em BH?

Quase que imediatamente, ele responde.

SÉRGIO: Saindo de SP. Vai fazer algo à noite?

DE DÉ : A princípio, não.

SÉRGIO: Posso passar na sua casa para conversarmos?

DE DÉ : Claro. Fico esperando.

Senti em cada letra digitada que o assunto é sério. Será que rolou algo entre ele e Silvinha nos últimos dias? Chifre trocado dói, sim ! Está doendo agora, me eu

Deus. A ideia de fazer papel de idiota me consome.

Com o que a ter noção do quão difícil será pôr um fim nesse namoro. Estou envolvida até a tal ponto com Henrique, mas não estou pronta para me desapegar do que vivi com Sérgio. Respiro fundo. E me aiso fundo a ponto de retorcer o nariz. — Eu joguei pedra em Saturno, só pode! — Sento-me à minha mesa e dou um Google no tal Retorno de Saturno.

O evento coincide com a famosa crise dos trinta e visa apenas, enfatiza a astróloga entrevistada, ao nosso amadurecimento. Dizem que a casa zodiacal onde está o planeta vai determinar qual setor da sua vida será mais afetado. Estou

certa de que meu Saturno é do tamanho da Via Láctea e deve ocupar muitas das

minhas casas. Namoro, trabalho, sexo, traumas familiares... Parece que toda a

minha estrutura foi chacoalhada sem a menor piedade. Às vezes acho que nem sei mais quem sou. Será que devo estudar para um concurso público ou fazer outro vestibular?

O telefone da minha sala toca. É Zé Jairo pedindo que eu vá até a sala dele.

Será que tenho aptidão para alguma Engenharia?

Com o Sérgio não me avisou aonde iriam os, visto um a roupa simples e o espero

na portaria do prédio. Com certeza, o tipo de conversa que terem hoje e não é um papo que se leva em casa, com os pais e o irmão por perto.

Ele me envia um WhatsApp para avisar que chegou, e vou até o seu carro.

Quando abro a porta, recebo um a pequena caixa de presente fechada com um a linda fita dourada. Sento-m e no banco, o cum prim ento e com eço a abrir a caixa.

Lágrim as caem sobre m eu rosto quando vej o um abaj ur decorado com diversas estrelas estilizadas.

— Achei a sua cara... — ele diz quando percebe m inha reação.

— Foi o m elhor presente que j á m e deu — é tudo que dou conta de dizer.

Talvez porque eu não m ereça presentes depois do que fiz. Ou talvez porque ele nunca tenha dado um a bola dentro em nenhum presente que m e deu e agora (m eu Deus, j ustam ente agora!) tenha com eçado a acertar.

— Com o foi em São Paulo?

— Ótim o! Estou com diversas perspectivas para as pesquisas que podem render um bom m estrado. Acho que vou ficar na área acadêm ica m esm o.

— Que bom que sabe o que quer.

— Senti sua falta. — Ele pega a m inha m ão. — Não sabia que ficaria tão chateada a ponto de passar todos esses dias sem falar com igo.

Eu não estava chateada, só estou apaixonada. E por outro cara, que m e ignorou desde que cheguei a Belo Horizonte.

Já assisti a tanto film e em que as personagens cedem a ilusões e vivem pequenas aventuras antes de se com prom eterem no relacionam ento. Será que Henrique não foi um a prova colocada no m eu cam inho para que eu perceba que

tudo com o que eu realm ente sonho é estabilidade? Para que falta de ar, borboletas no estôm ago e aquele m edo bobo de dar m ancada na frente do cara,

se posso viver serena e sem susto?

Parece que o amor me dá uma nova chance. Talvez seja a melhor aceitá-la.

O frio do mês de julho adentra o mês de agosto. As semanas passam arrastadas

no trabalho, em casa e especialmente no namoro. Com o tempo, saímos com amigos e, quando estamos a sós, continuamos com os assuntos que temos com eles. A única novidade é o namorado de Silvinha, o Diogo. Chego a pensar que a entrada dele no grupo conferiu uma sobrevida ao meu namoro: Sérgio e Silvinha

continuamos íntimos demonstrando as afinidades nos assuntos, enquanto eu e Diogo aproveitamos a música ao vivo dos bares que frequentamos.

Vejo ou troco mensagens com Henrique, que nunca ligou, mas responde às mensagens. Ele me recebe bem e é gentil, mas não nos aprofundamos em nenhum assunto, muito menos sobre a gente. Outro dia tive vontade de escrever: “Vou largá-lo para ficar com você”. Mas fui anestesiada pelas seguintes ideias:

1) medo de levar um fora dele; 2) medo, muito medo de o Henrique se afastar e

sumir de vez; 3) pânico da falta que ele me fará; e 4) o abajur que está na minha

cabecreira evocando os sentimentos mais nobres que há em mim, capazes de me

fazer renunciar a qualquer desejo tido com o demônio carnal. Assim, continuo covarde perante as mensagens esporádicas e no namoro a dois casais.

Qualquer psicanalista sentiria pena (ou vontade de rir) de mim.

Tenho aproveitado a academia do clube para correr um pouco na esteira.

Pelo menos algum a coisa boa esse trabalho tem que me oferecer. Deixo para amanhã depois do expediente, quando pouquíssimos funcionários também usam a

sala de musculação e os jogadores e a comissão técnica já foram embora.

Numa véspera de feriado, amanhã até amanhã tarde na deserta academia. Estou

com preguiça de sair com a turma de Sérgio e vou usar a desculpa de que

cheguei tarde em casa. Quero muito me encontrar com Babi, mas, além de ela

estar saindo com um cara que conheceu num show, nossas conversas têm

parecido um confronto. A danada parece mesmo e conhecer e me faz

perguntas sobre as quais não quero pensar. Talvez eu não esteja pronta para as

respostas, ou as respostas não estejam prontas para mim.

Saio pingando de suor da esteira na direção do bebedouro. Quase engasgo

com o pulo que dou quando um vulto passa pela porta.

— Desculpa, não queria te assustar.

Por que sem pre que resolvo sossegar surgem tentações para me tirar do

caminho? Dimas está na minha frente com uma calça larga preta e uma regata

branca que mostra os ombros e os braços bem definidos.

— Achei que estivesse sozinha, só isso. Tudo bem?

— Tudo ótimo. Vou só fazer umas séries para fortalecer o joelho... Não posso dar mole.

— Eu também já estou quase de saída...

— Que pena. Seria bom ter sua companhia.

Mordo a língua para não me order os lábios na frente dele. Nunca tive os

intimidade nem batem os longos papos. Na verdade, eu sem pre o evitei por achá-

lo bem ... bem gostoso. Esses jogadores não valem nada, e é melhor voltar ao meu lugar.

Eu sorrio, com o que qualquer coisa e saio de perto.

Por que meu namorado não provoca em mim o que os demais homens provocam ?

Saio da academia sem tomar banho (ficar nua no meu esmoldo perimetral de Dimas poderia não prestar), entro no carro e ligo o rádio. Na volta para casa, com o sem pre, vou de olho no céu, que está diferente. Consigo enxergar um caminho de estrelas que forma uma seta indo na direção contrária à minha. Mas,

claro, isso deve ser coisa da minha imaginação, que está ávida por sinais e respostas prontas.

Aum ento o som e sigio o trajeto habitual.

O calendário de jogos do Taes fica meu ovimentado com os jogos da série B do Campeonato Brasileiro, o que é ótimo para meu trabalho. Enquanto atualizo as notícias no site, meu celular toca uma vez atrás da outra.

— Putaquepariu! Essa menina não trabalha, não? — digo sozinha ao ver o grupo que Silvinha criou no WhatsApp.

Entre meus agens de fogos de artifício, a menina conta a incrível ideia de viajar armostodos juntos no feriado de Sete de Setembro. O todos juntos, claro, é a

turma minha do prédio e os namorados agregados.

As m ensagens agora são para discutir o lugar.

JOÃO: Ibitipoca é m assa.

SILVINHA: Pode ser, m as estava pensando na Serra do Cipó, que é m ais perto, e quem não quiser dorm ir pode fazer bate-volta de carro.

Por que não m onta num tapete e voa para as Arábias, odalisca? É inexplicável a antipatia que nutro por essa m ulher.

Silencio o grupo, finj o que não leio nenhum a das m ensagens e toco m eu trabalho adiante. Meu nível de m au hum or atinge picos que equivalem ao Em pire

State. Fico um pouquinho m elhor quando acesso o banco de fotos do clube para ilustrar a m atéria e lá está ele... Para que m oleques batedores de bola se tenho um hom em para contem plar? Cara, o que é esse queixo de hom em bravo do

Dim as? Um dia, ah, um dia, ainda fico louca e tasco um beij o nele. Mas não será

qualquer beij o: com Dim as eu fantasio um beij o daqueles estilo Hom em - Aranha

de cabeça para baixo com a Mary Jane.

Subestim ar o sexo na vida de um ser hum ano adulto e saudável é o que venho tentando fazer com m eu nam oro m orno. Ou talvez eu o estej a superestim ando ao

acreditar que m eu nam oro é m orno pela falta de pegada.

Fecho a pasta de im agens do clube e abro um a que está no m eu pen drive.

Revej o as fotos de Paracatu, m e dando conta de que tudo parece ter a m edida certa com Henrique: as conversas íntim as, os risos e o sexo. Sinto um arrepio ao

m e lem brar de seu toque em m inha pele. Será que é assim com todas as pessoas

que se conhecem no céu?

Mando um a m ensagem para ele, apenas perguntando com o ele está. O m oreno m ais tentador de todos está on-line e responde na m esm a hora.

HE NRIQUE : Oie! Está tudo ótimo o! Com m uitas novidades!

DE DÉ : Oba, adoro novidades!

HE NRIQUE : Fui prom ovido para um novo proj eto da em presa fora do país. Estou de m udança para Santiago, no Chile.

Desm ancho na cadeira e j uro que m inhas pernas escorrem até o chão. Com o assim m udar daqui? São Paulo j á é longe, im agine outro país. E, m eu Deus, não é

qualquer país!

DE DÉ : Estava voltando de Santiago quando te conheci. Incrível coincidência, né?

HE NRIQUE : Muita! Rs.

Que legal que conhece lá, vai poder m e m ostrar a cidade quando for m e visitar.

É a prim eira vez depois do terrível incidente em Paracatu que ele fala em m e ver de novo. Um fio de esperança surge em m eu coração.

No fim do dia, Sérgio m e liga pedindo que eu vá à casa dele. Na hora eu percebo

a cilada: decerto a turm inha vai se reunir, pedir um a pizza e fazer planos para a viagem . A princípio tenho preguiça de ir, m as depois acredito que será o m elhor

me sinto de avisar que não poderei ir por causa dos jogos do clube. Assim, me

tiram logo desse grupo.

Saio do Taes e vou direto para a casa dele, chegando ao seu prédio mais cedo que o previsto. Subo e o encontro sozinho no apartamento, já que os pais ainda não voltaram do trabalho. Aviso que estou morrendo de fome, e esquentam os umas tirinhas de frango congeladas. Adoro comer besteiras, especialmente se posso socar ketchup nas gorduras saturadas.

— Quer um pouquinho aí? — ofereço o ketchup.

— Pode colocar.

Entorno quase todo o vidro na blusa de Sérgio. Devo estar com muita força (ou raiva) acumulada para fazer aquele estrago.

— Ai, Dedé... Que zona.

— Desculpa! Deixa que eu limpo!

— Eu arrumo aqui. Pegue outra camisa para mim, por favor.

Vou até seu quarto e abro a primeira porta do armário. Por onde começar? É a primeira vez que abro o guarda-roupa dele, e não faço ideia de onde estão as blusas. Na porta que abri estão as camisas de botão e as calças. Parto para a próxima e vejo o um pilha de camisetinhas dobradas. Coloco minha mão sobre a montanha de roupa e sinto algo rígido entre elas. Tateio e chego a uma revista de

mulher pelada.

Rio alto. Nunca imaginei que Sérgio se excitasse com fotos. Continuo a busca e paro de rir. Há mais revistas do que blusas nesse armário. Mulheres de todo

tipo

estão estas pedras em fotos mais egarreladoras. Estou diante de um lado de Sérgio

que nunca descobri.

No fundo do armário está uma fotografia solta, dessas que amparamos e colocamos num álbum. Arregalo os olhos em choque para o corpo de uma adolescente enrolada num véu de dança do ventre. Antes que meu cérebro me ditasse qualquer julgamento sobre um possível comportamento doentio de Sérgio, foco em outro detalhe.

— Eu conheço esse nariz!

Nem sete mil véus dariam jeito no tobogã que a ordinária da Silvinha tem na cara! O que a foto dessa menina está fazendo entre as camisas do meu

namorado?

No verso da foto, está desenhado um coração com as iniciais S+S e a frase que toda garota escreve ao namorado quando se é adolescente: “Sua para sem pre”. Breguice! Pela data que está assinada, eles deviam ter uns catorze, quinze anos. Devem ter tido a primeira vez juntos. Um tsunami de ciúme me invade a alma, e tenho vontade de fazer picadinho dessa foto.

— Que é isso, Déborah?

Sou surpreendida por Sérgio com a fotografia na mão.

— Era para pegar uma camisa, não me mexer nas minhas coisas!

— Se não queria que eu descobrisse, por que não me conte longe da sua intimidade com o fez ao longo desses anos? Você queria que eu descobrisse sua

paixão pela Silvinha para tomar um a decisão que não tem coragem de contar.

— Pare de ser ridícula, isso foi há muitos anos. — Ele tomou a foto da minha mãe.

— Isso é agora, Sérgio! Por que guarda a foto, por que tem ciúme e do namorado dela, por que a coloca em todos os programas que fazem os? O que aconteceu entre vocês acabou mesmo?

— Eu já te fiz alguma pergunta indiscreta? Não precisamos falar das relações que já tivemos.

— Achei que namorasse um cara assexuado, focado nos estudos, mas vejo que é o contrário! Não se lembra do quanto te procurei para sexo, chegando até a

me andar um selfie na banheira? Quando você me ignorou, eu achei que só não curtisse essas coisas... — Minha voz com uma careta. — Agora vejo que não

curte a minha, porque fotos... Cacete, você é um grande colecionador.

Sem falar uma palavra, Sérgio veste uma blusa do armário, guarda as revistas e a foto e fecha a porta do guarda-roupa. Suas bochechas estão rosadas, e ele mal consegue me olhar. Talvez eu ficasse igualmente sem graça se eu descobrisse meus devaneios com Dimas e com as demais pernas de jogadores de futebol. De fato, nem tudo tem que sair do armário.

— Você tem andado diferente... — Sérgio rompe o silêncio. — Meio nervosa, sei lá. Para com essa, nunca falou palavrão.

— Falo palavrão pra caralho! Sem prefação e só me animei quando estou com você. Faço de tudo para estar à altura do meu namorado mediano enalçado

num a residência.

— Melhor conversarmos outra hora, você está fora de si, Déborah!

— Nunca estive tão em mim e preciso conversar agora, Sérgio! — berro. — Essa sou eu. Sou o tipo de pessoa que se veste de cachorro e estrebucha na porta da reitoria para mim anifestar! Adoro beber cerveja, acompanhar futebol e uso palavrões com o advérbio, adjetivo e substantivo.

Sérgio permanece em silêncio e de cabeça baixa.

— Gosto de mim andar em mensagens provocantes, fotos sensuais e tudo em mim que qualquer mulher gosta. E, pelo jeito, com o todo homem gosta. Você não é exceção.

— São coisas de adolescente... — ele finalmente diz algo.

— Para, Sérgio! Vam os assumir de uma vez que não sou a mulher dos seus sonhos... — Começo a chorar.

— Claro que é. Sabe que eu gosto de você.

— Mas não me amam. E muito menos me desejam! Passei os últimos anos achando que o problema era eu, mas eram os nós dois. Não tem o químic! Jogamos a culpa no trabalho, no cansaço, na falta de oportunidade... Mas a verdade que não estamos enxergando é que somos os bons amigos apenas. Sem tensão, sem sintonia e sem futuro.

Sentome na cama acompanhada por uma crise de choro. Estamos, enfim, tendo a conversa que evitamos.

— Me desapegar de você e do tempo que investi nesse namoro é uma das coisas mais difíceis que estou fazendo. Mas tenho que fazer para continuar...

Quero ser feliz, Sérgio! E quero que você sej a feliz tam bém . Não vej o com o continuarm os j untos.

Ele se senta ao m eu lado, sem dizer um a só palavra, com a cabeça baixa, evitando m e olhar. Não m e surpreende em nada ele fugir do confronto. Coube a m im a pior parte, m as m e sinto aliviada e um pouco orgulhosa de conseguir colocar um fim nessa relação.

Em bora m eu coração não estej a m ais aqui, sentirei falta dele. Das ligações, da com panhia, do suporte e dos passeios deliciosos que fizem os. Sei que será ruim chegar em casa e ter de tirar as nossas fotos do porta-retrato, contar a todos que estou solteira e atualizar o status do Facebook. Por que m esm o eu fiquei ansiosa em m e com prom eter publicam ente?

— Se precisar, m e ligue. Para qualquer coisa.

— Você tam bém — ele responde secam ente.

— Sabe que é bom e que coisas boas te esperam .

Ele m e abraça, e sinto um pouco de suas lágrimas no m eu rosto. Sinto o peso de cada um a delas em m inhas costas quando lem bro que estive com outra pessoa

sem anas atrás. Não suportando m ais aquela cena, digo que é m elhor eu ir em bora. Levanto-m e, pego m inha bolsa e desço as escadas para evitar o espelho

do elevador.

Chego em casa e m e isolo no quarto escuro. Meu m undo está desm oronando, e não tenho nenhum a m uleta para m e escorar. Mal consigo pensar no que vem depois quando penso que todos os planos que tenho incluíam Sérgio (ou um

nam orado). Sinto um a ponta de m edo de ter dispensado um a boa pessoa e de nunca m ais ninguém bacana cruzar o m eu cam inho. Mas certam ente não vou atrair boas coisas se eu continuar num a relação por m edo de ficar sozinha, insegurança ou pena.

Durm o em m eio a pensam entos tristes.

Na m anã seguinte, acordo antes de o m eu despertador tocar. Levanto-m e e abro a cortina blackout. Um feixe de luz m e atinge, e um a alegria sem razão brota em m im . Ter os sonhos esfacelados pode ser bom : dá para sonhar outros. O clim a de velório dos prim eiros dias pós-término passa quando Sérgio m e liga para eu devolver o box de *The Big Bang Theory*, que está com igo há m eses. Mais

um pouco seria m eu por usucapião.

À noite, ele passa na m inha casa na velocidade do The Flash para buscar os DVDs. Não desliga o carro nem pergunta com o estou. Assim que ele arranca, telefono soltando os cachorros, tirando do túm ulo pequenas m ágoas do nosso nam oro. De fato, m ulher nunca esquece. Aproveito a prim eira oportunidade para

j ogar tudo na cara dele que, pela prim eira vez, não evita a briga e tam bém m e diz desaforos.

Pronto! É o que basta para eu voltar pro quarto, ligar o com putador e atualizar m eu status: não estou m ais em um relacionam ento sério. Um a pessoa ou outra m e pergunta o que aconteceu pelo inbox e m e desej a boa sorte. Aproveito para fazer algo que queria havia m uito tem po. Procuo Henrique Rodrigues no Facebook e m ando um a solicitação de am izade. Minutos depois

ele

m e aceita e curte m inha foto de perfil. Bingo! Ele j á deve ter visto que não estou

m ais nam orando!

Perm aneço on-line por m ais alguns m inutos esperando que ele venha puxar papo. Nada. A única novidade é o convite que ele postou no perfil de um a despedida num bar na Vila Mariana, em Sam pa. Será que dá para pegar o carro depois do trabalho e ir?

Vou dorm ir nervosa com Sérgio e com Henrique. Há poucos dias, tinha os dois, agora tudo o que tenho é a raiva que eles m e fazem sentir.

No dia seguinte, Zol m e pede um a carona na volta do trabalho. Contrastando com m eu clim a cinza, ele está m ais falante que de costum e, esbanj ando em polgação porque conseguiu reter a atenção dos alunos num a aula sobre política.

— Agora m eus m oleques entendem por que som os um a República Federativa com posta de três poderes.

— Queria que todos os professores do m undo fossem com o você. Aliás, que os políticos da cidade tivessem sua disposição. Você devia se candidatar!

— Não brinca com m eu coração, Dedé. A vida pública é só um sonho para m im ...

— Então vai se om itir na fantasia e deixar os tranqueiras serem nossos candidatos?

Faço um a curva fechada e tom bam os para o lado direito. Zol continua calado, m as, pelo que conheço do m eu irm ão, ele vai pensar no assunto.

— Com o está a vida de solteira? — m uda de assunto.

— Indo. Entram os na fase da raiva.

— Ah, que besteira. Não precisam acabar com tudo só porque term inou um vínculo que existia entre vocês.

— Fala isso porque é um com edor que nunca nam orou sério.

— Que m entalidade atrasada, Dedé... Tudo o que eu tenho é sério, só não segue o padrão. Mas eu m e envolvo, sim . Às vezes m ais do que quem nam ora quatro anos.

— Ui! Quer ficar aqui e pegar um ônibus? Não tô precisando de esporro agora, não! Não tá fácil esquecer os últim os quatro anos!

— Não precisa esquecer, aconteceu, está na sua história — ele responde com calm a. — Na boa, Dedé... Acho que está m ais difícil para você esquecer sua final da Libertadores do que os últim os quatro anos.

O sinal fecha, e freio bruscam ente o carro. Evito virar a cabeça na sua direção para que ele não vej a m inhas lágrim as, num esforço inútil de reprim ir m inhas em oções.

— Tá vendo com o o padrão nunca é indicador de nada? — ele diz — Dá para perceber que foi m ais feliz com o novato do que com o de sem pre.

— Parece que andou escutando m inhas conversas...

— Nem precisa, seu olhar de apaixonada te denuncia.

— Isso não faz de m im um a pessoa leviana — respondo, sem querer dar detalhes da m inha vida. — Não enrolo as pessoas.

— Mas eu tam bém não! Você não sabe o que tenho com as m ulheres com

quem saio. Acha mais fácil me chamar de comedor. E se eu for um “amador”,

Déborah? — Ele faz sinal com o dedo para indicar aspas. — Sabia que eu me apaixono, faço planos, componho música, sonho e mandando flores? Minhas coisas podem não durar tanto tempo, mas são intensas.

— Pensa alguma coisa do nosso pai?

— Déborah, ele é pai para você? Te ensinou a andar de bicicleta, te buscou nas festas?

Fico em silêncio, segurando o choro.

— Responde, Déborah! Ele não te sustentou quando precisava, não te levou ao médico, não filmou suas apresentações de jazz? Sei que o que aconteceu foi terrível, eram os novos, mas tem os que focam no que eles são com o país. O que eles fazem com o homem e a mulher não é da nossa conta!

As buzinas começam, e percebo que o sinal já abriu. Arranco o carro com pressa e o estaciono na primeira vaga que vejo. Zol tira um rolo de papel higiênico da mochila e me passa, certamente para eu limpar meu nariz.

— Não me olha com essa cara só porque ando com esse rolo. Dou aula em escola pública, cara!

Solto uma risada no meio do caos.

— Posso ser um manifestante louco, um romântico que sonha acordado ou um imbecil que não tem carro por ideologia, mas não tenho medo do amor!

Dá para entender por que as mulheres ficam a fim do meu irmão. O Zol é realmente incrível, capaz de me convencer a enfrentar o pior dos mundos. Talvez

eu tenha feito do amor um monstro daqueles que nos aterrorizam na infância. O bom de crescer é que você descobre que é a sua própria imaginação que torna o monstro grande.

— Você é tão foda que se me pedir para descer do carro agora e imitar um cachorro eu vou fazer. — Tiro o cinto de segurança e o abraço.

— Que bom, minha. Tô pensando numa parada na porta da prefeitura amanhã... — ele ri. — Sério, tive umas ideias para a rede de ensino que estão sendo ignoradas. Vou dar um jeito de elas me ouvirem.

— Ó... Se suas ideias forem boas mesmo, posso conseguir ajuda para você.

— Show! Assim vai forçar a Secretaria de Educação a me dar uma resposta.

— Mas só farei isso se você se impuser no partido político a que é filiado e sair com o candidato a vereador no ano que vem. Posso ser um candidato pro amor, mas não tenho medo de desafio!

De repente, noto que a persuasão é um dom de família. Zol me oferece a mão, selando o acordo. Neste segundo, sou a pessoa mais feliz e agradecida do universo pelos pais que tenho: só eles me dariam um irmão com o nome eu.

Passo amanhã de sábado fazendo uma varredura na internet com as notícias sobre a reivindicação de Zol, que quase foi preso por tentar escalar os arcos do viaduto de Santa Tereza. A ideia do local foi minha, inspirada no livro *Encontro marcado*, do Fernando Sabino. Além disso, a prefeitura é meio batida e ele nunca

teve resposta quando manifestou na região.

— Que ideia de gênio, Dedé!

— A sua ideia para ensinar literatura por meio de obras de autores mineiros é

que é foda. Os alunos se interessariam mais por livros se pudessem conhecer os locais onde se passam as histórias.

Depois de alguns minutos de babação de ovo, termino a seleção das reportagens e aproveito para me andar e-mails aos amigos jornalistas, especialmente

aos dos meios que adoram fazer oposição à prefeitura. Consegui até um programa de rádio AM feito por um radialista louco, desbocado, mas de grande audiência na cidade.

— Num a guerra, você seria estrategista — Zol fala.

— E você, o líder que motivou o povo. — Viro-me e para ele. — E o faz se vestir de dálmata.

— Para de zueira, Dedé! — Ele passa a mão em meu ombro. — Sério: obrigado. Mandou bem pacas e sem me pedir um centavo. Poderia ganhar mais dinheiro com isso, está enterrada naquele clube.

— É, vou com você a olhar outros em pregos...

— Tá louca? — ele me interrompe. — Você é seu próprio em prego! Devia ter um escritório, atender várias pessoas.

— Não tenho dinheiro nem relacionamentos para isso.

— Então comece a ter! Não estou com você e prepare para ser candidato por sua causa?

Mais um item para a lista “coisas que perco por medo de perder”.

Há vários escritórios de assessoria de imprensa na cidade disputando clientes, e não sei se tenho habilidades para tanto. Constatado isso com a mesma tristeza com

que percebo que há diversas mulheres no universo para disputar comigo uma vaga no coração de Henrique. Agora também concorro com as do Chile e lamentavelmente não tenho medidas, peso, altura e porcelana nos dentes para isso.

Lembro-me da briga com Sérgio e da minha falta de competência para manter e terminar relacionamentos em paz. Parece que não construí nada na vida.

Antes que um buraco negro me edonho se abra no meu quarto e me engula para o mundo de pensamentos pessimistas e autodepreciativos, ligo para Babi. Com o cara com quem ela sai deu um pequeno sumiço, deixando-a mais nervosa que de costume, me arcam os de dar uma volta para beber.

Deixam os carros em casa e fomos de táxi ao Zé Love, um boteco que frequentam desde a faculdade quando a coisa está foda. O lugar não é lindo, mas dá para comer sem neura. O arsenal do cara é completo, vai de cachaça artesanal a uísque vinte e quatro anos.

— Vam os beber, porque o ar está difícil — brindo antes de virar o coco verde cheio de cachaça. — O primeiro fim de semana de solteira pede mais cachaça.

— Ah, mas você tem o Henrique. Pode ser que não dure muito no tim e das solteiras.

— Ah, não sei. Antes eu disputava no âmbito do Brasil, agora o Chile entrou na jogada. Só aumentou a proporção de mulheres.

— Será que o Zé Love não tem um a dose de autoestima, não? Para de show, Déborah! O cara veio para Belo Horizonte por sua causa!

— Desce um a dose de realidade aí, *seu Love*? — retruco. — Ele tinha que ir para Paracatu, não teve nada a ver com igo.

— Então por que não desceu em Brasília, que é m ais perto? O cara veio antes, te avisou, ficou num hotel e depois encarou horas na estrada porque não existe um voo de São Paulo para Brasília?

Sinto-m e envolvida por um a chuva de confetes. Até que enfim um raciocínio que faz sentido m e deixou anim ada. Será que Henrique passou um a noite em Belo Horizonte por m inha causa? E depois se afastou por descobrir que nam oro?

— Preciso resolver isso, m as com o faço agora que ele m udou de país? Que falta de sorte!

— Você j á não foi lá um a vez? Se você quer, tem que ir buscar!

— Mas terei que m e achar a m ulher m ais linda do m undo.

Babi fica em silêncio. Talvez acreditar que eu sej a a m ais top do universo sej a m esm o difícil.

— Lem bra o Hum berto, que fez um as m atérias com a gente no quinto período?

— Quem se esquece do Huuuuum berto? O cara m ais gato dos anos de faculdade. Meio lento nas m atérias, m as gostoso. O que será dele?

— Sei que ele largou o curso no m eio para m exer com cachorro. Um a história estranha, m as ele sem pre criou e adestrou cães. Enfim , falei dele porque,

um dia, na aula de telej ornalism o, ele ficou olhando um a gravação sua na ilha

de

edição. Só faltou o cara babar, dizendo que você ficou linda no vídeo.

— Sério? Por que nunca me disse isso?

— Você não me parecia insegura com a sua imagem com o agora. Não achei importante. E também só tinha olhos para o Carlos Eduardo.

Ah, o Cadu! Namoramos por três anos depois que nos conhecemos na fila do banco, o que foi uma sorte danada. Na época, eu curtia um pouco a dor de cotovelo pelo

termínio de um namoro de cinco anos.

Faço umas contas rápidas e não sei quando foi que passei muito tempo solteira. Minha vida parecia ser totalmente norteada pelos meus relacionamentos.

Usei franja quando namorava Cadu. Fui para Maceió nas férias quando estava com Renato. Quebrei o braço quando era namorada do Marcos. Quando meu próprio referencial foi eu mesma? Céus, parece que nunca estive comigo mesma. Será que não suporto a mim mesma com minha própria companhia e preciso desesperadamente estar com alguém?

— Talvez eu sempre tenha sido insegura e precisasse de um homem para despistar isso.

— Putz... O que uns cocos batizados com cachaça não fazem! Um brinde à verdade sobre nós mesmas!

Carregamos os cocos e fazemos um brinde desajustado.

— Sei que não é fácil porque também faço o exercício diário de confiar em mim mesma do que nas mulheres que fotografo — Babi fica em silêncio, com o

se

pensasse em algo dolorido. Talvez não seja só eu a duvidar de mim numa época

de beldades e de Photoshop.

— Preciso, ainda, confiar no que eu tive com ele. Não foi só pele, foi... foi a

primeira vez que me ostentei minha cicatriz por completo e ainda assim me senti

linda.

— Quando é que vamos os pesquisar uma passagem para o Chile?

## 8

*Enquanto isso, na rua,*

*se amotinavam*

*transeuntes, boêmios*

*vendedores*

*atraídos sem dúvida*

*pelo insólito clarão*

*que viam sair de minha janela.*

*Ode a uma estrela, Pablo Neruda*

**O programa pra lá de popular** em que em plaquei Zol rende ótimo os frutos. O partido político a que ele é filiado há anos passou a enxergá-lo como um possível candidato. Nunca vi-me eu não tão animado com ideias de projetos de lei, e eu,

que havia tempo não acreditava na política, estou motivada a trabalhar no planejamento de comuniqueção de alguém — ainda que de graça.

Sérgio bom bardeia o Facebook de fotos da viagem à Serra do Cipó, num

com portam ento totalm ente atípico. Prova de que ele é com o todas as outras pessoas, que precisam m ostrar à ex que estão tocando a vida. Tenho esperança de que, depois que a raivinha passar, possam os ter um a relação cordial.

Certo dia, zapeando as notícias de esporte do país, encontro um a m atéria sobre a atuação de Diguinho no novo clube, que j ogava contra o m aior rival. Ele fez dois dribles fora do com um e m andou a bola no pé do artilheiro do tim e, que

m arcou o gol da vitória. Acho que é um a boa hora de dar um oi.

DE DÉ : Acabo de ler um a m atéria sobre sua atuação. Que orgulho!

DIGUINHO: Todas as atenções estão voltadas para um clássico, né?

Destacar-se num j ogo contra o rival é ótim o para ter m ídia e cair nas graças da torcida.

Lição ensinada pela m inha assessora de im prensa favorita.

DE DÉ : Meu Deus, assim vai m e fazer chorar! Nem sabia que se lem brava de m im ainda.

DIGUINHO: Sua doidinha, eu m e lem bro sem pre!

Na noite anterior ao clássico, o treinador m e avisou que eu iria j ogar e senti que era m inha chance de virar titular. Parece que m inha estrela tá brilhando, né?

Converso com Diguinho por m ais alguns m inutos e o faço prom eter que ele não m e bloqueará no WhatsApp quando estiver estourado e ganhando m ilhões. O brilho da estrela dele ilum inou a m inha. Talvez, um dia, eu consiga m esm o ter m inha em presa de com unicação. Mas, antes disso, há algo que eu preciso resolver.

Aproveito o celular na mão para falar com Henrique.

DE DÉ : Com o está a vida no Chile?

Nada. Nem um a respostinha durante todo o dia. Disposta a confiar no que vivi com ele, não controlo o horário em que ele ficou on-line. Que bem isso me faria? Quando der, ele vai responder.

À noite, encontro minha mãe fazendo quibe na cozinha, com o nos velhos tem pos. Deixo a bolsa no quarto, troco a blusa e vou ajudá-la na receita, que é de família.

— O que te deu hoje para enrolar quibe? — pergunto.

— Vontade de comer — ela brinca. — Fico feliz com as novidades dos meus filhos.

— Está gostando de ter um filho que dá entrevista, né?

— Menina, viu com o ele fala bem? Fico orgulhosa mesmo. E de você tam bém, toda articulada. Vê-los com saúde e se dando bem é tudo que eu sem pre quis — sua voz em barga —, ainda que eu tenha metido os pés pelas mãos.

— Ô, mãe, para com isso. A gente sabe das suas intenções. Isso foi há tanto tempo... Tá na hora de virar a página, né? E talvez rever essa relação louca que vocês têm — arrisco. — Ele não muda, mãe. Com o você aguenta?

Ela fica em silêncio enrolando os quibes. Seu semblante se mostra tão leve quanto antes, sem nenhum ar de tristeza ou preocupação.

— Não sei o que é certo ou errado, Déborah. Só faço o que me dá paz — ela

responde quando os quibes já estão quase prontos.

Mesmo com as mãos sujas de trigo, passo meu braço em seus ombros e me aproximo de seu corpo.

— Vou ligar a frigideira — encerro o assunto que nunca foi da minha conta.

Depois de me entupir de quibe e ainda separar alguns para levar ao trabalho, confronto alguns de meus pensamentos sobre as mudanças por que venho passando.

Eu traí. Tudo bem que meu namorado estava morto, não me sentia desajudada e precisava desesperadamente daquilo. O.k, estou realmente apaixonada por Henrique, e não foi só assim. Mas o fato é que coloquei galhos na cabeça de quem não merecia. E, mesmo que merecesse, quero fazer isso de novo?

Penso em meu pai. Será que ele se sentia tão invisível quanto eu? Por tantas vezes eu o condenei e deixei de cultivar bons momentos com ele porque minha enorme âgoa não deixava espaço para nenhum a conversa. Anos mais tarde, eu

fiz o que ele faz. Para quem sempre se achou superior a ponto de julgá-lo, fazer-

se igual pode ser um bom ponto de partida para um recomeço. Precisei viver as minhas histórias para entender um pouco a dos meus pais.

— Saturno não brinca mesmo em serviço — digo, olhando para o céu, encostada na janela do meu quarto. — Sam bou no tapete onde eu cultivava minha sujeira.

E Saphira? Com o será que ela está?

“Muita mudança”, “riso e choro”, “vai fazer as mudanças para viver um grande

am or”.

As frases que ela me disse invadem minha cabeça. Fixo os olhos nas minhas mãos, tentando ler meus olhos alguma coisa.

— Ela disse que nos veriam os de novo! Ela disse! Claro, ela deve ter visto que eu voltaria ao Chile! Ahhhhhh — grito sozinha no quarto. — Henrique e eu estamos os escritos nas estrelas, só pode ser isso!

Pego o celular para ligar para Babi, afinal, sinais precisam ser compartilhados.

Para minha total euforia, o visor do celular me mostra uma surpresa.

HENRIQUE : Oie! Está tudo bem . Estou me adaptando. Hoje passei o dia resolvendo coisas do apartamento e fazendo compras.

Já estou começando a sentir raiva desse Diguinho... Deu a maior assistência no gol que nos fez perder a partida. Não tinha outro time para esse cara ir, não? Rs.

E aí, tudo bem ?

Beijos

As estrelas parecem se alinhar a meu favor, e, antes que o céu me ode, abro o notebook para conferir passagens para Santiago. Quero esse homem e vou atrás dele!

DE DÉ : Hahaha. Diguinho está com tudo para ser titular do seu rival.

É a vida!

Montar casa deve dar trabalho mesmo, imagino!

Eu estou bem ... Trabalhando muito. E você?

HE NRIQUE : Só trabalhando m esm o. Ainda não m e enturm ei.

Ah, que dó! Dá para levar para casa? Quase escrevo a ele que não precisa conhecer ninguém , eu vou bastar. Aliás, a hora é perfeita para ir até lá, j á que não está enturm ado. Ainda não devo ter m uita concorrência.

DE DÉ : Te falei que uns am igos m eus irão para aí no fim do m ês?

Até m e cham aram para ir.

HE NRIQUE : Vem com eles para a gente passear aqui.

Que dia eles virão?

DE DÉ : No últim o fim de sem ana. Estou anim ada a ir m esm o.

HE NRIQUE : Eu estarei aqui. Será um prazer te rever.

Releio a palavra prazer catorze vezes enquanto navego em páginas de com panhias aéreas. Com o faltam apenas duas sem anas para a data que inventei,

o preço está de arrancar o couro. Mas eu o quero agora, e adiar a viagem só vai m e fazer gastar m ais em calm ante (ou em chocolate). Confiro a tabela de j ogos

da série B e seleciono os bilhetes.

DE DÉ : O pessoal vai chegar aí na sexta, dia 26, e voltar dia 30, terça.

Estará aí?

Espero a resposta com o se tudo dependesse disso.

HE NRIQUE : Estarei sim !

DE DÉ : Então poderem os dar um a volta, né?

HE NRIQUE : Darem os várias!

Passagem com prada! Santiago, m e aguarde!

Sinto um pouco da peçonha de dona Mariza quando aviso que irei tirar dois dias de folga.

— Deve estar com dinheiro sobrando para tanta viagem, hein, bem?

— Não é dinheiro, não, é hora extra! Mas o clube pode me pagar e elas se preferirem — digo em meio a sorrisos de mim.

Logo minha folga foi engolida pela primeira-cobra. Mesmo assim rezei para que nenhum a zicasse sobre mim, estragando minha viagem.

Confiro os e-mails do clube e vejo o convite para uma super festa de um fabricante de materiais esportivos em BH. Rony Bravo, um jogador brasileiro que

estourou e foi jogar na Europa, estará presente junto com dezenas de outros jogadores. Nada mal ir a uma festa de graça, mas o evento será no fim de semana em que estarei no Chile.

Pego o telefone e ligo para a pessoa mais interessada em festas com jogadores que conheço.

— Tô dentro — Kátia Flávia responde, com entusiasmo. — Muito obrigada pelo convite.

Pronto. Minha boa ação do dia está feita. Entreguei o convite para alguém que valoriza muito mais esse tipo de oportunidade.

Passo o dia pesquisando locais bons e baratos para mim e hospedar. Até pesquisei o hotel onde fiquei quando viajei com o time e, mas as passagens já tinham me levado os rins (e não dá para ficar sem os olhos). Seria bom rever Saphira e dizer que a profecia deu certo, mas ficaria para outra vez. Fecho um hotel bem -arrumado e mais em conta.

Por fim, elaboro um mapa em lojas de roupas e salão de beleza e começo uma contagem regressiva para o embarque.

Desembarco em Santiago por volta das sete da noite. Pego o primeiro táxi que vejo e sigo até o hotel que reservei. Assim que entro em meu quarto e consigo um sinal decente de internet, mando um mensagem a Henrique. Com o tenho apenas quatro dias na cidade, quero logo estar com ele. Juro que tiro os pés do chão ao pensar que posso dormir com ele esta noite (e todas as outras três noites).

Pode faltar pouco para tê-lo de novo e, finalmente, dizer tudo o que sinto.

Tomando o banho no meu enorme tempo que consigo. Assim que saio do banheiro, meu coração aperta com a possibilidade de ele não responder e de eu passar a noite sozinha. Será depressão na certa.

Até que o celular vibra bem na minha mão!

É ele!

HENRIQUE: Oi! Fez boa viagem?

DEDE: Sim! Já estou no hotel e arrumando para sair. Sugestões?

HENRIQUE: Há muitos restaurantes bons. Seus amigos querem sair para jantar ou badalar?

Putaquepariu! Esqueci os “meus amigos”. Onde irei enfiá-los nesta noite?

DEDE: Ainda não sabem os. Você quer fazer alguma coisa?

É o melhor que consigo responder.

HENRIQUE: Resolvam onde querem ir e me avise! Pode ser que eu me anime.

Não voei até aqui e me arruinando no cartão de crédito para ficar nesse joguinho. É tudo ou nada.

DE DÉ : Tô com saudade de você! Vam os nos encontrar hoje? Deixo para sair com meus amigos depois.

Um frio percorre meu corpo e se instala nas minhas mãos. Deve ser verdade o ditado “mão fria, coração quente”. Porque, em bora eu me alconsegue me movimentar os dedos, meu coração parece um fogão a lenha.

HENRIQUE : Hehe. Pode ser. Tem um restaurante ótimo aqui, podem os nos ver lá.

Finalmente meus pulmões soltam o ar retido.

São nove da noite, estou elegantemente vestida e me aquiada para me movimentar no Le

Bistrot, um restaurante francês muito bem avaliado na internet. Digo à recepcionista que procuro por Henrique, e ela pede que eu a acompanhe.

Ele está sozinho numa mesa para duas pessoas, tomando água com gás.

Lindo, absurdamente lindo, numa blusa preta que contrasta com seus poucos fios

grisalhos.

— Quanto tempo, Déborah — ele se levanta e me recebe com um sorriso nos lábios.

Ah, você não imagina quanto tempo! Só oito semanas, dois dias e algumas horas me pacientemente esperadas para sentir esse abraço de novo.

— Que bom revê-lo! Adorei o lugar, escolheu bem .

Papinhos vão e vêm enquanto pedimos um vinho e uma entrada. Eu

sim plesm ente am o a m ulher que sou quando estou ao lado dele. Minhas inseguranças facilmente evaporam , tornando-me interessante.

Term inado o jantar, vamos cam inhar pela rua. O tempo está fresco, e andamos com calma pelas ruas planas de Santiago. Cruzamos um quarteirão com bares cheios e pessoas na calçada e então chegamos a uma esquina deserta

e com pouca luz. Henrique passa a mão na minha cintura e me coloca à sua frente. Sinto sua mão passando pela minha nuca e me puxando para perto.

Enfim , recebo o beijo que há muito espero e volto ao ponto onde deixei meu coração.

Pouco tempo depois, estou em sua casa no bairro Las Condes. O prédio é grande, mas silencioso. O apartamento possui dois quartos e ainda tem poucos móveis. Entro no quarto dele e corro os olhos com pressa para registrar cada centímetro da intimidade dele. Com o que quero esse homem !

— Que bom que você está aqui... — ele sussurra em meu ouvido.

Sua respiração está colada ao meu ouvido, e suas mãos me trazem cada vez para mais perto. Seu corpo está novamente no meu, me fazendo com pletas. Acho

que é o mais perto que já estive do paraíso.

Acordo com o cheiro de café. Estou sozinha no quarto e rindo com o quem ganhou um prêmio acumulado na loteria.

Recolho minhas roupas espalhadas pelo chão e as visto. Vou ao banheiro lavar o rosto e escuto o som de um celular vindo do quarto. Enxágua a boca com uma mistura de água e pasta de dente. Arrumo meu cabelo e o melhor que

posso e

volto para o quarto para calçar o sapato. O celular toca mais uma vez. Quem insiste duas vezes seguidas no sábado de manhã?

Corro até a cabeceira da cama. Há dois aparelhos: um que é o mesmo que ele usava no Brasil e outro, o que está chamando, que deduzo ter o número aqui.

Confiro o visor: Ana Kerina. Que porra de garota é essa?

Pego meu celular e acesso o perfil de Henrique. Faço um enorme esforço para não dar um de meus pitis. Com certeza, partir para as cobranças só vai eliminar todas as minhas chances. Além do mais, que direito eu tenho de cobrar?

Acesso as novas amizades dele. Lá está a vadia. Não é linda, mas não é feia.

Tem os cabelos com pridos, pesados e escuros, e faz um tipo que chama a atenção por onde passa.

Paro a sessão tortura e jogo o celular na cama. Respiro fundo tentando me acalmar.

— Já acordou? — Ele aparece no quarto com um short cinza e, meu Pai do Céu, sem camisa.

— Bom dia — respondo, escondendo num sorriso a frase “já até descobri sobre sua nova amiga”. — E aí? Muitos planos para hoje?

— Nada de mais. — Ele se senta na cama. — Estou conhecendo o pessoal do trabalho e das aulas de espanhol. Bom, né? Fiquei aqui sozinho nos primeiros dias.

Pronto. Ele desarmou a bomba-relógio. Qual o problema de ter amigos?

*Confie em você e no que viveram, Déborah!*

— E você, vai sair com seus amigos?

— Eu os vejo com frequência em BH — tento sair bem da minha inteira. —

Já você...

— Tem muita coisa para fazer aqui. Vai me dando notícia, a gente pode sair para jantar de novo.

Não tenho resposta para o ato de água fria que Henrique me dá. Por que não está tudo com o foi em Paracatu? Refaço rapidamente o que vivem os na viagem .

Com o ele me contou comigo quando soube que eu namorava, resolvi atacar.

— Estou solteira...

— Eu vi no seu Facebook — ele ri. — Espero que você esteja bem .

— Estou. Mas posso ficar melhor.

— Déborah... — ele diz calmamente. — Você veio atrás de uma história?

— Eu vim atrás de você.

Um silêncio tão grande se faz no quarto que, juro, consigo escutar as batidas do meu coração.

Ele vira a cabeça e olha fixamente para meu rosto, como se quisesse me ouvir.

— Sei que o momento não é o melhor, mas talvez esse momento não exista e eu tenha que criá-lo. Antes eu tinha namorado, agora você me contou de país, sei que tudo parece impossível e complicado demais, mas...

Perco as palavras. Ele se mantém em silêncio apenas me olhando. Retomo o fôlego e continuo.

— Mas não parei de pensar em você um minuto sequer desde o dia em que ficamos juntos! Me deito para dormir esperando sonhar com você, e assim que abro os olhos, seu nome é o primeiro que me vem à mente.

— Eu não fazia ideia de que estava tão envolvida — Henrique finalmente rompe o silêncio. — E você fica ainda mais bonita quando está vermelha de vergonha.

— Se falar isso de novo, ficarei mais vermelha ainda. — Eu tapo meu rosto.

— Não, não esconda o rosto. Já nos abrimos um com o outro, por que ficar com vergonha agora?

A reação de Henrique me faz perceber que estou diante de um homem.

Nada mais natural que uma mulher dizer a um homem que está apaixonada.

— Logo depois que tenha descoberto que eu tinha namorado daquela forma...

— Eu fiquei bem chateado — ele me interrompe —, mas também foi ingenuidade minha acreditar que uma mulher com o você estaria solteira.

Uma mulher com o eu? Quando foi na vida que me senti essa mulher? Com o eu desejo me ver com os olhos de Henrique.

— Déborah, a vida seguiu. Se antes já seria difícil manter algo a distância, imagine agora? Não tenho previsão de voltar ao Brasil nem a passeio. Vou perder

datas importantes, vou deixar de participar da sua vida e você da minha. Aí um

hora você vai conhecer outra pessoa...

— Você está criando empecilhos! Sei que não é fácil, mas também sei o que estou sentindo. E quero saber se você sente o mesmo. — Parece que há pedras

de gelo na minha barriga.

— Eu adorei conhecer você. De verdade.

A falta de resposta já é uma resposta.

Parece que eu organizei o time, entrei em campo e... perdi.

— Mas é só isso, né? — constato.

— Estou muito em poligrafo com o que estou vivendo aqui. Pode ser a melhor oportunidade profissional da minha vida, preciso dominar o espanhol, não andar bem no trabalho... Uma relação a distância não está nos meus planos.

Uma leve vertigem me acomete, e parece que vou desmaiar a qualquer momento. Logo percebo que são só lágrimas que querem descer com as chuvas

de janeiro. Com o meu tempo mudando tanto de uma viagem à outra? É para isso que a droga do Retorno de Saturno serve? Para desestabilizar as pessoas, fazer com que elas percam as pequenas e necessárias coisas? Eu achava que era feliz

com Sérgio! Por que conheci Henrique e cismei de ir atrás do tal amor verdadeiro? E se ele nunca existiu e apenas o inventamos para dar um pouco de sentido à nossa vida completamente sem sentido? Talvez o amor seja como as estrelas — só vemos o brilho dela. Alguém já viu uma de verdade?

— Hora de ir embora. — Eu me levanto.

— Não precisa ir embora assim. Tome um café comigo...

— Você é um homem que viaja bastante, deve ter muitas companhias para tomar café da manhã.

— Não fale assim. — Ele se levanta. — Sabe que foi especial para mim.

Tudo o que aconteceu foi real. Só estão os desencontrados no tempo.

O celular dele toca novamente.

— Cara, você é bem rápido nisso.

— Era você que estava num relacionamento sério há algum tempo, não é?

Déborah — Henrique fala um pouco mais sério.

Não vale a pena acusá-lo de nada, muito menos explicar sobre minha antiga relação. Fiz o que pude: ofereci meu amor, e ele não quis. As estrelas me ferraram, e me apaixonei por alguém indisponível.

Digo a Henrique que é melhor eu ir embora a fim de guardarmos boas lembranças um do outro. Junto minhas coisas e os cacos da minha alma e saio do

apartamento batendo o pé para não levar nem um pelo daquele homem. Mas foi

em vão. Ele todo está em mim e se derrama nas lágrimas que caem quando ainda estou no elevador.

Saio do prédio às pressas e entro no primeiro táxi que encontro. Penso em ir embora hoje mesmo ou, quem sabe, tentar me divertir um pouco. Mas outra ideia me invade. Peço ao taxista que me leve ao hotel onde Saphira trabalha.

O recepcionista do hotel me olha com uma expressão de susto instantânea com piedade ao avisar que Saphira acabou de deixar o trabalho. Com o trabalho de noite, só voltará daqui a dois dias. Até lá meu corpo já estará bem adiantado no processo de decomposição. A causa do óbito, claro, será desidratação.

Peço um copo de água na recepção e me sento no sofá. O que farei depois daqui?

O rapaz que está no balcão se aproxima com uma bandeja e um copo

d'água. Fico me perguntando para que tanta cerimônia com quem nem é hóspede. Bastava me vender um a garrafinha.

Vejo, então, um pedaço de papel junto ao copo. Pegoo junto com a água e levanto meu olhar ao rapaz, que me dá um piscadela. Rapidamente, ele dá-me a volta e assume o balcão.

No pedaço de papel está um endereço e as coordenadas do metrô para chegar ao local. Pode ser um local onde dopam turistas e coletam seus rins para serem vendidos no mercado negro, ou pode ser que me droguem para que eu viva com o uma prostituta, assim como na novela. Sinceramente, nada me parece

tão assustador quanto o fora que acabei de levar.

Levanto-me e saio do hotel com destino ao metrô.

Mais tarde, estou diante de uma pequena casa da periferia de Santiago. Adoraria ligar antes de aparecer sem avisar, mas a situação é caótica. Realmente preciso de ajuda, e não vem outra pessoa ao meu coração que não seja minha cigana.

— ¿Quién es?

A voz ecoa do interfone. Como explicar quem sou?

— *Soy Déborah, de Brasil. Yo estaba en el hotel donde trabajas.*

Como se diz “você leu minha mãe” em espanhol?

Então escuto o barulho do interfone batendo. Pela grade do pequeno portão, vejo alguém vindo em minha direção. Saphira se aproxima com cara de sono, abre o cadeado e os braços para mim. Será que ela sabia o que me esperava ou notou minha cara de choro?

Como se eu fosse uma velha amiga, ela me chama para entrar. Sua casa é

pequena e repleta de enfeites e fotografias. Entre soluções e palavras em espanhol e português, conto o que aconteceu.

— Traga suas coisas para *acá*. Não pode ficar sozinha num hotel.

— Não quero atrapalhar, im agina. Já agradeço por ter recebido um a estranha.

— *No, no! No és una desconocida*. Falei com você aquela noite porque de algum a form a j á te conhecia. Estava escrito que nos reencontraríamos.

Em bora a explicação de Saphira não faça sentido nenhum , a ideia de ficar sozinha no hotel m e consome. A casa dela é simples, mas me sinto acolhida.

Resolvo, então, pegar um táxi e buscar as minhas coisas.

Um a hora mais tarde, estou com minha pequena mala na sala de Saphira.

Almoçam os j á no fim da tarde, e logo a noite começa a cair.

A parte de trás da casa tem uma pequena área com uma vista incrível. Ajudo Saphira a recolher as roupas do varal, e nos sentamos em almofadas para ver as primeiras estrelas que surgem .

— O céu mudou mesmo... E me ferrou — digo.

— Nada é, tudo está — ela diz com calma. — Por isso o céu mudou.

— O que foi que você viu quando leu minha mãe?

— *Un corazón partió*. Exatamente igual a esse que vejo agora.

— Por que não me contou o que leu? Tinha que ter me contado!

— Se eu contasse, evitaria que conhecesse alguém diferente. Seu medo de se apaixonar era tanto que não iria terminar o outro namorado nunca.

Faz sentido. Se não fosse Henrique, estaria numa relação sem alma. E sem

corpo. Não faço ideia de com o tudo isso term inará, m as sinto que fiz o certo ao term inar e arriscar. Parece que a vida m e reservou um tem po para nam orar a m im m esm a.

— Quer que eu leia sua m ão agora? — ela pergunta, se esforçando para falar som ente em português.

— Adoraria saber quando essa dor vai passar, se vou encontrar um novo am or, se vou ganhar dinheiro... Mas acho que o m iserável desse Saturno está m e ensinando a aceitar as coisas.

— *Yo sabía...* Você não era dessas apegadas aos anéis.

— Mas tam bém não vou m e apegar a Saturno! Ainda bem que é depois de vinte e tantos anos que ele aparece — rio. — No dia em que eu não precisar, você lê a m inha m ão. Enquanto eu precisar, vou viver assum indo as m inhas escolhas.

— *Chica*, Saturno te fez m uito bem .

Adentram os a noite conversando sobre nossas vidas. Saphira m ostrou fotos de seu falecido m arido e da viagem que fez a um a cidade do Espírito Santo para conhecer a fam ília dele. Saphira chora por alguém que enterrou, e eu por alguém que preciso enterrar — ainda que estej a vivo.

“Posso escrever os versos m ais tristes esta noite”, diz um poem a de Pablo Neruda. Eu estou vivendo os versos m ais desgostosos da m inha vida nesta noite. Não vej o alternativa a não ser m e entregar a esses versos de tristeza antes de dorm ir.

*Então*

*recolhi*

*outra vez minha estrela,*

*com cuidado*

*a envolvi em um lenço*

*e mascarado entre a multidão*

*passei sem ser reconhecido.*

*Ode a uma estrela, Pablo Neruda*

**A primeira coisa que penso** quando acordo é no Henrique. Um peso cai sobre  
m eu peito.

Ontem m esm o estive na frente dele; o tive tão perto, tão disponível e  
palpável. Agora conto com a ideia de que nunca m ais irei vê-lo. Não foi um  
sim ples fora, foi um pé do Henrique, o hom em que m e fez sentir um a m ulher.  
O

único em vinte e nove anos.

Pego m eu celular, que está ao lado da cam a. Inúm eras m ensagens de Babi  
pedindo um sinal de vida com urgência. Não sei com o digitar com a alm a em  
pedaços. Apenas respondo que estou viva (será m esm o?) e que logo m ando  
detalhes.

Deixo o celular no chão e m e viro na cam a para outra sessão de choro sem  
pensam ento, raciocínio ou porquês. É apenas a tristeza que precisa sair.

Um cheiro de lavanda adentra o quarto assim que Saphira abre a porta.

— Alivia a depressão — diz em português quase perfeito. — Passei pela casa

inteira. Espero que ajude.

Ela se senta ao meu lado e passa a mão em meus cabelos enquanto choro.

Saphira não disse nada com o “não chore”, “ele não te merece”, “algo melhor te

espera” ou qualquer outro clichê. É apenas uma mulher entendendo o choro de outra.

Minha cabeça dói, e me levanto em busca dos remédios que tenho na mala.

Aproveito para tomar um banho, com qualquer coisa e conversar um pouco com Saphira, tentando ser uma boa hóspede. Infelizmente, minha dor não me faz

me interessar por mais nada.

Sei que estou numa cidade com vários lugares para conhecer, mas sair

perambulando por aí, tirar fotos e lotar o Facebook de selfies é a última coisa que

tenho disposição para fazer.

Vencida pela tristeza que me abate, deito na cama outra vez e adormeço.

Aquela voz alta e estridente falando em castelhano rompe um sono que durou um

dia e uma noite.

— Não precisa chorar tudo hoje, menina! Tem muitos lugares para passear

— Saphira, vestida de vermelho, diz enquanto puxa minha coberta e abre a cortina.

Permaneço imóvel, sem ter o que dizer.

— Sei que está ruim, mas aproveitar o presente é uma dádiva — ela

continua. — É melhor chorar pelas ruas do que na cama de uma cigana velha e

viúva.

— Parece que nunca mais vou voltar a sorrir.

— Se ficar nessa cama chorando, nunca vai mais andar — ela parece buscar as palavras certas — seu ponto de vista sobre o que está vivendo.

Dizem que quando não aprendem os o que é devido com a situação, a vivem os outras vezes até que a lição seja entendida. E eu não tenho mais dúvidas

de que Saturno está mais e fritando. Talvez seja mais o melhor mais e abrir ao que o universo

tem para mais e ensinar.

De alguma forma, aquela senhora cigana sabe como mais e instigar. Depois de horas cravada na cama, mais e arrumo e resolvo dar uma volta. Com o é mais e último

dia em Santiago, escolho passeios relativamente curtos e próximos.

Disposta a ver mais minha terrível situação de outro ângulo, vou a um dos lugares mais altos de Santiago, o Cerro San Cristóbal. Subo o enorme morro com dezenas

de turistas no funicular, uma espécie de bonde que nos deixa no lugar, cuja vista é realmente linda. Consigo ver a cidade e a cordilheira dos Andes ao fundo.

O céu está aberto, sem nuvens, e o sol brilha intensamente. Várias pessoas se exercitam e andam de bicicleta, mais e contagiando a cama inchar um pouco. Pouso meus olhos em diversas árvores, uma ao lado da outra, com as copas carregadas

de flores brancas e rosadas.

Nunca imaginei o céu com o um lugar fofo com o as nuvens. Meu céu tem

chão firme e, gram a verdinha e árvores floridas com o aquelas, cujas pétalas caem

e forram o chão onde pisamos.

— Sabe que árvore é essa? — pergunto ao senhor que passa ao meu lado.

— *Cerejas* — me responde o homem, sem interromper sua caminhada.

Imediatamente sou arrebatada por um poema de Pablo Neruda, o qual ele termina com o verso: *Quiero hacer contigo lo que la primavera haces con los cerezos.*

Meses atrás, eu passaria por essas cerejeiras e já me reconheceria uma, pois só as conhecia de ouvir falar. Nunca floresci, nunca passei por uma primavera. Nunca desejei alguém com o qual a primavera anseia por suas cerejeiras.

Não sei como, mas mesmo em meio à dor pude agradecer por cada segundo em que senti esse desejo de bem querer alguém. Não tem lógica isso, mas é o amor que dá aos que nos cura, não o que recebem os. Passei a vida inteira querendo recebê-lo com garantias e, somente quando o dei sem pensar nas consequências, pude perceber cerejeiras no caminho. Antes eu conhecia o poeta,

agora vivo sua poesia.

Saphira tem razão. Mudar de lugar nos permite mesmo enxergar a situação com um novo olhar. Há pouco, quase desidratei de chorar por ter amado e perdido. Neste instante choro por ter perdido tempo na vida sem amar. Busquei mais um namorado que um companheiro, quis mais estabilidade que uma relação verdadeira.

Hoje, de verdade, está tudo um a merda. Dói sempre que lembro que não deu certo. Mas ter ficado todas essas semanas anteriores sem pôr o pé no chão fez com que eu me sentisse mais desabrochada das mulheres. Sou com o um a cerejeira na primavera.

Pego o celular e faço um a selfie, a primavera desde que cheguei a Santiago.

As cerejeiras rosadas e eu; ao fundo, os Andes. A próxima foto de turista será em

La Chascona, uma das casas de Pablo Neruda, que está aqui perto.

Retorno à casa de Saphira no meio da tarde. Meu coração ainda está o mesmo, porém gosto do que vejo no espelho que fica logo na entrada de sua casa. Meu semblante aparenta um pouco mais de calma.

Saphira ainda está com o uniforme do trabalho, e deduzo que ela acabou de chegar. Com o dia andei mais trabalho do que gostaria, e é minha última noite, convido Saphira para jantar. Ela reluta, dizendo que está acostumada a servir, mas logo uso o infalível argumento de que, quando o universo nos oferece algo, não devem os recusar.

Uma hora depois, quando já estou arrumada e me ajeitada, Saphira aparece com os cabelos encaracolados e soltos, um a blusa preta com decote cigano, com as mangas caindo sobre os ombros. Seus olhos estão marcados por um lápis forte,

e os braços, adornados com dezenas de pulseiras. Não há dúvida: mesmo depois de experimentar os versos mais tristes na noite passada, minha cigana está poderosa.

Vamos ao bairro Lastarria, que tem um a aura artística com diversos museus,

centros culturais e livrarias. Restam os últimos minutos da luz do dia, e os restaurantes armam mesas nas calçadas. Caminho ao lado de Saphira com a cabeça baixa, a fim de que ela não perceba algumas lágrimas que me caem.

Embora o passeio esteja agradável, anoitecer me angustia porque sei o que é ter todas as luzes apagadas e confrontar você mesmo na escuridão. O medo

não saber lidar com as noites que me esperam em Belo Horizonte faz meu coração se agitar.

Sei que preciso interromper essa cadeia de pensamentos torturantes que só servem para me deixar para baixo. Ergo a cabeça, puxo o ar e solto com força.

Finalmente deixo de olhar somente para o chão e me concentro num telhado que

está bem à minha frente. Estam os na Plaza Mulato Gil de Castro, e num grande letreiro está escrito: *Hay mas futuro que pasado.*

Seguro a mão de Saphira e aponto a frase.

Está ali o conforto que tanto preciso. Certamente há muito mais futuro que passado. Ainda que eu tenha que enfrentar algumas noites, novos dias me esperam. A vida continua.

Mais uma vez estou sentada no aeroporto de Guarulhos esperando o voo que me levará de volta para Belo Horizonte.

Dormi durante todo o voo de Santiago a São Paulo, depois de acordar de madrugada e me despedir de Saphira, que chorou quando entrei no táxi.

Agradeço aos céus por terem me mandado alguém com o ela quando Saturno me

dá

trom badas de frente.

Confiro as horas no painel do saguão. Ainda faltam três longas horas de espera até m eu voo para Belo Horizonte. Prevendo que tanto tem po ocioso não m e faça bem , com pro duas revistas na livraria do aeroporto. Com o sei que m inha capacidade de raciocinar anda perto de zero, opto por tem as do m eu total

interesse e que não dem andem tanto esforço. Assim , folheio duas revistas dessas

que falam de com portam ento, dietas, cuidados com cabelos e m oda. Assum o: devoro as páginas destinadas às celebridades.

Assim que acabo a leitura, abro o notebook e acesso m eus colonistas, vulgo fofoqueiros, favoritos. Tantos dias sem ler os babados deixaram as notícias (entre m uitas aspas) acum uladas. Torço para que haj a fofocas o suficiente para m e m anter ocupada até a hora de em barcar.

Em quinze m inutos, j á sei quais artistas deram trabalho em bastidor de gravação e quem pegou quem num a badalada festa do Rio de Janeiro.

Abro o livro que com ecei a ler na viagem de ida. Em bora a personagem sej a cativante, nada prende m ais m inha atenção do que m inha própria tram a. Não tenho com o fugir da história e m e perm ito pensar no desfecho que o Chile m e reservou.

Se eu pudesse voltar no tem po, sabendo com o essa história term inaria, será que puxaria assunto com aquele m oreno? Por que, m eu Deus, fui dividir aquele táxi? E se eu não tivesse deixado m inha carteira de m otorista com ele, passaria

por toda essa crise de identidade?

Revivo cada minuto tentando achar o momento em que eu poderia ter feito diferente. Daria para evitar estar apaixonada?

Choro sem o menor constrangimento nas cadeiras do segundo andar do aeroporto.

Nada do que eu fizesse mudaria o que eu sinto; sem preceitos, ainda que secretamente, um amor que me fizesse sair de mim. Mas o medo de viver exatamente isso que estou vivendo me afastou desse desejo.

Agora, cá estou eu diante do vazio de que fugi a vida inteira. Não tenho alternativa a não ser suportá-lo.

Retiro minha mala da esteira da sala de desembarque de Confins. Dessa vez, ninguém me alertou sobre a possibilidade de eu estar na esteira errada nem me ajudou a tirar a bagagem.

O peso da mala não é nada se comparado ao que carrego no coração.

Caminho até a fila do ônibus disposta a enfrentar o tempo que for necessário.

Não me atrevo a me aproximar da fila do táxi ou aceitar qualquer proposta de rachar a corrida. Estou suficientemente dividida com o pedaço de mim que deixei com Henrique no Chile.

No dia seguinte, acordo no meu horário habitual, me arrumo e desço até a garagem do prédio. Ligo o rádio assim que entro no carro. A primeira música me

faz pensar em Henrique. Não há mais euforia da paixão nem aquele fio de esperança; ele não quer se envolver, e ouvi isso da boca dele. Choro um pouco a caminho do trabalho e peço ao céu que eu termine o dia diferente da maneira

que o com ecei.

Assim que chego ao clube, m eu celular dispara em cham adas insistentes, que recuso desde a prim eira. É m uito cedo para atender Kátia Flávia.

Desço do carro e dou de cara com ela na porta da m inha sala.

— Por que não m e surpreendo com você? — digo.

— Por que não m e atendeu? É im portante!

— Estava dirigindo. E com o conseguiu m eu celular?

— Isso é o de m enos. Vou precisar de um a assessora que tam bém sej a em presária, alguém com o você! — Ela pega a m inha m ão.

— Você sabe que só posso atender aos j ogadores e em assuntos relacionados ao clube.

— É bem m aior que isso, esquece esse clube que não sai da segunda!

Arregalo m eus olhos. O assunto deve ser realm ente significativo para um a torcedora tão louca com o ela ignorar o Taes.

— Não m e diga que está grávida? — arrisco.

— Não, tá louca? Com o serei capa de revista com barrigão? — Ela se aproxim a de m im e fala perto do m eu ouvido. — Vam os conversar na sua sala.

Ela está diferente. Não fala m ais com o quem pede, m as com o quem sabe o que tem a oferecer. Cam inho com ela até m inha pequena sala e fecho a porta.

— Esse fim de sem ana m udou a m inha vida! Foi tudo que pedi aos céus.

Tenho vontade de chorar, porque esse fim de sem ana arruinou a m inha vida com tudo que eu *não* pedi aos céus.

— Fui à tal festa e em quinze minutos o segurança me chamou para a área VIP, onde conheci o Rony ... — ela faz uma cara de feliz.

— Então, você conheceu o dono da festa, que bom !

— Eu dormi com ele, Déborah! Vou para o Rio de Janeiro amanhã para ficarmos juntos, acredita?

Estou boquiaberta. Para quem perder tempo com jogador de segunda divisão se em quinze minutos ela conquistou o Rony, um dos jogadores mais famosos, populares e promissores do momento.

— Hum, que bom para você, hein? Mas espero que não se apaixone. Sabe com o são os homens, ainda mais esses jogadores que têm um harém à disposição.

— Quem falou em apaixonar, Déborah? Eu sei o que quero e não preciso da opinião de ninguém para chegar lá. Quero que me arranje e me dê as oportunidades

de fazer dinheiro. Não vive enchendo meu saco para eu fazer faculdade? Se visse

onde me oro, me ajudaria mais.

— Apenas dezoito anos e já sabe o que quer...

— Mais que isso, sei o que posso! Não vou ser bonita para sempre e tenho pressa para arrumar a vida, comprar uma casa melhor para meus pais, fazer uma faculdade e viajar um pouco.

— Sei...

— Não me julgue — ela me interrompe. — Conheço a letra da música que inspirou meu nome e rezo na cartilha das arias-chuteiras mesmo. Não estou

pedindo para você ser minha amiga ou me dar conselhos, estou tendo uma conversa profissional com você.

Sem prelidei com questões pessoais e sexuais dos jogadores sem juízo de valor, mas, quando se trata das mulheres que os cercam, eu julgo. Sou uma vergonha ao feminino.

Nos últimos dias dei tanto de opinião que tentar um novo olhar também sobre a Kátia Flávia não faria mal. Prometi pensar e ligar assim que tivesse alguma resposta.

Encontro Babi na hora do almoço na churrasqueira mais deliciosa, cara e engordativa da região. Depois do fora, eu me ereço. Entre picanha e mozzarella, conto a trágica viagem ao Chile e as minhas crises de choro.

— Tudo o que quero é esquecer logo esse homem — digo antes de dar um gole na Coca-Cola.

— Sinto muito que tudo tenha dado nisso. Mesmo! Jurava que daria certo — Babi tenta me consolar. — Você se arrependeu de ter terminado com o Sérgio?

— Não — respondo calmamente. — Pelo menos para isso o Henrique prestou.

— Deixa as coisas se acalmarem também. Ainda está cedo para avaliar alguma coisa. Vai que ele muda de ideia, que é só um momento ruim?

— Para com isso, Babi. Não posso me iludir. Acabou! — Dou uma garfada na comida. — Preciso ocupar minha cabeça o máximo que conseguir.

— Então tenho uma notícia que pode ser um convite! — Babi se ajoelha na cadeira. — Estou fechando uma viagem para Cancún em novembro! Minha

prim a j á topou, vam os?

— Não sei se aguento passar por Confins de novo — lam ento. — Sério, não tenho um puto no bolso para isso. Me ferrei com essa viagem repentina, m as ano que vem talvez dê para ir.

— Já está tudo m arcado, Dedé. Quase nem durm o de em polgação por finalm ente fazer um a coisa interessante na vida!

— Que bom que você está feliz — falo, sem conseguir despistar m eu desânim o. — Ganham os quase o m esm o tanto, com o conseguii grana?

— Com os j obs de celebridades que tanto condenávam os na universidade.

— Ah, m as é tosc o m esm o! Você estudou quatro anos, é politizada, inteligente e se vende para revistas de fofocas.

— Mas você consom e essas fofocas! Não dá um a de j ornalista séria agora, não! Olha as coisas a que se subm ete nessa porcaria de clube, Déborah! Não é diferente de m im ! É trabalho, porra!

Quando ela se cala, tudo o que quero é chorar. Será que não tem com o o dia piorar?

— Melhor tirar o garfo da sua m ão. — É a única coisa que dou conta de dizer. A expressão dela suaviza um pouco.

— Espere até o garçom chegar com um espeto, m ocreia! — Rim os.

— Foi m al. Tô péssim a. Quebrada na grana e no am or.

— De boa, eu entendo. Mas sabe quando seus sonhos de universitária escoam pelo ralo e o que você tem é a realidade? Eu queria fazer editoriais fodas para grandes j ornais, m as não foi assim que a vida aconteceu. As fotos de ricos e

artistas são constantes... E os caras pagam bem e em dia. Preciso cuidar dos meus sonhos.

A gente luta (e foge da luta) por certos conceitos que não nos rendem nada.

Quase todos da minha idade já possuem uma certa grana, e ainda estou na mesmota, vestindo o terninho de uma empresa que é chefiada por um milionário

egocêntrico que usa camisas cujos botões vão estourar a qualquer minuto. Morro

de trabalhar para os sonhos das outras pessoas. E os meus sonhos?

A essa altura, eu nem sei se tenho algum plano, porque todos os que fiz nos últimos tempos eram com Sérgio ou Henrique. Eu sempre atreli meu futuro a

de outra pessoa.

Hora de descobrir como sonhar e realizar sozinha.

Uma ideia minha vem à cabeça.

— Pode-me passar os contatos desse pessoal de blog e revista de celebridade?

— peço para Babi.

Acho que estou mudando de opinião.

## 10

*Tomei a direção oeste,*

*rumo ao rio Verde,*

*que ali sob o arvoredor*

*flui sereno.*

*Ode a uma estrela, Pablo Neruda*

**Escuto a voz** da primeira-cobra assim que me e aproximado da minha sala. Tenho certeza de que roubei algum anel de Saturno para me oferecer a visita da peçonhenta

logo naquele dia.

— Oi, benzinho! Descansou bem nas férias?

— Querida, tudo bem? Deu para relaxar um pouco com as horas extras que tenho aqui.

— A gente precisou tanto de você nesse fim de semana!

— Aconteceu alguma coisa?

— Vai acontecer! Minhas bodas de prata com o Zé Jairo — ela diz, em polgada. — Consegue uma revista para a gente, Dedé. Vai ser uma festa tão linda...

— Vocês podem contratar alguém para fazer a assessoria de vocês — respondo, sem a minha maior paciência.

— Já tem o senhor, imagina! É quase da família, e faço questão da sua presença — ela contorna bem a situação. — Mas estamos gastando muito na festa, não podem contratar ninguém.

— Eu também estou apertada e não posso pegar trabalhos de graça. Sinto muito, dona Mariza. Fica para a próxima.

Eu já perdi tudo que me era importante, inclusive meu medo de perder. E daí se a família comear a me odiar? O máximo que pode acontecer é eu ser demitida, o que seria um favor. Neste momento, ligo o botão do foda-se.

— Ah, que pena! Mas eu entendo, Dedé. Vou esperar você na festa — ela faz

um a pausa e recom eça. — Outra coisa que quero conversar com você é sobre a

sua sala. A Hanna está precisando de um escritório para cuidar da carreira do marido...

— Ela pode vir quando quiser. Tiro minhas coisas da outra minha.

— Na verdade, Dedé, vamos precisar da sala inteira. Vai ter minha reunião com gente importante, e acho que vai ficar ruim para vocês duas. Acho que o melhor lugar para você será na saleta perto da academia, sabe?

A sala de tranqueiras e minhas arteriais de limpeza? Sei, sim. Não sei como vou entrar com minha lá, mas sei que é o lugar mais perto da saída, que passou a ser o meu destino favorito.

Ainda com a peçonhenta na sala, liguei para o pessoal dos serviços gerais e pedi ajuda para descer com as minhas coisas. Mariza insistiu que eu ficasse esta semana e me mudasse com calma, mas, já que está tudo na merda mesmo, descer um pouco mais não fará diferença.

Antes de ir embora, já estou instalada na minha nova sala (meio depósito).

Pego meu telefone e faço a ligação que pode mudar minha vida.

— Kátia Flávia? Oi! Vou me andar no seu e-mail um modelo de contrato. Pode vir aqui para conversarmos sobre algumas ideias?

Depois de trabalhar de graça várias vezes, aprendi a não fazer mais nada sem contrato. Tentei o lindo, importante, nobre e transformador caminho do jornalismo por anos. Com o só tive porta fechada na cara, vou tentar as janelas

que estão abertas.

Pre-pa-ra! Solta a buzina que estou entrando em cam po.

Ilhada na saleta nova, converso com m inha nova cliente até tarde da noite. Mais profissional im possível. Dou dicas de fotos para as m ídias sociais e algum as outras coisas, m as nosso trabalho só com eçará m esm o se a notícia vazã. E pelo

que conheço do estilo de vida de j ogadores e dos paparazzi do Rio, as chances são

altas.

Lancei a sorte.

A cam inho de casa, eu m e lem bro de com o era bom conversar com

Henrique. Certam ente, ele adoraria saber que a m usa do Taes está tendo um caso

com Rony e que, se Kátia Flávia ficar fam osa, eu serei a assessora de im prensa dela.

O fato é que não tenho ninguém para com entar m eu dia. Nam orados são

bons em cam uflar nosso sentim ento de solidão, e agora que j á não tenho nenhum

disfarce, m eu sentim ento de estar só estacionou bem à m inha frente e com um a

lente de aum ento.

Mas sei que tenho a m im m esm a, e um a ponta de tranquilidade surge. Sei que vai dar para recom eçar.

É véspera de fim de sem ana pós-Chile, e tento inventar com prom issos para não ter tem po de pensar. Cogito até a ideia de levar m inha prim a pequena ao parque

de diversões, mas já me sinto num ambiente desconhecido. Em uma hora

me sinto bem e acho que tudo vai passar, noutra acho que estou condenada a gostar de Henrique pelo resto da minha miserável existência. Juro a mim mesma que, se eu sentir outra pontada no coração, vou atrás de um cardiologista.

Aproveito uma pequena folga no trabalho para buscar vagas de emprego.

Faço cadastro em dezenas de sites na esperança de dar o fora do clube o mais rápido possível.

— Hora de espionar as fofocas do dia... — digo, com um sorriso nos lábios.

Abro uma nova aba e cliço num botão entre os favoritos: meu colunaista de fofocas que nunca mente.

Sinto-me congelada e ao mesmo tempo queimando por dentro com a manchete da primeira notícia do blog.

## RONY CIRCULA PELO RIO DE JANEIRO DE MÃOS DADAS COM LOIRA

Depois de cumprir no Brasil a agenda de eventos de uma grande marca esportiva, Rony Bravo se hospedou num mansão na Barra da Tijuca para alguns dias de folga. Engana-se quem pensa que as pequenas férias seriam regadas a pagode, bebidas e mulheres. O camisa 10 de um dos maiores clubes espanhóis não convocou seus amigos para badalações, mas circulou abraçado e de mãos dadas com uma misteriosa loira. Na noite de ontem, o casal foi visto numa badalada churrascaria da Barra, na companhia do funkeiro Nego Gato e de mais dois amigos. Segundo quem estava no local, o

jogador não escondeu o clima de romance com a loira, que — disseram e podem os ver pela foto — é linda e bem jovem .

Procurada pela coluna, a assessoria do jogador informou que não comenta sua vida pessoal e que ele deve se reapresentar ao clube espanhol nos próximos dias.

Lá estava a minha Kátia Flávia num vestido florido curto ao lado do Rony.

Pego o celular quase que instantaneamente e ligo para Kátia Flávia.

— Tá podendo conversar?

— Tô sozinha na piscina, pode falar.

— Com o assim o jogador mais badalado do momento te leva para jantar num lugar movimentado e não te esconde?

— Com o você sabe disso?

— Porque você está na minha coluna de fofocas favorita!

Afasto o celular do ouvido para não ficar surda com o gritinho fino de Kátia

Flávia, que dispara a falar sobre como ele a trata bem, como os amigos deles são

legais e quais os famosos que já conheceu.

— Ainda bem que tenho passaporte! Ele tem que se apresentar no clube em breve, e acho que vou junto.

— Então está ficando sério? — pergunto.

— Claro que não, Déborah! Parece até que não conhece homem. Ele deve ter outras por lá, por isso tenho que aproveitar cada segundo.

Sinto um punhal atravessar meu peito quando ouço “ele deve ter outras lá”.

Tenho ânsia de vom ito ao pensar em Henrique abraçando outra. Com o fui ingênua em acreditar que poderia ficar com ele! De fato, eu não conheço o mundo dos homens.

— Você acha que ele vai ligar se vazarem sua identidade?

— Nada! Ele é um fofo! Até perguntou no que eu queria trabalhar para ver se podia ajudar em alguma coisa.

Sinal verde! Até que o tal de Rony não é tosco com os seus demônios caros e se importa um pouco. E, se ele quisesse discrição, não apresentaria Kátia Flávia aos amigos nem passearia de motozinha dada pela Barra.

Hora de ligar para o repórter mais fofo e linguarudo que conheço: Léo Frias. Enquanto faço a chamada, penso que minha vizinha tem razão ao dizer que nada é por acaso. Por causa do trabalho quase filantrópico que fiz no show do idiota do Tavinho, tenho uma listagem com pleto de jornalistas do entretenimento.

— Léo? É a Déborah, que fez a assessoria do show do Tavinho no Taes — digo quando ele atende o celular. — Tenho uma novidade...

— Oi, gata! Já estou com papel e caneta na mão — ele responde, mostrando euforia.

Eu não fazia ideia de que pessoas que delatam babados podem ganhar alguns trocados ou mesmo os dos colonistas. Léo é bem legal comigo e me descola um troquinho por eu ter passado tudo sobre o novo affair de Rony : quem é, com o se conheceram e os planos de irem à Europa juntos. Kátia Flávia não se importa de

eu ficar com o dinheiro, já que a quantia é bem pequena e ela está feliz da vida

de ter centenas de seguidores a mim no Instagram. Aliás, na descrição do perfil já está o e-mail que criamos e o número de um telefone pré-pago que com

preço

há pouco.

Muitos jornalistas ligam querendo entrevistá-la, mas eu mandando a clássica resposta: “Não comento a vida pessoal da modelo”. No fim do dia, contabilizo mais de vinte matérias e notinhas sobre o novo caso de Rony. Para completar, recebo um e-mail todo em português da Hanna com o título “Você não

vai acreditar!”, mais o link da matéria no corpo da mensagem. Enquanto ela vem

com o café, já estou voltando com a castanha.

À noite, quando estou em casa, recebo uma ligação de uma produtora de um shopping popular de BH interessada na presença de Kátia Flávia.

— É um desfile de moda primavera-verão. Já está tudo fechado, mas vim os que a Kátia é daqui, e seria legal ter alguém da cidade.

Tento sair fora por não achar o evento muito refinado. Além disso, ela está vivendo um conto de fadas no Rio.

— Oferecem os dez mil reais para cinco entradas no desfile.

E não faz nem vinte e quatro horas que o nome da menina apareceu nos sites de fofocas! Com a Kátia Flávia não pode me pagar para assessorá-la, com binamos trinta por cento de tudo que ela faturar. Três mil reais na minha conta me fariam absurdamente feliz, com o meu pequena indenização por danos

matéria da porcaria da viagem ao Chile. (Dá para aproveitar as estrelas pelos

danos sentim entais?) Assum o que no com eço não dava m uita bola para o plano de Kátia Flávia, j á que não fazia ideia do dinheiro que rola no m undo das celebridades. Tudo bem que ela é linda e tem um corpão, m as dez m il reais é m uito m ais do que m uita gente ganha por m ês. Isso só para dar cinco voltinhas na passarela e porque tá pegando um j ogador fam oso.

Peço os contatos da produtora e aviso que dou um a posição am anã. Ligo para a m inha Godiva do Iraj á (com o diz na canção) e dou a notícia j á com o aparelho longe do ouvido. Ela quer aceitar na hora, m as aconselho que converse com Rony antes.

Desligo e entro no banho em seguida, im aginando que am anã cedo ela deve m e telefonar com algum a resposta. Assim que abro o chuveiro, escuto m eu celular disparar no quarto. Saio do boxe e vou atender a ligação, j á sabendo que é

um sim de Kátia Flávia.

— Ele disse que está feliz por m im e posso ir num a boa — ela atropela as palavras. — Só preciso voltar ao Rio no m esm o dia à noite. Vou com ele para a Espanha, acredita?

Prevej o cachê em euro! Que sorte a dessa m enina, e que sorte a m inha por estar na hora certa e no lugar certo! É, talvez nada sej a por acaso. Se eu não estivesse nesse em prego terrível, o destino encontraria outro assessor de im prensa. Talvez eu faça *mesmo* um a visita à m inha vizinha.

Aproveito que ninguém frequenta a salinha de m aterial de lim peza para trabalhar

em meus projetos. Redij o um contrato para o desfile e fecho tudo com a produtora — inclusive um voo para Kátia Flávia voltar ao Rio no mesmo dia.

Claro, também aviso a alguns veículos que Kátia Flávia estará num desfile em BH e ao repórter Léo Frias que ela embarcará para a Espanha à noite.

Nunca vi um shopping tão cheio quanto nesta tarde. Há outras celebridades para desfilar, porém a mais assediada é Kátia Flávia, muito bem instruída e não comente nada sobre sua vida particular. Ela é só sorrisos e sempre patia com o público, quase um a rainha-shopping-pop.

No fim do evento, ainda ganham os brindes das lojas que participaram do desfile. Saio com dezenas de cartões de empresários interessados em ter Kátia Flávia em catálogos de moda. Um sujeito dá um adeus bobo e insinua a possibilidade de um encontro pago com a namorada de Rony. Nessa hora, me

bate um desânimo por me transformar de assessora de imprensa em cafetina, mas me lembro da conversa que tive com Babi. E grana para os meus sonhos? Além do mais, já fiz cada coisa degradante no clube que aguentar um idiota ou outro se torna fácil.

Paro no aeroporto e deixo Kátia Flávia, que foi durante todo o trajeto atualizando suas mídias sociais.

— Mesmo que tenha sido só hoje, essa história já valeu.

— Tá louca, Déborah, estamos os dois comendo. Não sei quanto tempo ficarei lá, mas sei que não é para sempre. Pode encher minha agenda e o meu cofrinho.

Ela me dá um abraço de despedida e desce do carro.

— Até o final do ano — relem bro m eu prazo para m udar m inha vida profissional.

Foram quinze dias de passeios luxuosos e clim a de rom ance em público. Mas Rony não resistiu a outra loira que assistiu ao treino e visitou o vestiário para fotos. Por m ais que Kátia Flávia saiba o que quer, não segurou a onda e está se m andando da Espanha, depois de ter aparecido em diversos sites de fofocas estrangeiros. Am anã de m anã ela desem barca no Brasil com um a certa fam a.

A caixa de e-m ails enche a cada segundo com propostas de entrevistas, eventos, fotos e, claro, com algum as ofensas de fãs de Rony e hom ens interessados em acom panhantes.

Dar conta do Taes e da dem anda da Kátia Flávia m e faz acordar m ais cedo e ir dorm ir m ais tarde. Para aguentar o tranco, m alho no clube no fim do expediente. Dim as quase sem pre aparece por lá no m esm o horário com a m esm a desculpa de “não dar m ole e fortalecer o j oelho”.

Num a m anã, sou cham ada no RH da em presa. A cam inho de lá, sonho com algum aum ento, j á que o sindicato com o qual contribuo sem pre negocia um reaj uste anual.

— É um a advertência, Déborah — m e avisa a m oça de voz tím ida. — Sinto m uito, m as terá que assinar este docum ento.

— Ah, que m erda — digo, ao ler o papel. — Acham que estou relapsa no m eu trabalho?

— Acho que eles não gostaram das folgas que tirou nas últim as sem anas.

— Mas m eu banco de horas estava nas alturas! Eu que não deveria gostar de

trabalhar fora do horário!

— Ai, Dedé, não com esta, mas eles descobriram que você está ajudando a Kátia Flávia... — Ela faz uma expressão sofrida. — Sabe com o eles são.

Ficaram nervosos.

Nervosa é pouco diante da minha vontade de cometer um homicídio qualificado. Nunca assinei nem ocorrência no colégio, agora tenho que assinar advertência com o se fosse criança? E ainda colocam a pobre da minha ocincha do RH

para fazer isso, por que não falam diretamente comigo? Assino a porcaria do papel e saio pisando duro da sala.

Mesmo com trabalho a fazer, ligo para o sindicato para uma consulta sobre os meus direitos. Por alto, encontrei algumas irregularidades, com o desvio de função, condições inadequadas de trabalho (eu trabalho no depósito de limpeza!),

falta de pagamento de horas extras diferenciadas (os jogos costumam ser nos fins de semana ou terminam tarde da noite), além de não acompanharem o piso

salarial. Sou ódio por dentro e, para não explodir, vou me alhar durante o expediente mesmo, louca para que alguém venha me chamar a atenção.

Depois de me orrer na esteira e de almoçar no clube, volto ao trabalho já planejando um futuro pedido de demissão. Minha meta é conseguir diversos eventos para Kátia Flávia e me fazer andar no fim do ano. Talvez eu nem esteja aqui

no Natal. Para isso, assumo estratégias mais agressivas com minha cliente.

Antes, eu respondia e-mails, passava orçamento e esperava resposta. Então, com o objetivo de correr atrás de contratantes. Ligo para Léo (meu amigo de infância), que me passa alguns contatos. O mais quente deles é de um site bem famoso de fotos sensuais; toda participante de reality show posa para o portal assim que sai do confinamento. O cachê é legalzinho, mas o melhor é a produção

incrível e a visibilidade do site. O único problema será alcançá-la nas fotos no

Rio de Janeiro.

Será que é hora de chutar o balde? Se eu sair daqui, talvez fique com mais disposição de conseguir clientes ou um novo emprego. Acesso minha conta bancária e volto à vida real. Não tenho quase nada na poupança para correr tais riscos. Mais uma vez, me sinto no banquinho do meu clube de conforto.

Sabendo que irei tomar outra advertência (ou ser demitida, quem sabe), em barco

com Kátia Flávia para a sessão de fotos. Na noite anterior, fiquei até tarde com ela numa loja de roupas, onde consegui uma parceria para divulgar a marca, bastando que ela publique fotos com as roupas em suas mídias sociais.

Fico realmente impressionada com o que um bom cabeleireiro e maquiador conseguem fazer. Kátia Flávia está absurdamente linda para as fotos, que serão disponibilizadas on-line na segunda-feira.

No fim do dia, vamos para Curitiba, onde Kátia Flávia faz presença VIP numa feira de produtos de cosméticos. Enquanto ela tira foto no estande que a contratou, rodo os bastidores atrás de novos eventos.

Kátia Flávia é bonita, conseguiu aparecer por sair com um cara famoso no mundo inteiro, mas só é conhecida por foto. Se as pessoas vissem com ela é sim pática e simples, certamente teria mais fãs e, com isso, mais contratantes e cachês mais altos.

Procuro um produtor de uma das várias equipes de TV que cobrem o evento e consigo o telefone de um pesquisador de um programa de variedades. Arranjo um cantinho mais silencioso e fico alguns minutos articulando uma pauta, mas não gosto do tom com que querem entrevistá-la, fazendo-a expor a intimidade de

Rony. Volto para o estande um pouco chateada, pedindo aos céus uma oportunidade boa para Kátia Flávia.

— Você sumiu — ela diz quando me vê. — Consegui uma produção aqui no estande para você. Os produtos são ótimos, e vamos ganhar brindes — ela diz com o quem realmente vestiu a camisa da empresa de cosméticos.

— Pode arrasar aí, querida. Estou morta e só penso em me sentar.

— Então senta na cadeira do pesquisador! Hoje é sábado, depois daqui vamos sair! Vamos lindas para o Rony ver o que perdeu — ela alfineta.

Será que Henrique também sabe o que perdeu ou nem se lembra mais mim ?

— De uma coisa tenho certeza, você não perdeu nada! — Sorrio. — Sua agenda está cheia, e estou trabalhando para lotá-la.

— Sem pre soube que um dia isso iria acontecer! Estava escrito que trabalharíamos juntas.

Já estou farta desse papo de “estava escrito”, e me fico curiosa.

— Por que acha isso?

— Porque sem pre tive fé — ela responde de um a vez.

Talvez esse sej a o requisito para se beneficiar do que está escrito nas estrelas.

Com o andar bonita não faz m al a ninguém , e m inha autoestim a foi

destroçada por um terremoto chileno, sento-me na cadeira do m aquiador.

Trinta

m inutos depois, sou outra m ulher, estilo capa de revista. Pego o celular e peço para baterem um a foto. Fiquei tão gata que troco a m inha im agem de perfil no Facebook

A primeira curtida que a foto recebe é de um nome que m e esforço para esquecer. Henrique Rodrigues parece ter gostado da m aquiagem .

Volto para casa destruída num voo de Curitiba para Confins. Devia ter bebido um pouco m enos na noite anterior (ou um pouco m ais para apagar de vez no avião).

A saga da semana seria dar um jeito de viajar m ais um a vez para acom panhar

Kátia Flávia num a sessão de fotos para um a confecção de pij am as e cam isolas

ou conseguir alguém para ir em m eu lugar, já que m eu banco de horas do clube

está baixo, e m inha batata, assando.

Na segunda, chego ao Taes e estaciono m eu carro ao lado da enorme cam inhonete de Zé Jairo — a família está aqui hoje. Quando entro, dou de cara com um com unicado pregado nas dependências do clube, e um está estrategicamente afixado na porta da saleta de limpeza onde trabalho. A partir

de

novem bro (que com eça nesta sem ana), os colaboradores que desejarem usar a

academia do clube terão um valor simbólico descontado do salário. É o que faltava!

Ligo-me eu com putador e me preparo para mais um dia daqueles. Dou aquela fuçadinha básica no Facebook e vejo o que Hanna postou o link do novo site de Tavinho. Com o gosto de me divertir (e sentir vergonha alheia) pela manhã, entro

no site e tenho aquela sensação de déjà-vu. Os textos do site são todos tirados dos releases que fiz para divulgar aquela porcaria de show. Vou aos créditos da página e consta o nome e daquela sobrinha sabe-nada de dona Mariza. Juro que sinto um atremedeira de tamanha raiva. Ter trabalhado de graça passou, mas não

ter meu nome citado nos créditos é demais.

Que se danem as contas e me deixe de ficar sem emprego. Faço faxina se precisar, mas não vou mais me desvalorizar para esse bando de imbecis. Além do mais, depois de tudo que consegui para Kátia Flávia, eu não ficaria sem emprego. Parece que é a primeira vez que acredito na minha própria capacidade.

Caminho com passos firmes até a sala da presidência. Bato na porta e sou atendida por dona Mariza.

— Bom dia, florzinha!

— Me chame de Déborah, dona Mariza. Podem os conversar? — Entro e me

sento na frente de Zé Jairo.

— Estam os um pouco ocupados — ela se apressa em dizer.

— Não vai levar mais que cinco minutos. O tempo que levei para assinar a advertência.

— Ah, querida, não se abale com isso, foi uma medida disciplinar que não te atrapalhará em nada.

— Não sou sua querida — digo firme em ente. — E não vim falar sobre isso.

Vim tratar dos meus direitos autorais do texto do site do seu gênero, que fiz acumulando função e sem receber um centavo. Também quero falar de desvio de função, visto que fiz inúmeros trabalhos que não são de jornalista, como o meu em uma reunião de dirigentes, das horas extras dos fins de semana, dos adicionais noturnos e das condições de trabalho que me oferecem. Acho até que meu rinite piorou com o cheiro de desinfetantes.

Eles se entreolham e se mantêm em silêncio. Zé Jairo respira com o um porco, e dona Mariza assume a conversa.

— O que você quer — ela faz uma pausa —, Déborah?

Melhor assim : lidar com cobra vendo o chocalho dela.

— Ser demitida com todos os meus direitos. Deixo para trás todas essas irregularidades. Posso ficar até quarta, quando acaba o mês.

— Estam os no meio do campeonato, Déborah! Vamos ser campeões e voltar para a série A — Zé Jairo fala, quase engasgando.

— Acorda! Não vai subir porque o time tá um amarrado. Você não investe em contratações porque tem medo de ganhar e encarar os times da série A. Está

bom para vocês serem um grande na série B. E não ligo a mim, nunca fui torcedora. Resumindo: estou igual a vocês, pensando em mim mesma.

— Calma, Dedé, não precisa falar assim — Zé Jairo arrumou um botão da camisa. — Você está com a gente há tanto tempo...

— Proposta aceita, Déborah — dona Mariza corta o marido. — Pode ir cuidar da sua vida. Vou pedir ao RH que faça o termo de rescisão.

— Com todos os meus direitos. — Levanto-me. — Fico até quarta, caso queira trazer sua sobrinha para outro treinamento. E no fim do expediente vou usar a academia. Este mês ainda vale, né?

Viro as costas e vou até o RH para que não haja atraso no meu termo de rescisão. Depois de assinado, tiro uma foto e mando para Babi, Zol e meus pais no WhatsApp.

A caminho de casa, passo no mercado e compro um espumante. Hoje é dia de comemorar!

## II

*Peguei a estrela da noite fria*

*e suavemente*

*lancei-a sobre as águas.*

*Ode a uma estrela, Pablo Neruda*

**Como é meu último dia** oficialmente em pregada, bate um desespero pelo dia seguinte. Passo a manhã de quarta-feira ao telefone com a produção de um

programa de TV e com produtores de evento. Mantenho a calma controlando a respiração e digo a mim mesma que eu conseguirei me sustentar com meu

esforço.

As fotos de Kátia Flávia para o badalado portal vão de vento em popa, o que a deixa animada para mais ensaios. No meio da manhã, recebo a ligação que tanto espero: finalmente um programa de televisão de rede nacional convidou Kátia Flávia para um desses games de tarde de sábado. O trato foi apenas mostrar algumas fotos publicadas na imprensa internacional, ela comentar que Rony é ótima pessoa, mas que agora está solteira. Pronto! Nada de baixaria e de contar intimidades na TV.

Com o meu último dia, com bino de almôçar com Kátia Flávia na deliciosa churrascaria perto do clube, já que pode ser que eu não volte lá tão cedo.

— Nem sei como te agradecer por tudo... É a minha assessora do mundo!

— Ela mexe no cabelo quando percebe que estão olhando para ela. — E confesso que fiquei mais do que feliz quando soube que sairia do Taes. Vai poder se dedicar mais a mim!

— Deixa comigo... É nosso interesse brilhar. Aqui... Você tem algum sonho?

Ser atriz, entrar em algum reality show...

— Jamais! Não levo jeito para essas coisas! Tenho vontade de ser modelo fitness, fazer umas fotos de vez em quando... Mas sonho mesmo em me casar, e ter filhos.

— Engraçado ouvir isso de uma mulher que dormiu com um dos jogadores mais famosos do mundo.

— Ser o mais famoso do mundo não é nada... O jogador de quem eu gosto

m esm o é tão sim ples, tão especial... — Ela espeta um coraçãozinho. — Pena que m eu m enino voou para São Paulo.

— Não vai m e dizer que gosta do Diguinho? — Arregalo os olhos. — Que babado, nunca desconfiei.

— É o hom em da m inha vida, m as param os de conversar desde que ele se m udou. Era m uito galinha, ficava deslum brado com qualquer viagem que fazia.

Prefiro nem dar corda ao assunto. Diguinho não é m á pessoa, m as ainda é um m enino com fom e de bola e de m undo. É natural que queira viver (e fotografar) as novidades.

— Um a hora dá certo. Form am um belo casal.

— Ah, nem sei m ais. Estávam os j untos desde os treze anos, e tudo desandou quando ele com eçou a ganhar dinheiro. Agora, então... Nem sei com o ele está.

— Ela fica com o olhar perdido e seu pensam ento voa por alguns m inutos. — Sabe quem pagava pau para você?

— Pagava pau para m im ? Não, não sei.

— O Diguinho m e dizia que o Dim as te achava sexy, com esse j eito sério de longe e sorridente de perto.

— Eu sou assim ? De um j eito de longe e de outro de perto?

— É, sim ! Um am or de pessoa, m as bem fechada.

— Peraí. O Dim as m e acha bacana? Puta que pariu, j á m e im aginei com ele na banheira m il vezes. — Quando dou por m im j á tinha contado m inha fantasia

m ais secreta a um a m enina de dezoito anos.

— Depois das seis você não será mais funcionária do Taes... — Minha Godiva do Irajá me ensina a lição.

Depois de me despedir dos colegas, tirar fotos e detonar um bolo surpresa, junto as minhas coisas e limpo o computador.

No final do dia, do nada, o céu fecha, e um temporal desaba, amenizando o calor. Com o expediente já acabou, visto minha roupa de ginástica e vou à academia. É até bom que dou um tempo para não dirigir debaixo de tanta água.

Antes que eu suba na esteira, diminuo a adrenalinha, encharcado da cabeça

aos pés.

— Olha que só andei do estacionamento até aqui — ele brinca.

— Vai malhar assim? Melhor se secar antes. Deve ter uniforme e para você lá no vestiário.

— Bateu um frio. Acho que vou tomar banho e ver se me animo a malhar depois.

Diminuo + banho + vestiário. Que combinação explosiva, meu Deus. Depois de tudo que passei nesse clube e do que venho sofrendo com o fora do Henrique, talvez tenha me tornado merecedora de... chegar um pouquinho perto de uma fantasia.

— Não sou mais funcionária do Taes — digo com o um a mulher que sabe o que quer.

— Eu sei... Por que acha que saí debaixo de chuva para vir aqui? — Ele ri e se aproxima de mim. — É minha última chance com a moça da assessoria de

im prensa... Sem pre tão séria...

— Só de longe — respondo, m ordendo o lábio. — O vestiário está aberto, m as sei onde fica a chave para trancá-lo. Por que não espera lá?

Ele passa a m ão na m inha nuca, puxa m eu cabelo de leve e m e dá um beij o rápido. Sei que Dim as não é o que m eu coração precisa, m as é o que m eu ego (e

m eu corpo!) quer. Descobrir que não é só Henrique que pode m e fazer sentir um a m ulher dese j ada funciona com o um a inj eção de autoestim a.

Arrepiada da cabeça aos pés, corro até o quadro de chaves e pego a do vestiário sem ninguém ver. Chego lá e escuto o barulho de um a banheira enchendo. Será que ele leu m eus pensam entos, ou m elhor, m inhas fantasias?

Tem com o ficar m ais perfeito?

Fecho a porta e a tranco. A m elhor despedida da m inha vida com eça agora.

Rindo de orelha a orelha, saio da cam a cedo no m eu prim eiro dia de autônom a.

Mando um áudio para Babi contando a noite bafônica que tive.

— Dim as é *realmente* dem ais — term ino a gravação rindo sozinha.

Depois de reviver a noite m entalm ente, ligo o com putador e m e concentro nos trabalhos. Com o alguns contratantes têm pedido nota fiscal para o pagam ento, passo o dia separando a docum entação para levar ao contador que m eu pai m e indicou. Acho que será um a boa hora para pensar em ter um a em presa de verdade, e não só depender de pessoas j urídicas para dar notas.

No sábado, em barco para São Paulo para a participação ao vivo de Kátia

Flávia no program a. É im possível pisar nessa cidade sem im aginar Henrique

passeando por lá. Antes de me entregar à saudade, foco na oportunidade que tenho de conhecer os bastidores de uma grande emissora. Sento-me na plateia e

assisto ao programa boquiaberto com a desenvoltura de Kátia Flávia, que foi muito espontânea.

As ligações não param de pipocar no sábado mesmo, dentre elas, há talvez uma mais promissora. Mais tarde, quando estamos no hotel, pego uma garrafa de

champanhe e duas taças.

— Minha Godiva de Beagá! — Estouro a rolha. — Minha independência profissional e financeira! E, claro, agora minha amiga... A minha antiga revista masculina do país ligou. Querem uma capa para a edição de Natal.

— Ahhhhh — ela solta um de seus habituais gritinhos. — Isso é sério?

— Seríssimo. Tem certeza de que quer posar nua? É um caminho sem volta.

— Desde que me garantam que seja de bom gosto, é claro! Aqui... Falaram de valores?

— Superficialmente. Amanhã você vai almoçar sozinha por aqui enquanto me encontro com os caras. Estão com pressa por causa do prazo, e me arcam com a reunião para domingo mesmo. — Levo a taça à minha boca. — Mas pulam os dez para uma centena!

O mês de novembro voa com dezenas de compromissos e viagens. A sorte parece finalmente sorrir para mim: o que já ganhei nesse trabalho louco equivale

ao que ganhava em um ano com o contratada do Taes. Também recebi meu

acerto, que me deu mais calma para tocar a vida com o um profissional liberal.

Agora, com a capa da revista, as coisas irão melhorar. Os cachês das revistas masculinas já não são altos como antes, mas as conseguimos com uma quantia legal, acrescida de uma pequena porcentagem no valor de cada exemplar vendido. Meu plano é fazer de tudo para vender o máximo o que conseguirmos, com eventos e entrevistas.

Entre uma viagem e outra, consigo acompanhar o Campeonato Brasileiro. Aos poucos, desvencilho minha paixão pelo clube da minha paixão por

Henrique. É como se eu estivesse recolhendo os cacos e me refazendo numa versão mais evoluída.

Às vezes, consigo falar pelo telefone com Saphira, que é sempre cheia de vida e de bons conselhos.

— Estou esperando seu regresso ao Chile — ela diz.

— É mais fácil você vir do que eu voltar... Não vejo o Chile no meu futuro nunca mais.

— Não consegue ver um palmo à frente do nariz! Essa fase só vai durar até você amarrar e ser amarrado de novo. Está no seu céu.

Como não entendo quase nada de céu, trato de agitar as coisas na terra. Junto com o marketing da publicação, agendamos a festa de lançamento do ensaio de Kátia Flávia em São Paulo e as sessões de autógrafos em quatro cidades.

Finalmente a revista chega às bancas num ensaio baseado, por ideia minha, no clipe da música Kátia Flávia (claro!). Com a Lady Godiva que inspirou o

autor da música, a nossa louraça belzebu tam bém posou nua num cavalo branco e em outros locais do Rio, recriando a boate do Irajá, um a balada fictícia dos anos 80.

Na segunda quinzena de dezembro, com em oram os os bons resultados das vendas e a agenda lotada de trabalhos. Com o fim do ano se aproximando, penso no que realmente quero para a minha vida. Sei que ainda não tenho outros clientes, mas não quero ficar o resto dela com o assessoria da Kátia Flávia. Com medo de me esconder, com o aconteceu no Taes, com único a ela minha decisão

de encaminhá-la a outro profissional.

— Ninguém é com o você — ela choraminga. — Quer aumentar sua porcentagem ?

— Não! E não vai fazer isso com seu próximo o em presário, hein? Nada de ser explorada agora que é famosa. — Eu a abraço. — Vamos ao meu contato, só não

tenho mais pique para o meu mundo das celebridades. Prometo sair somente quando

achar um em presário de verdade para você!

É a primeira vez que me sinto um a mulher mais velha que Kátia Flávia, sem preta tão segura nas decisões e no amor. Enfim, volto a ter vinte e nove anos, e

ela quase dezenove. No fundo, sou eternamente grata pela minha Godiva não ter

desistido de mim. Por causa dela, quebrei preconceitos, aprendi a ser mais profissional, me tornei séria de longe e sempre sorridente.

Talvez eu também pudesse dar um aforcinha num outro sonho dela.

Aproveitei um evento de fim de ano de um aforpresa em São Paulo e convido o meu eia-esquerda do time paulista que levou o Campeonato Brasileiro neste ano para almoçar comigo. Meu moleque Diguinho agora se veste melhor,

usa cordão de ouro e anda de carro importado.

— Quem diria, hein? Da série B para dono do título da série A! — exclamo.

— E de assessora do Tães para empresária da capa do mês — ele fala com certa raiva. — E da ex do Rony. Não fui só eu quem udei.

— Ela não mudou quase nada. Está mais feliz, com dinheiro, mais continua a me esmamarça de sempre. Por que não liga para ela?

— Vocês, mulheres, fofocam muito — ele diz, sorridente.

— E vocês homens não, né? — Lembromede do comentário de Dimas a meu respeito e chego a sentir um calafrio. — Vamos em bora amanhã para Belo Horizonte. — Anoto num papel o nome do hotel onde estamos e passo para ele. Só até amanhã.

Encerro nosso almoço rapidamente, para que dê tempo de ele me ordenar a isca e procurar Kátia Flávia. Passo o resto do dia no quarto do hotel, procurando escritórios que possam agenciar a Godiva de Beagá.

Alguns dias depois do Natal, em barco com Kátia Flávia para Itacaré, na Bahia, para nosso último compromisso juntas. Um megaescritório vai agenciá-la e até

já conseguiu patrocínio para torná-la uma musa fitness. Babi, que está se dando cada vez melhor com as fotos (a ponto de chegar de Cancún e me arcar

passagem

para a Bahia), tam bém está com a gente. Sinto que passar o Ano-Novo na praia m e dará aquela energia para os novos proj etos. A região está cheia de hom ens lindos, e por causa da nossa celebridade, conseguimos os entrar nos m elhores lugares da cidade. Nossas saídas noturnas acabam rendendo algum as trocas — de olhares, telefones e beij os.

O evento em que Kátia Flávia faz presença VIP é de um prom otor de eventos que fechou a área de festas do hotel m ais chique da região, com direito a um espaço da praia. Passam os a virada com os pés descalços na areia. Enquanto m uitos se esprem em para pular as fam osas ondinhas ou j ogar flores ao m ar, eu

apenas olho para o céu em busca da m inha estrela. Faço m eus votos para o ano vindouro e dou um a piscadinha para o céu.

Volto ao m eu quarto com o dia j á clareando, depois de nos acabarm os de dançar ao som de um a banda de axé. Antes de tom ar um banho, confiro as ligações no m eu celular. Dentre as dos núm eros conhecidos, está um a de um núm ero estranho, com o se a ligação fosse internacional. Abro as várias m ensagens do WhatsApp, e lá está a prim eira surpresa do ano.

HE NRIQUE : Feliz Ano-Novo, Dedé! Muita saúde e sucesso! Espero ter m ais sorte na próxim a vez que eu ligar. Mande notícias! Beij os com saudade.

Um sorriso se abre involuntariam ente em m eu rosto, m as é m elhor não m e em polgar com hom ens indisponíveis. Fecho a tela, deixo o celular na cam a e sigo

para o banho.

Ano novo, meu bem, realmente pede vida nova.

Mal retorno a Belo Horizonte e recomendo meu trabalho. Não é porque tenho um

poupança gorda que posso ficar à toa. Contrato um designer para criar um logotipo e um site para a DeSol Com unicacão, uma variaão do meu nome e Déborah Zolini (inspirada no apelido Zol de meu irmão) e na principal estrela do

nosso sistema: o Sol. Tudo bem que Saturno tem meu arcado meus presença, mas

estrelas sem pre estiveram em meu coraçã. Traço meus planos para prospectar clientes e, com o fiz um grande trabalho na área esportiva, opto por divulgar meu

trabalho entre clubes, atletas e em presas que vendem artigos esportivos.

Dias depois de eu me andar dezenas de e-mails e fazer várias ligaões, o dono de uma grande escola de futebol me liga, agendando uma reunião. Tendo realizado o diagnóstico e visto as necessidades dele, elaboro um plano de unicacão com preto, com site, gerenciam ento de imagem, eventos,

journalzinho e assessoria de imprensa. Depois de redigir o e-mail com minha proposta, fico tentada a anexar a ideia que sonhei para o Taes assim que entrei lá.

Sei que o dono da escolinha não me procurou para um projeto social, mas senti que deveria confiar na minha intuição, com o meu am minha cigana Saphira.

No fim do dia, recebo a ligação de Viriato, o dono da escolinha e meu primeiro cliente fixo. Consegui em placar todos os serviços com um contrato de um ano. Finalmente, volto a ter renda e a trabalhar com o que eu amo. É a

oportunidade que tanto queria! Assim que desligo, rebolo até o chão e dou uns pulinhos frenéticos. Agora é me preparar para trabalhar duro e conquistar novos clientes.

No dia seguinte, vou à escolinha assinar o contrato e estipular algum as datas.

Assim que entro na sala de Viriato, dou de cara com um sujeito bem , mas bem bacana mesmo. Ele é claro, quase loiro e muito bem vestido. E um sorriso, meu

pai, de fazer qualquer um a querer beijá-lo.

— Este é Guilherm e, Déborah — Viriato nos apresenta. — Ele também é em presário e investe em alguns projetos sociais e em ONGs.

Quase nem consigo prestar atenção no que ele diz de tanta emoção. Sem pretive minhas ideias recusadas e até me enosprezadas no meu antigo emprego.

Agora tenho dois em presários discutindo a viabilidade da minha proposta. Sinto-me um amulher-adulta-profissional-competente.

## 12

*E não me surpreendeu*

*notar que se afastava*

*como peixe insolúvel*

*movendo*

*na noite do rio*

*seu corpo de diamante.*

*Ode a uma estrela, Pablo Neruda*

**Estou trabalhando arduamente** no meu site e no site do meu novo cliente num tarde ensolarada quando recebo uma ligação que me desconcentra. Guilherm e

m e convida para ir ao cinema à noite. Sei que pode pegar um pouco m al  
m isturar as coisas, m as não tenho um a relação profissional direta com ele. E j  
á

estou há tanto tem po sem m e envolver com alguém ... Digo que sim e pronto!

Depois de m eses, finalm ente tenho um encontro!

O filme escolhido por ele é ótimo, e saímos para comer algo em seguida.

Não m e canso de olhar para aquela boca linda. Com o será beijá-la?

O toque do celular corta o clima da conversa. Ele pede licença e atende um a  
ligação. Só m e falta outro homem enrolado.

— Desculpe, precisei atender. — Ele retorna à mesa. — Estou fechando um  
camarote no estádio. O Campeonato Mineiro já vai começar, meu time vai  
disputar a Libertadores de novo, e quero garantir um espaço.

— Não m e diga que torce para o meu time e que eu? — falo eufórica  
nom e do meu time, e ele assente. Um apaixonado com um talvez seja o prim  
eiro

passo para construir um amor.

Mais tarde, quando ele m e deixa em casa, m e despeço rapidamente e saio do  
carro, sem aquele clima beijar ou não beijar. Estou cansada de estragar as coisas  
com minha carência, e tenho meu muita coisa para fazer amanhã.

Definitivamente, estou m e colocando em primeiro lugar.

Acordar ao som de berros é uma atividade costumeira na minha casa. Tal com  
o

as fases da lua, a relação dos meus pais é completamente pirada e inconstante.

Pelo que consegui ouvir, o motivo da briga é dinheiro.

— Se tivesse se controlado, não teria feito filha fora do casamento e não teria nos colocado nessa situação.

Blá-blá-blá. O mesmo disco toca há vinte anos. De fato, a situação financeira da minha família não é das melhores, especialmente porque nos desfizem os de

um imóvel e porque o meu pai paga pensão. Mas o que está feito está feito, e não

preciso mais do dinheiro deles. Dividir o mesmo teto é só uma questão de tempo.

À tarde, Zol e eu vamos a uma reunião no partido político a que ele é filiado.

Os dirigentes estão apostando no nome dele para reforçar a legenda e resolveram investir em uma únicação. Ofereço meu trabalho ao partido a um preço razoável, esperando trabalhar mais ativamente (e ganhando mais) durante

a campanha eleitoral. Saio da sede com Zol e me segurando para não darmos os pulos.

— Vamos comer um quilo de sorvete para comemorar! Por minha conta! Meu Deus, nem acredito! É meu segundo cliente fixo, nem sabia que eu podia tanto!

— E eu serei mesmo o candidato! Até que enfim chegou minha hora.

— Vamos em placar você, tenha certeza! Vou estudar marketing político desde agora.

— Você está conseguindo uma grana boa, né?

— Não estou mais. Mas também não posso relaxar. — Sinto minha feição pesar. — Na verdade, estou tensa por trabalhar em casa. Amamos nossos pais, mas as

conviver com eles é terrível.

— Já pensou num escritório com partilhado?

— Só penso em m orar sozinha, Zol! Você não?

— Não m e estresse com nossos pais com o você. E agora, j untando dinheiro para a cam panha, então... Tenho outros planos para este ano.

— Não sei se estou pronta para sair de casa.

— Você vivia dizendo isso do seu outro em prego, m as foi lá e peitou a cobra.

— Ele olha para m im . — Ninguém nunca vai estar. Por isso que falam que quando der m edo a gente deve ir assim m esm o. Não foi o que com binam os?

— Exato! Foi o que com binam os: parar de ser cagões.

Continuam os a cam inho da sorveteria que frequentam os desde que eram os crianças. No traj eto, passo em frente à porta do hotel onde Henrique se hospedou. Meu pensam ento voa até ele, e sim plesm ente não dói com o antes. Foi

incrível, m as foi só um a história que vivi. Com certeza virão outras.

Passar o dia trabalhando em casa m e deixa m ais ávida por m orar sozinha e ter tudo do m eu j eito.

Abro um a nova aba na página da internet e parto para buscas de apartam ento de três quartos em regiões onde sem pre quis m orar. Tudo absurdam ente caro.

Refino a busca para dois quartos e por valor.

Terei que contar som ente com o m eu dinheiro, j á que m eus pais não podem m e ajudar. Penso na outra filha do m eu pai, a quem nunca cham ei de irm ã. Ou

de m eia-irm ã. Por im posição de nossa m ãe, Zol e eu nunca tivemos os contato

com

ela. Acho que a vi apenas um as quatro vezes na vida, e ainda assim casualmente.

Mas tenho certeza: eu a reconhecera em qualquer lugar do mundo.

Assim, vou até a universidade onde Zol disse que a viu no prédio de arquitetura. Com ela o mês de fevereiro e, com ele, as aulas. O que sinto é mais

que curiosidade: é vontade de tirar minhas próprias conclusões, de me libertar do

controle da minha mãe. Talvez seja este o primeiro passo para eu sair de casa: deixar a minha casa sair de mim antes.

Caminho nas imediações do prédio e espero o fim da aula. Se Marcela tem vinte anos, ela não deve estar além do quarto ou quinto período. Fico na ronda até o sinal tocar e aquele mundo de gente invadir o corredor.

A primeira menina a sair da sala do quarto período tem cabelo escuro com mechas loiras nas pontas. Meu Deus, com o nariz parecem os! Não tem com o negar nosso parentesco. Ela anda rapidamente pelos corredores, conversando com as pessoas e segurando alguma coisa nas mãos. Chego mais perto e noto que

ela está abordando os colegas com uma enorme vasilha cheia de bombons.

Sem perceber, Marcela, assim como a mãe, era folgada e encostada no esforço alheio. Tudo bem que ainda não conheço, mas vai que minha mãe-

irmã é superlegal e eu perdi todo esse tempo? Sem perceber, me aproximo e ainda

mais dela, que veste um baby look branco com o escudo do nosso time e

estam pado no lado esquerdo. Tenho vontade de chorar por não tê-la abraçado nas

vitórias nem suportado as derrotas ao seu lado. Será que ela já sofreu por amor?

Será que tem namorado, ou é virgem? Com o será a voz dela?

De repente, em segundos, ela se vira e dá de cara comigo.

— Se tiver um com recheio de nozes, vou querer. — É a única coisa

simpática que consigo dizer.

Será que ela me reconhece? Talvez minha abordagem tenha sido péssima.

Melhor era nem ter saído de casa. Vai que a menina me ignora ou me trata mal?

Então ela se aproxima, tira da vasilha um bom-bom em brulhado em papel

laminação vermelho e me entrega.

— Pode ficar, faço questão! — Ela realmente sabe quem eu sou.

— Obrigada. Será que posso retribuir com um almoço num restaurante aqui perto do campus?

— Hoje? — Ela contrai os lábios. — Só preciso terminar de vender os bom-bons. Muita gente com pra depois do almoço.

— Fico com os que restam! Vou visitar uns clientes, e será gentil entregar um doce — me into. Eu mesma detonaria os bom-bons à tarde.

Ela sorri sem graça, mas aceita a oferta. Marcela me parece ser simpática e esforçada, e sua reação comigo foi o que mais me impressionou: sem ressentimentos ou resistência.

— Se importa se eu chamar meu irmão... quer dizer, nosso irmão, para almoçar com a gente? Ele fica no DA antes de ir dar aula numa escola aqui

perto.

— De jeito algum, vou adorar! Ele é bem popular por aqui.

— E será o nosso candidato a vereador!

Vamos até meu carro, com o amigos que acabaram de se conhecer, mas engrenaram um bom papo. Logo nos encontramos com Zol, e com o meu irmão

quase perfeita, almoçamos juntos.

A notícia da minha aproximação de Marcela deixa meu pai bem -humorado a ponto de fazer churrasco durante a semana. Quem anda de cara feia é minha mãe, achando que foi traída. Conversar escondido com a minha própria irmã e viver sob a interferência de minha mãe definitivamente não é o que quero para minha vida. Sei que, enquanto eu viver na casa dos meus pais, terei que me submeter à loucura dos dois.

Mesmo com medo, sigo adiante nas buscas por um lugar. Durante as últimas semanas, pesquiso apartamento, casa, barracão, quitinete para comprar ou alugar. Equilibro o tempo entre minha ansiedade de sair de casa, meus dois clientes,

busca por mais trabalho e os beijos (vários!) esporádicos que dou em Guilherme.

Não nos vemos com tanta frequência por causa do nosso ritmo e porque não estou desesperada por um namorado. Acho que agora dou tempo para despertar um sentimento sincero e construir uma história.

Numa manhã ensolarada de Carnaval, encontro com minha vizinha zen na portaria.

— Nem parece que m oram os no m esm o prédio! — falo. — Estou para te procurar há m eses.

— Mesm o? É porque deveria ser hoj e o dia de nos encontrarm os, querida. Não adianta im por nosso tem po ao universo.

— Tenho certeza disso — suspiro. — E as novidades?

— Tudo na m esm a, a não ser a m udança definitiva do m eu filho para a Austrália. Ele ficou indo e vindo, m as agora a esposa vai ganhar neném e ele vai m udar de vez. Ele fica só até vender o apartam ento. Menina, o lugar é ótim o, m as nenhum com prador dá certo.

Dizem que, quando o discípulo está pronto, o m estre aparece. Talvez tam bém sej a assim para im óveis. No m esm o dia, fui conhecer um apartam ento de sessenta e cinco m etros quadrados, não tão grande, m as com três quartos, sendo um deles suíte, um banheiro social, cozinha, área de serviço e vaga na garagem em um prédio de quatro andares, sem elevador e sem porteiro vinte e quatro horas, reduzindo o preço do condom ínio. A rua é tranquila, e há ônibus para diversas regiões da cidade na rua de trás. Eu sim plesm ente m e vej o no apartam ento, trabalhando no quarto da direita, vendo televisão no quarto do m eio

e dorm indo no do fundo. É para ser m eu, eu sei.

Faço m il contas antes de dorm ir. Juntando tudo que ganhei na vida, consigo pagar m etade do valor à vista e financiar o resto, ainda sobrando um trocado para m óveis e um a reserva para em ergências.

Tiro fotos e m ando para Saphira, que sente as boas energias do local. Cheia de ideias, sugere cores para eu pintar as paredes e algum as plantas, cristais e

m andalas. Com o m inha cigana sem pre pede com j eito, acho bom fazer.

Contrariando a regra de que am or de Carnaval não sobe serra, procuro o gerente do m eu banco depois da Quarta-Feira de Cinzas. Dou entrada nos papéis do financiam ento e na docum entação da venda. Faço e refaço contas. É hora de m e desapegar do carro que m e deu tão boas lem branças. A vida m uda, e nossas

necessidades tam bém . Com o trabalho em casa, o carro j á não tem tanta im portância.

No dia de deixar m eu carro (e dias antes de pegar as chaves do m eu apartam ento), passo na igrej a do bairro Santa Efigênia, que tem um belo j ardim

aberto para oração. Poucos raios de sol filtram pelos ram os que cobrem parte do j ardim . O lugar é silencioso e está vazio, perfeito para interiorização.

— Eu recebo a m im m esm a do j eito que sou — digo em voz baixa. — Serei fiel a m im m esm a, ainda que apaixonada por outra pessoa. Eu m e com prom eto

a m e fazer feliz em vez de esperar felicidade de outras pessoas. Prom eto cuidar dos m eus sonhos com o m esm o zelo com que cuidarei dos m eus filhos. Eu m e perdo por fugir de m im m esm a e dos m eus sonhos por m edo e por com odism o.

— Lim po um a lágrim a e recupero o fôlego. — De Déborah para Déborah, eu prom eto estar aqui para viver inúm eros m om entos históricos por todos os dias da

m inha vida.

Finalm ente conheço as lágrim as de alegria derram adas em casam entos. Não

porque assisto a um , m as porque estou participando de um . Enfim , eu vivo um grande am or.

Saio dali e entro no m eu carro pela últim a vez.

De um a vez por todas entendo o que Saphira quis dizer com “fazer as m alas para viver um grande am or”. Desfiz-m e do velho, organizei o novo e m e m udei

para dentro de m im ; certam ente a história de am or m ais duradoura que viverei.

Abro a tem porada de com em oração rum o aos m eus trinta com um open house

no m eu apê. Com o ainda não tenho m uitos m óveis, peço que cada um traga sua

bebida e um banquinho para sentar.

O prim eiro côm odo que m ontei foi o escritório. Guilherm e m e aj udou a pregar algum as coisas e a pintar algum as paredes. Depois, organizei o quarto (com cam a de casal, pois a esperança é a últim a que m orre), a cozinha e o banheiro. Outro dia instalei o fogão, e j á consigo fazer m inha própria com ida. Dia após dia a casa fica m ais bonita.

Kátia Flávia não pôde ir à festa, m as prom eteu m e visitar na prim eira folga da agenda dela e de Diguinho. O nam oro vai m uito bem , m as longe dos holofotes. Nesse caso não entrou nenhum planej am ento de m arketing ou j ogada de em presário.

Meu irm ão vem acom panhado de um a m enina com estilo roqueira. Tenho a im pressão de tê-la visto nas im agens do m eu irm ão quase sendo preso quando

subia nos arcos de Santa Tereza. Acho m elhor não com entar nada, pois dois em polgados por m anifestação j untos podem transform ar m inha festa num com ício.

— A Marcela chegou com o gelo — Babi anuncia na porta da cozinha. —

Finalm ente!

Minha irm ã e eu ainda estam os nos conhecendo, m as nossa relação vai m uito bem . Não fico m ais pesarosa de ter perdido grande parte de sua vida; m e concentro no que virá e no quanto poderei aj udá-la em seu Retorno de Saturno. Com o é em polgante ter um a irm ã m ais nova!

— Esse interfone não toca, cara! — Babi m ostra o real m otivo da sua falta de paciência: um cara que ela conheceu na academ ia.

— A festa está só com eçando, seu carinha vai chegar! — falo. — Sabe o que tem os que fazer até eles chegarem ? Nos divertir! Enche o copo e aum enta o volum e.

— Boa... O problem a é deles em perder a nossa festa. — Erguem os os copos e brindam os.

Guilherm e aparece m ais tarde com um conj unto de j antar lindo. Do lado de dentro da caixa, ele deixou um bilhete que dizia: “Espero j antar com você m uitas noites”. Abro um sorriso ao ler o cartão e retribuo com um beij o.

Logo a casa se enche da alegria dos m eus am igos. O sol vai em bora, e um a ilum inada noite de verão surge no céu. Pego m eu celular para tirar a prim eira foto de um céu estrelado visto do m eu apartam ento. Encosto no parapeito da j anela da área de serviço e m e recordo da m enina de quase quinze anos atrás,

com um bocado de m ágoa e m uitos sonhos no coração.

— Vou te dar um upgrade, estrelinha! Agora será a estrela-dos-m eus-trinta-anos. E quanto a você, Saturno... — Encho m eus pulm ões. — Obrigada por tudo.

Por m ais difícil que possa parecer, volte sem pre.

Pego o celular e tiro a foto. No m esm o instante, chega um a m ensagem no m eu celular.

HE NRIQUE : Oi, Déborah! Quanto tem po!

Estou no Brasil e estarei em Belo Horizonte nas próxim as sem anas.

Não é nada relacionado ao trabalho; irei apenas para revê-la.

Estará por aí? Me diga que sim .

Beij os com saudade.

Talvez as estrelas tenham a hora certa de se alinhar. Ou talvez Henrique estej a atrasado dem ais. O tem po dirá.

Fecho a j anela da conversa e m e preparo para voltar à m inha festa. Lanço m eu últim o olhar àquele lindo céu de estrelas.

Não há dúvidas de que m eu céu irá m udar e de que tudo pode acontecer. Mas tenho garantia de um a coisa: da m inha própria capacidade de superação.

### **Catorze anos depois**

**Minha imagem no espelho** corta m inha série de pensam entos sobre com o cheguei até aqui. Im possível não ver a vida com o um film e num dia com o este.

Sei que não sou perfeita, m as quem precisa ser quando se tem certeza de que

é am ado? Pouco im portam as rugas dos m eus quase quarenta e quatro anos e m eus braços um tanto flácidos.

Confiro o coque e a m aquiagem feitos pelos profissionais que contratei.

— Valeu o preço pago — falo baixinho, feliz por ter conseguido arcar com todas as despesas com m eu próprio esforço.

O vestido de renda até o j oelho na cor pérola fecha em m eu corpo com precisão. Com prei-o na Espanha durante m inhas últimas férias, num a folga que

tive na conturbada agenda do m eu escritório de assessoria de com unicação. E pensar que quando nam orei um m édico, há m uitos anos, acreditei que nunca teria dinheiro para bancar sozinha o vestido e a festa. Muito tem po atrás, ouvi dizer que Sérgio se casou com um a colega de profissão, m as se separou pouco tem po depois. A pobre m édica, certo dia, voltou m ais cedo de um plantão e o flagrou com um a bailarina de dança do ventre. Dizem as m ás línguas que a m oça que rebojava os quadris para Sérgio era um pouco nariguda. De fato, poucas são as pessoas que correm os riscos de seus desej os. A m aioria se m antém no clube do conforto.

O contato com j ogadores de futebol, com um sertanej o arrocha-ostentação e, claro, o caso Kátia Flávia m e tornaram conhecida entre j ornalistas e prom otos de eventos. Depois da escolinha de futebol, que ganhou um im portante prêm io de reconhecim ento social, e da cam panha vitoriosa de Zol, que se elegeu com o um dos vereadores m ais bem votados, os clientes não pararam de chegar. Um a casa de espetáculos de BH m e contratou para fazer a assessoria de todos os eventos. Assim , conheci dezenas de artistas, produtores,

em presários da música e do teatro. A coisa engrenou.

Agora tenho minha sala, dois jornalistas, um designer, uma secretária, uma estagiária e uma carteira de clientes. Neste momento, dei folga a quase todos eles pelo brilhante e exaustivo trabalho que rendeu a eleição do novo prefeito de Belo Horizonte, Zol. Depois de passar pela Câmara Municipal e pela Assembleia

de Minas com ótima atuação, meu irmão não acreditou que poderia fazer mais pela

população da capital e se candidatou. Os anos passam, e ele ainda mantém a empolgação daquele menino que me fez imitar um cachorro eletrocutado na porta da reitoria. Em anos de vida pública, Zol nunca teve uma prestação de contas rejeitada, além de somar dezenas de bons projetos de lei aprovados.

Casou-se uma vez, separou, foi morar com outra, separou de novo e agora está com uma nova namorada. Falam em morar juntos, mas, com algumas coisas não

moram, achei melhor que ele ficasse no altar com Babi (porque algumas coisas

não moram).

Babi é minha parceira no trabalho, assumindo as fotos de diversos clientes e eventos que produzo quando está no Brasil. Isso porque conheceu um argentino em uma de suas viagens, e estão juntos há uns bons anos. Cada um mantém o trabalho em seu país, e por isso o casal tem namorada em BH e em Buenos Aires. As casas deles são repletas de fotos de viagens a lugares do mundo de que nunca tinha ouvido falar.

— Estam os na hora — aquela voz alta com sotaque castelhano invade o quarto.

— Quem diria que eu estaria aqui de novo, m inha Saphira!

— O seu céu sem pre disse que voltaria! Um a vez para aprender a am ar e a outra para celebrar o am or. O bom casam ento sem pre precede um casam ento com a gente m esm o. — Ela pisca o olho para m im . — Sem pre soube que o am or

a esperava, m inha querida.

— Ou eu esperava por ele. — Dou-lhe um abraço. — Vej a só nós duas!

Estam os lindas! — digo enquanto nos vem os no espelho.

— Essa sua cigana j á está m eio velha, né?

— Mas nunca deixou de ser a m inha cigana!

Percebo alegria nos olhos de Saphira. A m esm a de quando, anos atrás, ela foi ao Brasil com o m inha convidada. Foi quando aprendi que ganhar dinheiro com o

fruto do nosso trabalho tem sentido quando ele é usado para prom over sonhos e contato entre as pessoas. Levei-a de volta à cidade de seu falecido m arido e lhe m ostrei o Rio de Janeiro. Nossa am izade é diferente de todos os outros vínculos que tem os: usam os poucas palavras e nos entendem os m uito.

— Vou esperar você lá em baixo — disse Saphira.

Ela sai do quarto, e eu cam inho até a j anela. É um lindo fim de tarde em Isla Negra, cidade próxim a a Santiago, no Chile, num a prim avera que, eu sei, será inesquecível. Rezo para que a noite sej a estrelada, m as, se por acaso as estrelas não surgirem , farei m eu pedido assim m esm o.

— Mam ãe, que horas a gente vai entrar?

A voz do m eu pequeno Pablo, de oito anos, ecoa no quarto, m e enchendo de energia. Atrás dele está Clarice, m inha filha m ais nova, com cara de sono e agarrada à boneca. Sento-m e na poltrona branca do quarto e abraço Pablo, que se achega prim eiro ao m eu colo.

— Agora m esm o, querido — digo, adm irando seus olhos, idênticos aos do pai. — Já conheceu a casa do seu xará?

— Ele tinha um a coleção de borboletas, m ãe!

Com m eu outro braço, envolvo Clarice, que cam inha devagar, e a coloco no m eu colo.

— Daqui a pouco não aguento m ais te carregar, filha! E aí? Gostou do passeio na casa de Pablo Neruda?

Clarice acena que sim com a cabeça, m as tenho a im pressão de que ela vai gostar m ais de visitar algum a exposição sobre a Clarice Lispector. Batizar m eus filhos com o nom e dos m eus autores favoritos foi ideia do m eu m arido, que tam bém aprecia a obra dos dois escritores.

Coloco Clarice no chão e dou um a m ão a ela e a outra a Pablo. Saím os do quarto do hotel, descem os o elevador e entram os no carro que nos espera na porta. Em cinco m inutos, estou em um a das casas de Pablo Neruda, de frente para o oceano Pacífico. A fundação que adm inistra suas casas cedeu, depois de m uita insistência, o espaço para um a rápida cerim ônia de renovação de votos de

casam ento. Depois dali, seguirem os para o restaurante do hotel onde estam os hospedados.

Cerca de vinte pessoas, entre amigos e parentes, estão na parte externa da casa.

— A senhora se importa se eu tirar uma foto? — uma moça bem jovem que trabalha na casa de Pablo Neruda pergunta.

— Não, pode tirar. Vai postar em algum lugar? — responde a assessora de imprensa louca por controle de imagem e informação.

— Não, é só para mim. Quero me casar um dia, e vou juntando ideias. — Seus olhos brilham avisando que virá uma lágrima. — Para quando aparecer um amor e eu tiver condições.

Sorriso e me aproximou dela, puxando-a para um abraço. Eu queria poder dizer-lhe algo que fizesse algum sentido durante a espera, mas, quando se trata de

amor, quase nenhum conselho vale. Penso em dizer “cuidado com Saturno”, mas

sei que no momento certo ela irá descobrir por si só o que será o seu retorno.

A música com eles, e nossos filhos entram de mãos dadas no lugar que escolhem os para a cerimônia. Noto o olhar coruja de meus pais sobre eles. Sim,

eles continuam juntos na saúde e na doença (às vezes um pouco mais na doença que na saúde). Mas verdade seja dita: eles se tornaram excelentes avós, daqueles

que não faltam a nenhuma apresentação da escola. Dizem que tem po cura tudo, mas não foi ele que fechou as feridas do meu coração. Recebo cada gesto de amor que meu pai e minha mãe têm com meus filhos com o um a dem

onstração

de am or por m im , com o se ser avós fosse a chance que a vida deu a eles de se redim irem de algum as faltas. Agora que sou m ãe tam bém conto que a vida m e

dê oportunidade de ser avó para m e redim ir de m inhas (inevitáveis) falhas com m eus filhos.

O filho de Marcela veio com Zol e está no prim eiro banco, louco para brincar com Clarice. Minha (inteira) irm ã ficou com o m arido no Brasil, j á que está para dar à luz seu segundo filho.

No centro, está ele: a razão de eu viver num a prim a vera. Quem nunca foi desfolhado num rigoroso outono não sabe reconhecer um a prim a vera. Precisei desestruturar a m im m esm a num a louca paixão para, enfim , estar aberta ao am or.

Henrique reapareceu na época do m eu aniversário. Daquela vez sem a desculpa da carteira de m otorista, e eu sem crise de identidade. Ele investiu todos os fins de sem ana de suas férias no Brasil em viagens a Belo Horizonte. Fui, finalm ente,

sincera sobre estar saindo com outra pessoa e não fiquei com ele nenhum a outra vez. Tudo bem que ele continuava um m oreno tentação, m as seu efeito em m im

j á não era o m esm o, não só porque m e m agoei com ele, m as porque não era m ais um a m enina carente e desesperada por um nam orado que a salvasse da própria casa.

As férias dele chegaram ao fim , e Henrique precisou voltar ao Chile. Dias

depois, recebo um e-mail que mudou a minha vida, e ainda sei de cor.

Querida Déborah,

Certa vez, um sujeito no alto de um prédio roubou uma estrela do céu e a escondeu em seu bolso. Com o impossível conter o brilho de uma estrela, os raios dela romperam o colchão e acordaram toda a vizinhança. Constatando que é impossível controlar o incontrolável, o rapaz jogou a estrela no rio, que passa a flutuar com o um dia ante pelas águas.

A história é do poema *Ode a uma estrela*, de Pablo Neruda. É impossível não conhecer um pouco mais de sua obra morando aqui, e esse texto merece a atenção.

Não há um dia sequer que eu não me lembre das suas palavras aqui em Santiago. Foram as mais lindas que já ouvi na vida. Passei todo esse tempo fingindo que fiz a coisa certa ao dizer que estava focado no meu momento. Hoje vejo o que tive medo, com o cara que roubou a estrela. Gostar de alguém e deixá-la brilhar no alto, lá longe, dá-me um certo receio. Não quis abrir minha vida com uma coisa que eu levava e me placar algo novo a distância, especialmente por alguém que havia saído de um relacionamento pouco tempo antes e com certeza algum assunto.

Acho que me agoei depois de ter me agitado com você. Não podem os voltar no tempo e mudar o que passou, mas sinceramente acredito que podem os desculpar e recomendar. Sem

expectativas, sem cobranças e sem ressentimentos. Refazer tudo com o se fosse a primeira vez.

Para isso, sugiro voltar de onde param os. Seguem anexos os bilhetes de Confins a Santiago para o próximo fim de semana.

Ficarei muito feliz se vier e nos der um a chance. Caso não venha, vou entender com o um a resposta definitiva de sua parte.

Vou esperá-la no aeroporto. Na verdade, estou esperando-a desde agora.

*Henrique*

Somente alguém que eu conheci no céu pode acertar o meu poema favorito. Quando conhecem os as cicatrizes do outro, fica mais fácil perdoar e seguir adiante.

Embarquei para Santiago sem me lembrar da experiência anterior, disposta a construir outras memórias. A melhor delas, certamente, foi o sorriso de Henrique

me esperando no saguão.

Mantivemos um namorado a distância por vários meses, até que ele resolveu abrir seu próprio escritório de auditoria contábil em Belo Horizonte (tive uma ligeira influência na escolha do local). De lá para cá, passamos pelo noivado, casamos, filhos e diversas reviravoltas no céu.

A moça da casa de Pablo Neruda me olha emocionada. Está na hora de eu entrar

e renovar meus votos.

Caminho com passos firmes e lentos até meu amor. Nós nos aproximamos e

dam os as m ãos.

— Você continua linda — Henrique diz ao m eu ouvido antes de m e beij ar a bochecha.

Dam os as boas-vindas aos presentes, recitam os alguns poem as e renovam os nossos votos. Pablo entrega a aliança ao pai, e Clarice, a m im .

Aperto a m ão do m eu m arido e sinto m eu coração pulsar acelerado com o na vez em que nos casam os. Não é perfeito nem feliz e rom ântico o tem po inteiro, m as é am or. E por ele aceito as dificuldades do dia a dia, as diferenças de tem peram ento, as contas para pagar, os desencontros e os sacrifícios.

Ainda há m uitos sonhos a serem vividos. Mas, finalm ente, está aqui tudo o que pedi a um a estrela.

Aliás, tem algo que não pedi, e a m ágica da vida m e deu m esm o assim . Saphira está ao m eu lado, com lágrim as nos olhos, recitando coisas que nunca vou entender.

É. Talvez sej a hora de deixá-la ler m inha m ão.

### **Agradecimentos**

À **Villas-Boas & Moss Agência e Consultoria Literária**, pelo incentivo em alçar novos voos. Luciana, m uito obrigada por acreditar em m im e por acolher os m eus sonhos em sua agência. Gabi querida e Anna, obrigada pela torcida que m e

m anteve m ais anim ada que de costum e.

À **Globo Livros**, por m e receberem com entusiasmo e profissionalism o. Eu aguentaria outros retornos de Saturno se eles term inassem em boas parcerias

com o a nossa.

À Tati Moraes pela amizade im par, e por me ajudar a encontrar o título deste livro e a voz do meu coração em meio a tantos ruídos.

À Marina Carvalho, pela amizade verdadeira neste mundo encantado da literatura; nossas conversas sempre me estimulam a prosseguir e dar o meu melhor.

Sinto-me afortunada por ter familiares e amigos que me querem bem e sempre me cercam nos melhores e piores momentos. Obrigada por me suportarem nas reviravoltas da vida, seja escutando meus desabafos ou rindo comigo. Não tenho como citar todos, mas sintam-se abraçados e contemplados:

tem um pouquinho de cada um de vocês em minhas histórias.

## Document Outline

- [Ilustração](#)
- [Folha de rosto](#)
- [Créditos](#)
- [Epígrafe](#)
- [Nota da autora](#)
- [Catorze anos atrás](#)
- [Hoje - I](#)
  - [2](#)
  - [3](#)
  - [4](#)
  - [5](#)
  - [6](#)
  - [7](#)
  - [8](#)
  - [9](#)
  - [10](#)
  - [11](#)
  - [12](#)

- [Catorze anos depois](#)
- [Agradecimentos](#)